

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM TEOLOGIA**

BENEDITO ANTÔNIO BUENO DE ALMEIDA

EMAÚS, O CAMINHO DA FÉ PASCAL: Estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35

MESTRADO EM TEOLOGIA

**SÃO PAULO
2020**

BENEDITO ANTÔNIO BUENO DE ALMEIDA

EMAÚS, O CAMINHO DA FÉ PASCAL: Estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Boris Augustin Nef Ulloa.

SÃO PAULO
2020

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Boris A. Nef Ulloa – PUC-SP (Orientador)

Prof.^a. Dr.^a. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade – UNICAP-PE

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo – PUC-SP

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

E-mail: _____

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para Teses e Dissertações com dados fornecidos pelo autor

Bueno de Almeida, Benedito Antônio
EMAÚS, O CAMINHO DA FÉ PASCAL: Estudo bíblico
teológico de Lc 24,13-35 / Benedito Antônio Bueno de
Almeida. -- São Paulo: [s.n.], 2020.
134p ; cm.

Orientador: Boris Augustin Nef Ulloa.
Dissertação (Mestrado em Teologia) -- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Teologia, 2020.

1. Lucas. 2. Evangelho. 3. Discípulos de Emaús. 4.
Transformação; Missão; Pragmalinguística. I. Nef
Ulloa, Boris Augustin. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Teologia. III. Título.

CDD

À minha mãe Maria Rosa (*in memoriam*), minha pedagoga e incentivadora no caminho da vida.

A presente dissertação foi realizada com apoio de *bolsa parcial* da Adveniat, obra de solidariedade da Igreja Alemã com a América Latina.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo dom da vida.

À minha família.

À *Pia Sociedade de São Paulo*, minha família religiosa, pelo apoio na minha formação.

Ao Prof. Dr. Pe. Boris Augustin Nef Ulloa, pela orientação neste caminho.

Aos Professores da Banca de Qualificação: Prof. Dr. Matthias Grenzer e Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, pelas observações e sugestões.

Aos professores da banca da defesa, pela participação neste evento da minha vida.

A todos os professores e colaboradores do Departamento de Teologia da PUC-SP, pela colaboração teológica e amizade.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser viabilizada e concluída.

*“[...] A hermenêutica pascal
supõe uma deslocação interior,
um distanciamento crítico
em relação às próprias posições.
Supõe Emaús.”*

José Tolentino Mendonça, em O tesouro escondido

ALMEIDA, Benedito Antônio Bueno de. **Emaús, o caminho da fé pascal**: estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35.

RESUMO

O caminho é uma perspectiva geográfica, *locus* teológico onde Deus se faz presente com o seu povo. Na travessia do seu povo rumo à terra prometida, e no retorno do exílio. Assim, também o Ressuscitado se fez presente na trajetória dos discípulos, como o fez com os discípulos de Emaús, colocando-se a caminhar com eles e se revelando ao interpretar-lhes as escrituras e na partilha do pão. Ações estas que os levaram a abrir os olhos, à transformação e à retomada do caminho rumo a Jerusalém. Lc 24,13-35, o *texto* base desta dissertação, é considerado uma das mais famosas simetrias concêntricas da Bíblia. Há uma unicidade literária. O caminho de Emaús é o lugar no qual se desenvolve a micronarrativa. Sua composição estrutural gramatical está conectada com o episódio precedente, *o túmulo vazio* (Lc 24,1-12). O texto analisado faz parte do capítulo 24, o *cotexto*, síntese do terceiro evangelho. À luz da perspectiva da pragmatolinguística na dinâmica comunicativa, destaca-se a força performativa daqueles que se deixam transformar pela mensagem do episódio de Emaús, colocando-se no caminho do discipulado, deixando-se transformar pela Palavra e pelo pão, no contexto da *Igreja em saída*. A trama é um convite ao *leitor-discípulo-missionário* a permitir-se arder o coração e testemunhar com a vida e missão, como o fizeram Cléofas e o outro caminhante, dizendo que o Senhor realmente *ressuscitou e apareceu a Simão*.

Palavras-chave: Lucas; Evangelho; Discípulos de Emaús; Transformação; Missão; Pragmatolinguística.

ALMEIDA, Benedito Antônio Bueno de. **Emmaus, the Way of Paschal Faith**: an theological biblical study on Lk 24:13-35.

ABSTRACT

The Way has na geographical perspective, it is a theological *locus* where God journey with His people. Either crossing the Wilderness towards the Promisse Land or coming back from the exile. Thus, also the Risen Lord walk along with his disciples, as He did with Emmaus's disciples. Setting out with them and revealing himself on the way while taught to them the Scripture and broke the Bread. These actions performed by Him led these disciples to opend their eyes, to change their hearts and to take the way back to Jerusalem. The perícope of Lk 24:13-35, analyze in this research, is regarded as the most symmetrical concentric chiasmus. It has a Literary oneness. The narrative takes place on the Way to Emmaus. The gramatical structure of this composition is linked with the previous account of the empty tomb (Lk 24:1-12). The co-text of the biblical passage here analyze is Lk, chapter 24. In the light of the Pragmatic linguistic approach, according in its communicative dynamics, highlight the performative action of those disciples, who let be transformed by Jesus's teaching and the break of Bread, as a missionary Church. This narrative is a invitation to the missionary-reader-disciple to allow their heart to burn and bearing witness in both sense, with their lives and sharing the mission as Cleophas and the other one did, saying the Lord is Risen indeed and showed himself to Simon.

Key-words: Luke; Gospel; Disciples of Emmaus; Transformation; Mission; Pragmatic Linguistic.

ABREVIATURAS

AT **Antigo Testamento**

Ex Êxodo

Dt Deuteronômio

Is Isaías

NT **Novo Testamento**

At Atos dos Apóstolos

Mt Mateus

Mc Marcos

Lc Lucas

Jo João

1Cor Primeira carta de São Paulo aos Coríntios

Versões da sagrada escritura

NA *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland (28ª)

Documentos da Igreja

EG Constituição Dogmática *Evangelium Gaudium*

Outras Abreviaturas

a.C. antes de Cristo

d.C. depois de Cristo

Ed. Editora

p. página

séc. século

v. versículo

vv. versículos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - O CAMINHO NO ANTIGO TESTAMENTO	19
1.1 CAMINHO NA TRADIÇÃO DO ÊXODO	19
1.2 O LUGAR DE MUDANÇA: DA SERVIDÃO AO SERVIÇO	21
1.3 O LUGAR DE CONSTRUIR RELAÇÕES SOLIDÁRIAS	22
1.4 O SERVO DO SENHOR, MEDIADOR DE UMA NOVA ESPERANÇA	23
1.5 CAMINHO NA TRADIÇÃO PROFÉTICA	25
1.6 ISRAEL CHAMADO A REFAZER O CAMINHO	26
1.7 RETORNO DO EXÍLIO, UM NOVO ÊXODO, CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO	27
1.8 O SERVO DO SENHOR, MEDIADOR DA ESPERANÇA MESSIÂNICA	29
1.9 A TORÁ, CAMINHO, VIDA E SABEDORIA	31
1.10 TORÁ: A MEMÓRIA DA ALIANÇA	33
1.11 O SÁBADO: DIA CONSAGRADO AO ESTUDO E À INTERPRETAÇÃO DA TORÁ	35
1.12 OS CAMINHOS PARA INTERPRETAR A TORÁ	36
CAPÍTULO II - COTEXTO E CONTEXTO DE LC 24,13-35	42
2.1 CONTEXTO LITERÁRIO E DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE	42
2.2 CRÍTICA TEXTUAL	45
2.3 SEGMENTAÇÃO E TRADUÇÃO	55

2.4 ANÁLISE LINGUÍSTICA -----	59
2.5 MORFOLOGIA -----	59
2.6 REDE TEXTUAL (ÁRVORE DE SUBORDINAÇÃO) -----	61
2.7 ANÁLISE DO TEXTO COMO SISTEMA SINTÁTICO-----	65
CAPÍTULO III - ANÁLISE HERMENÊUTICA-PRAGMALINGUÍSTICA-----	77
3.1 MODELOS DE COMUNICAÇÃO -----	79
3.2 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA -----	79
3.3 PRINCÍPIOS DA ANÁLISE PRAGMALINGUÍSTICA -----	82
3.4 OS ATOS LINGUÍSTICOS E SUA CLASSIFICAÇÃO-----	83
3.5 ESTRUTURA DO CONTEXTO COMUNICATIVO DE LC 24,13-35 -----	85
3.6 PRAGMÁTICA NOS QUATRO ATOS DO CAMINHO DE EMAÚS -----	93
3.7 O ENCONTRO (vv. 13-16) -----	95
3.8 A CONVERSAÇÃO PELO CAMINHO (vv. 17-27)-----	96
3.9 A CENA EM EMAÚS (vv. 28-32)-----	98
3.10 O RETORNO A JERUSALÉM (vv. 33-35)-----	99
3.11 EMAÚS, CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO E RECONHECIMENTO -----	100
3.12 O CAMINHO COMO PARADIGMA DO DISCIPULADO MISSIONÁRIO -----	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS -----	114

ANEXOS	120
ANEXO I – MAPA: APARIÇÕES DO RESSUSCITADO	120
ANEXO II – RELAÇÃO DE MANUSCRITOS	121
ANEXO III – RELAÇÃO DE VOCÁBULOS	124

INTRODUÇÃO

A presente dissertação versa sobre o *estudo bíblico-teológico do episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)*. A questão que fundamenta e motiva esta pesquisa diz respeito ao termo “caminho”, lugar onde acontece o encontro do Ressuscitado com dois discípulos que não foram capazes de compreender o fato da Ressurreição de Jesus. Analisar o termo ‘*oðós*’, “caminho”, como categoria bíblico-teológica presente cinco vezes na narrativa dos dois discípulos de Emaús (Lc 24,15.17.32.35): **(a)** verificar o sentido do termo “caminho” no Antigo Testamento; **(b)** pesquisar o termo “caminho” no Evangelho de Lucas e de modo especial em Lc 24,15.17.32.35; e **(c)** relacionar os conceitos de “caminho” conforme itens “a” e “b” e apresentar possível colaboração teológico-catequética para a experiência pascal, a partir da perspectiva pragmatolinguística.

A perícopes em referência faz parte de Lc 24, capítulo no qual são narradas as aparições do Ressuscitado:

vv. 1-12 – A aparição às mulheres e a Pedro.

vv. 13-35 - Aparição aos discípulos a caminho de Emaús.

vv. 36-49 - A aparição aos onze e aos demais discípulos.

Trata-se de uma narrativa teológico-catequética que visa responder aos problemas da comunidade lucana – ocasião de reflexão e de fé. Nesta narrativa, o tema ‘*caminho*’ diz respeito ao caminho concreto de cada batizado, muito frisado no relato (vv. 15.17.32.35). O hagiógrafo faz uma referência ao caminho concreto do batizado, em todos os tempos e em todos os lugares. Neste caminho, os discípulos experimentam a decepção, a desolação, e todo tipo de dificuldades e provações, sustentados, porém, pela ação poderosa do Ressuscitado. Assim, esta narrativa lucana se constitui numa tácita exortação a quem aderiu ao kerygma cristológico para não sucumbir perante o problema do mal no mundo. E simultaneamente é um chamado a se deixar iluminar pelo morto-ressuscitado, cuja presença deve ser iluminada pelas Escrituras e no partir o pão. Para, então, se colocar a serviço do desígnio salvífico de Deus, que vence o mal e renova a história.

Com esta pesquisa pretende-se uma viagem nesse “caminho”, à luz da experiência dos discípulos de Emaús, com base no conhecimento da Palavra, que nos ajuda a entender o escândalo da cruz e tem o poder de esquentar o coração desiludido, e levar ao conhecimento do

Ressuscitado, percorrendo um caminho que nos leve ao reconhecimento de Jesus mediante a escuta que muda o coração e nos conduz à missão.

O v. 13, início da narrativa, é marcado pelo tema geográfico que constitui um dos assuntos teológicos presentes nesta perícope: os discípulos estão a caminho de Emaús; esta ação é marcada pelo verbo πορευόμενοι (particípio; presente; passivo; nominativo; masculino; plural).

Os vv. 14-32 marcam o desenvolvimento da narrativa tecida por uma estrutura quiástica, mediante uma composição concêntrica. Alguns elementos marcam o desenvolvimento da perícope/estrutura: os discípulos sozinhos, sua partida e seu retorno para Jerusalém, de desânimo e a esperança como atitudes opostas dos protagonistas.

Considerando que os vv. 33-35 tratam da situação final (conclusiva), o retorno dos discípulos para Jerusalém é marcado pelo verbo “ἀναστάντες” (particípio; aoristo; ativo; nominativo; masculino; plural), os discípulos “*tendo se levantado*”. E pelo verbo “ὑπέστρεψαν” (indicativo; aoristo ativo; 3ª pessoa do plural), “*voltaram*” para Jerusalém e testemunham o acontecido no caminho.

A metodologia adotada é a abordagem pragmalinguística. Esta perspectiva segue os princípios da leitura sincrônica do texto, e servindo-se da riqueza e contribuição de outros métodos hermenêuticos que a precederam, tem como fundamento o fato que todo texto entra em diálogo com seu leitor com o intuito de produzir algum tipo de efeito; contudo toda mensagem oral ou escrita nasce dentro de um contexto concreto.

Para a pragmática o texto programa a leitura, no sentido que o texto propõe ao seu leitor um itinerário a seguir; este caminho se faz necessário para a sua compreensão da mensagem que o autor transmite. Assim, o texto constrói o leitor; transmite-lhe um sistema de valores e um código cultural. Aplicada ao texto bíblico, esta abordagem exige do leitor (discípulo) um esforço interpretativo, convidando-o a se inserir no mundo do relato e se deixar confrontar pela mensagem divina.

A tarefa exegética, segundo a pragmalinguística, consiste em descobrir no texto bíblico a intenção do autor, desconhecida ao leitor devido à distância histórico-cultural entre ambos. A identificação da intenção de um texto, e da realidade à qual este busca responder, é o

primeiro passo da hermenêutica. Como evento comunicativo, a mensagem escrita constitui-se de diversos atos linguísticos, nos quais autor e leitor interagem para que haja de fato uma verdadeira compreensão do que de fato o emissor quer transmitir, um ato de cooperação.

A tessitura desta pesquisa se orientará à luz das instruções da Pontifícia Comissão Bíblica e dos atuais manuais de exegese bíblica. Os passos metodológicos a serem seguidos para a análise serão: a delimitação da perícopa; a crítica textual; segmentação e tradução do texto e a análise linguística. Este exame será realizado a partir do texto grego, conforme 28ª edição do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland.

Esta pesquisa constitui-se de três capítulos nos quais são apresenta-se o desenvolvimento da pesquisa, e de considerações finais na qual apresentaremos as conclusões da pesquisa. Nesse sentido:

Capítulo I – “O caminho no Antigo Testamento” – Tem por objetivo aprofundar o caminho como *locus* teológico no qual Deus se faz presente com o seu povo. Nesse sentido, apresentamos o caminho na tradição do êxodo como lugar de mudança, da construção de relações solidárias e Moisés como mediador de Deus, na escuta e no diálogo. Onde a experiência do êxodo foi fundante para o Judaísmo e o Cristianismo. Israel, ao ser conduzido por YHWH, pelo caminho do deserto, adquire a consciência de povo escolhido que foi liberto. O caminho na tradição profética, no qual Israel responde ao apelo de refazer caminho por meio do qual acontece a transformação do deserto e a presença do Servo do Senhor como mediador da esperança messiânica. Pois, o profeta anuncia que Deus caminha com o seu povo e muito em breve colocará um fim ao seu exílio, conduzindo-o de volta à sua terra, que será reconstruída e reorganizada, tendo como centro Torá, caminho de sabedoria que instrui e direciona o povo de Judá.

O segundo templo teve uma grande influência sobre os escritos neotestamentários e, portanto, presentes também no texto dos Discípulos de Emaús, pois Jesus e seus apóstolos leram as Escrituras através das lentes deste período.

Capítulo II – Cotexto e contexto Lc 24,13-35 – Consiste em estabelecer as bases literárias e exegéticas para da perícopa escolhida. Após situar o tema do caminho no contexto teológico do AT, a metodologia pragmática linguística prevê, neste segundo momento, a análise sintático-gramatical – dando destaque ao léxico das palavras que mais se destacam no

relato lucano. A seguir, evidencia-se a concepção lucana do caminho, especificamente nos eventos finais do terceiro Evangelho, a partir das edições críticas. Os passos metodológicos seguidos para a análise exegética serão: a delimitação da perícopes; a crítica textual; segmentação e tradução do texto e a análise linguística.

Capítulo III – Análise hermenêutica-pragmalinguística – Procura evidenciar o complexo pragmático-teológico do texto, na perspectiva da abordagem da pragmalinguística, partindo do pressuposto que todo texto é um evento comunicativo, em que se estabelece um diálogo entre autor, texto e leitor. Assim, a tarefa exegética, segundo esta abordagem, consiste em descobrir no texto bíblico, a intenção do autor, desconhecida ao leitor devido à distância histórico-cultural entre ambos. A identificação da intenção de um texto e da realidade à qual esta busca responder, é o primeiro passo da hermenêutica. Como evento comunicativo, a mensagem escrita constitui-se de diversos atos linguísticos, nos quais autor e leitor interagem para que haja de fato uma verdadeira compreensão do que de fato o emitente quer transmitir.

Nas considerações finais, buscou-se apresentar os resultados da pesquisa. E a partir da perspectiva da pragmalinguística numa dinâmica comunicativa, demonstrar as implicações hermenêuticas do episódio de Emaús na transformação do leitor de hoje, o leitor empírico. Eis o caminho trilhado nesta pesquisa. “Senhor [...], peço-te, caminha conosco” (Ex 34,9) nesta jornada.

CAPÍTULO I - O CAMINHO NO ANTIGO TESTAMENTO

O primeiro capítulo deste estudo se propõe analisar o termo *Caminho* à luz da teologia do Antigo Testamento como fonte de inspiração à obra lucana. Essa análise assume a posição comum dos estudos bíblicos contemporâneos onde Lucas-Atos formam uma única grande obra literária em dois volumes.¹ A abordagem exegética a ser utilizada será a pragmática, sob o aspecto sincrônico, numa perspectiva comunicativa, seguindo os passos metodológicos da aplicação da pragmático-linguística à exegese. Segundo esta metodologia, a primeira tarefa exegética consiste em situar o texto em seu contexto, pois, enquanto ação comunicativa, todo texto bíblico está intrinsecamente ligado a um contexto literário, histórico, cultural e teológico.²

1.1 CAMINHO NA TRADIÇÃO DO ÊXODO

As narrativas dos hebreus que se colocam a caminho para sair do Egito é um tema central na teologia do Antigo Testamento. São várias as fontes literárias que relatam a experiência do êxodo. A tradição do êxodo reúne diversos relatos acerca do caminho que o povo de Deus percorreu pelo deserto. Esses escritos foram compostos por um longo período histórico, influenciados por relatos orais e escritos.³ A experiência do êxodo foi fundante para o Judaísmo e o Cristianismo. O povo de Deus escolhido, ao se deixar conduzir por YHWH, no caminho do deserto, adquire a consciência que foi escolhido para viver na liberdade.

Quando, por sua vez, chega o momento da saída da casa dos escravos (cf. Ex 20,2), o processo de libertação não se limita a que tem a mesma descendência israelita. Pelo contrário: junto com Israel, sai uma massa numerosa de gente não israelita (cf. Ex 12,38). Por isso, o êxodo não pode ser avaliado como projeto nacional unicamente israelita. Pelo contrário, prevê-se a libertação do povo inteiro dos oprimidos.⁴

¹ AGUIRRE, Rafael; BERNABÉ, Carmen; GIL, Carlos. **Guías de Lectura de los Evangelios de Mateo, Marcos y Lucas**. Navarra/Espanã: Editorial Verbo Divino, 2014, p. 155.

² GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e Pragmatica nell'exegesi biblica**. Roma, Edizioni San Paolo, 2016, p. 63.

³ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 225. Nesta pesquisa o termo *Tradição* do êxodo refere-se às várias tradições escritas e orais que compuseram o livro do Êxodo. Cf. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; ROLLAND, E. Murphy. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - Antigo Testamento 1**. ed. São Paulo, Academia Cristã / Paulus, 2012, p. 129. A tradição literária do êxodo é uma compilação de diversas tradições de variadas épocas, com a predominância do redator P no séc. VI a.C.

⁴ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Mathias. **Êxodo 15,22-18,27**. Coleção Comentários Bíblicos. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 12.

O relato da caminhada pelo deserto do povo escolhido pelo deserto (Ex 13,8-9) revela um Deus que se faz tão próximo, que liberta este grupo de hebreus que eram vítimas da opressão no Egito. Em diferentes épocas, este povo que constitui a Aliança com YHWH retoma a experiência do caminho do deserto fazendo novas interpretações para manter viva a memória da presença de Deus que conduz seu povo à liberdade e à posse da terra.⁵ Essa intervenção divina é explicada somente pela compaixão de YHWH, que é fiel à sua Aliança. Uma das características literárias da narrativa do caminho, na tradição do êxodo, é sua perspectiva geográfica: é no deserto,⁶ lugar de escassez e provação que Israel se encontra com YHWH; é neste espaço que Ele se faz presente na caminhada, acompanhando de perto as dificuldades de seu povo.⁷ Do ponto de vista teológico, o êxodo é o momento em que Deus se deu a conhecer ao seu povo, como aquele que salva, liberta e que dá a Torá. A teofania do Sinai constitui a fé identitária de Israel e a observância dos mandamentos, as normas e regulamentos da comunidade, o culto e os rituais litúrgicos são integrados em períodos posteriores; tais elementos são integrados na memória coletiva da experiência do deserto.⁸

A temática da teofania tem como função apresentar Moisés como mediador entre YHWH e seu povo (Ex 3,1-21; 6,2-13; 19,20-25); ele recebe a missão de ser o mensageiro que transmite ao povo todas as orientações que ouviu do Senhor (Ex 20,22-26). Na tradição literária do êxodo, o Mar Vermelho e a Montanha do Sinai são o *locus* da grande manifestação divina (Ex 18,1-12; 19,16).⁹ Moisés, enquanto mediador humano, sobe a montanha receber as palavras de YHWH (Ex 20,1-21). Este chamado assemelha-se à cena da sarça ardente (Ex 3), quando Moisés recebe a missão de resgatar o povo escravizado; porém aqui sua função é apresentar ao povo a proposta divina da Aliança.¹⁰

⁵ DOZEMAN, Thomas. **Commentary on Exodus**. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009, p. 44

⁶ Cf. WIÉNER, Claude. O Dêutero-Isaías: o profeta do novo êxodo. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 22. Esse termo (bem como o sinônimo 'estepe') designa geralmente o espaço que se estende entre duas cidades: deve ser transformado em lugar de passagem, com belas árvores, regado por fontes; lugar de medo e angústia, deve se tornar um lugar de felicidade.

⁷ *Ibidem*, p. 118.

⁸ MEYERS, Carol. **Exodus: the New Cambridge Bible Commentary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 142

⁹ VERVENNE, Marc. **Studies in the Book of Exodus: Redaction, Reception, Interpretation**. Leuven: Leuven University Press, 1996, p. 117.

¹⁰ *Ibidem*, p. 131.

Na narrativa geográfica, os elementos do deserto têm papel fundamental na compreensão do sentido teológico do texto.¹¹ Na caracterização do caminho, o povo experimenta a dura realidade de miséria, privações e desorientação pela falta de água e de alimento (Ex 15, 22-23). É o lugar da provação, de purificação, de retorno ao essencial, portanto, de discernimento, da mudança de vida. É, assim, o lugar onde Deus intervém e transforma a realidade de sofrimento em conforto (Ex 16,6-8.12-16):

Começa a ficar claro que o projeto da saída da sociedade opressora significa sair rumo ao deserto, sem que a comunidade conheça os lugares de descanso e de abastecimento. E, quando se chega a um lugar, pode ser que não encontre, imediatamente, aquilo de que mais se precisa. Decepções e desilusões, desorientação e miséria podem ser enfrentadas. Ou seja: o caminho rumo à liberdade pode ter de passar por Mara, por muitas amarguras.¹²

1.2 O LUGAR DE MUDANÇA: DA SERVIDÃO AO SERVIÇO

As várias cenas descritas na teofania, quando Moisés sobe a montanha do Sinai, mostram que, gradualmente, toda comunidade participa desse momento solene (Ex 19,7-8.10.14,16-17; 24,1-9). Todos veem e ouvem os sinais da manifestação divina, que não é um ato privado entre YHWH e seu mediador. Desse modo também a Torá é entregue a todos! O povo liberto da casa da servidão é chamado a acolher as normas diretivas que orientam a vida em todos os aspectos (Ex 19,24-25). Assim, o percurso da narrativa do êxodo evidencia que é no caminho que YHWH estabelece sua Aliança com Israel; este evento significa uma mudança radical de *status* e lugar: da casa da servidão (do Egito sob o jugo do Faraó) este povo se coloca a serviço de Deus (no deserto) rumo à Terra Prometida.¹³ Para se tornar o povo de YHWH, Israel aceita livremente a escolha divina e a observância da Torá (Ex 20,1-17).¹⁴

O caminhar de Israel pelo deserto é um aprendizado de inconsistências, infidelidades e renovação contínua da Aliança que recoloca o povo como aquele que serve a YHWH. Israel demora a corresponder à gratuidade divina; tomando a decisão de caminhar no seu próprio passo, ainda não pronto a servir ao Senhor, comete infidelidades ao construir outros deuses

¹¹ BECK, John A. **Geography and Narrative Shape of Numbers**, 13. Dallas Theological Seminary: Bibliotheca Sacra, v. 157. n. 627, 2000, p. 104.

¹² FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Mathias. **Êxodo 15,22-18,27**. Coleção Comentários Bíblicos. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 15.

¹³ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**, p. 227.

¹⁴ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; ROLLAND, E. Murphy. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2012, p. 143.

(cf. Ex 32,1).¹⁵ Moisés é apresentado como aquele que por escolha divina tem autoridade para ser o mediador que intercede pelo povo diante do Senhor. No deserto, o caminho exige contínua renovação do coração e da Aliança (Ex 35,4-29). Ao narrar a memória desse acontecimento central, se recordam as maravilhas realizadas pelo Senhor no Egito, e ao mesmo tempo, se vislumbra o futuro na Terra Prometida, sinal de bênção e cumprimento das promessas aos antepassados; da parte de Israel, Deus exige cumplicidade:

A recitação do êxodo, seja como sentença declarativa simples que manifesta a gramática teológica primária de Israel ou como narrativa mais ampla, torna-se algo paradigmático para o testemunho de Israel sobre Javé. Além disso, torna-se uma lente interpretativa que guia, informa e disciplina os pronunciamentos de Israel sobre muitos aspectos da sua vida.¹⁶

1.3 O LUGAR DE CONSTRUIR RELAÇÕES SOLIDÁRIAS

Segundo o relato do Êxodo, Israel permaneceu no deserto por quarenta anos. Isto não foi accidental, mas o tempo necessário para construir sua relação amorosa com YHWH, que dia e noite estava com seu povo na metáfora da nuvem e do fogo (Ex 40,36-38). Embora Moisés caminhasse à frente das tribos, passando por vários lugares: deserto de Sur (Ex 15,22), deserto de Sin (Ex 16,1), deserto do Sinai (Ex 19,1) e deserto de Farã (Nm 12,16), quem de fato conduz Israel pelo caminho é o Senhor: “Lembra-te, porém de todo caminho que YHWH teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto [...]” (Dt 8,2). Por sua natureza, a experiência do deserto retira de Israel certas seguranças antigas, como a de ter comida aparentemente o deixa vulnerável e dependente da providência divina, como esperar pelo maná (Ex 16,31); mas lidar com as adversidades foi condição fundamental para que Israel construísse uma relação sólida com YHWH.¹⁷

Os mandamentos que o povo de Deus escolhido recebe no deserto são apresentados a toda comunidade, para essa estabelecer um vínculo com YHWH, como seu único Deus, para que não volte mais à condição de escravidão, abandonando as relações de opressão da casa do Faraó, passando a construir novas relações fundamentadas na prática da justiça¹⁸ Dessa forma,

¹⁵ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; ROLLAND, E. Murphy. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2012, p. 156.

¹⁶ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2014, p. 256.

¹⁷ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Mathias. **Êxodo 15,22-18,27: Coleção Comentários Bíblicos**. São Paulo: Paulinas, p. 38.

¹⁸ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014. p. 263.

os três primeiros mandamentos estabelecem uma relação de senhorio entre Deus e seu povo. Na narrativa do Sinai, a observância desses preceitos é fundamental para Israel, porque a relação de Aliança pressupõe a prática dos mandamentos.¹⁹

A Torá que YHWH entrega a Israel é também diretiva para a construção de relações humanas e justas dentro da comunidade. Os mandamentos exigem que a legitimidade dos direitos individuais e sociais básicos dos membros da comunidade possam ser respeitados. Os limites colocados são essenciais para que cada pessoa se torne um membro responsável pela proteção de todos.²⁰ O conjunto de normas e restrições visam não somente o cuidado da dignidade das pessoas, mas também de seus pertences, no que se refere à instituição da justiça e do direito, como menciona Grenzer:

Portanto, o funcionamento do judiciário, na base do direito, é defendido pelo legislador israelita como fundamento imprescindível na instituição da justiça. É o contexto pressuposto para todas as questões. Aqui se encontram os limites de um povo bem constituído. Como razões de tudo isso são alegadas a vontade divina e a razão do homem, pois Deus não declara justo o culpado [...] e a participação no crime apenas cega os perspicazes [...].²¹

O conjunto de valores expressos no decálogo garante a construção de relações sociais sólidas para uma verdadeira prática da justiça social. E posteriormente estará no centro da Torá para nortear os princípios éticos, judiciários (Ex 23,1-8), no cultivo da solidariedade com os mais necessitados, na hospitalidade com o estrangeiro.

1.4 O SERVO DO SENHOR, MEDIADOR DE UMA NOVA ESPERANÇA

Nos eventos do caminho, quando este grupo de escravos deixa o Egito rumo à liberdade e estabelece a Aliança no Sinai, a figura de Moisés como mediador entre YHWH e o povo domina vários episódios. O papel carismático que ele exerce é aquele de escuta Deus e também seu povo, por isso é capaz de intermediar o diálogo. Para desempenhar tal função, Moisés é preparado por YHWH, no caminho da sua vida. Primeiro isso ocorre em seu nascimento, quando é salvo das águas (Ex 2,1-10), depois no monte Sinai, quando YHWH se revela a Moisés (Ex 3-4).²² A narrativa do diálogo entre YHWH e ele no episódio da sarça ardente é a

¹⁹ BECK, John A. **Land Without Borders: How God Guides You Through the Wilderness**. Grand Rapids, Michigan: Discovery House, 2018, p. 21.

²⁰ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**, p. 264.

²¹ GRENZER, Mathias. **O Projeto do Êxodo**. 2. edição ampliada. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 160.

²² POLAK, Frank. **Theophany and mediator: The unfolding of the theme in the Book of Exodus**. *Disponível em*: M. Vervenne, the Book of Exodus. Leuven: Leuven University Press, 1996, p. 113.

cena de abertura, na qual Deus revela que conhece a situação de sofrimento de seu povo. Essa cena envolve apenas o diálogo entre Moisés e YHWH, e a proximidade de ambos é surpreendente.²³ Esse pequeno relato coloca as bases de como será construída essa relação de diálogo e escuta em todo o caminho do êxodo. A revelação divina, a relação especial entre YHWH e o povo de Israel, o papel de Moisés nos dois grandes eventos que permanecem na memória de Israel: a libertação do Egito e a Aliança realizada no Sinai.²⁴

Na narrativa das dez pragas Moisés assume o papel da liderança que escuta as queixas do seu povo e dialoga com YHWH. Ele também é enviado continuamente a negociar com o Faraó (Ex 7,14-15; 8,16-20; 9,1-7). O conteúdo do diálogo entre Moisés e YHWH é a negociação da liberdade do povo; ele é quem reporta ao Faraó o pedido de YHWH. Deixar seu povo partir, para celebrar uma festa no deserto para YHWH (Ex 5,1.16).²⁵ Diante das dificuldades do caminho pelo deserto, Moisés apresenta a YHWH o grito de seu povo (Ex 2,23-25). Em todas as narrativas, Deus não fala de forma direta com o povo, mas por meio de Moisés (Ex 15,25-26).²⁶

No grande evento do Sinai (Ex 19-20), quando YHWH emite e entrega os dez mandamentos, Moisés recebe do Senhor a missão de receber a Torá das mãos de Deus e transmiti-la ao povo.²⁷ O seu perfil de intercessor, capaz de escutar e dialogar, faz com que Moisés seja aceito por Israel como a verdadeira voz de comando de YHWH.²⁸ No entanto, essa liderança é exercida em meio aos desafios de incompreensões e murmurações por parte do povo (Ex 15-22-27; 16,1-36; 17,1-3). Continuamente é colocada à prova sua capacidade de ouvir e gerenciar as dificuldades no diálogo com as lideranças do povo (Ex 18,13-26). Vários textos apresentam que YHWH é aquele que instrui Moisés a exercer a escuta e a prática do diálogo (Ex 17, 4-7; 19,9-16; 20,22-24).²⁹

²³ POLAK, Frank. **Theophany and mediator**: The unfolding of the theme in the Book of Exodus. Disponível em: M. Vervenne, the Book of Exodus. Leuven: Leuven University Press, 1996, p. 118.

²⁴ *Ibidem*, p. 119.

²⁵ GRENZER, Mathias. **O projeto do Êxodo**, p. 54.

²⁶ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa, p. 264.

²⁷ *Ibidem*, p. 263.

²⁸ *Ibidem*, p. 266.

²⁹ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Mathias. **Êxodo 15,22-18,27**, p. 66.

1.5 CAMINHO NA TRADIÇÃO PROFÉTICA

A profunda experiência exodal de Israel foi, no decorrer de sua história, reatualizada nos momentos de dificuldades. O caminhar com YHWH pelo deserto imprimiu uma característica espiritual na fé de Israel, que se tornou o paradigma de discernimento e luz em outras circunstâncias, no sentido de adotar uma conduta de vida segundo os ensinamentos da Torá.³⁰ Retomar o caminho com o Senhor é o tema central do Deutero-Isaías, onde o profeta relata a difícil realidade de dispersão do exílio.³¹ O Dêutero-Isaías dirige-se às comunidades dos Israelitas da segunda geração após a invasão da Babilônia.³² Os capítulos de 40-55 foram escritos pelo movimento profético do pós-exílio, com o objetivo de suscitar a esperança dos exilados e dispersos diante do declínio da Babilônia e a possibilidade de fazer um segundo êxodo.³³

Para uma parte significativa de Israel, o exílio significou perda da terra, deportação, destruição e devastação. Com a invasão da Babilônia, Israel perdeu o domínio sobre sua terra, o Templo foi destruído e a monarquia davídica chegou ao fim; como no Egito, parte do povo escolhido volta a viver numa terra estrangeira e os que permanecem na terra, governados por um poder estrangeiro. Sua desesperança nasce de uma grande derrota. É nesse contexto que o profeta retoma a narrativa do caminho percorrido na saída do Egito, para transmitir uma mensagem de esperança que consiste em retomar o caminho de uma forma renovada, como um segundo êxodo.³⁴ A teologia do Dêutero-Isaías está em continuidade com os cantores do templo, que compuseram o livro das Lamentações.³⁵ No início de Is 40 o profeta introduz o tema do caminho com uma proclamação de esperança e consolação para Israel: “Uma voz clama: No deserto, abri um caminho para YHWH; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus” (Is 40,3).³⁶

³⁰ LIM, Bo H. **The Way of the Lord in the Book of Isaiah**. London, New York: T&T Clark International, 2020, p. 3

³¹ GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias**. São Paulo, Editora Teológica: Edições Loyola, 2005, p. 210.

³² *Ibidem*, p. 214. O autor do livro chamado Dêutero-Isaías é um profeta anônimo que atuou no final da dominação babilônica, quando o Império Persa estava despontando sob o comando do rei Ciro. O profeta anuncia a salvação de YHWH que colocará um fim no exílio.

³³ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 50.

³⁴ GARY, W. Ligth. **Isaiah**. Westminster John Knox Press. Louisville, London, 2001, p. 56.

³⁵ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 50.

³⁶ Cf. WIÉNER, Claude. **O Dêutero-Isaías: o profeta do novo êxodo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 80. O evangelho se abre sob o signo do Dêutero-Isaías. A própria palavra evangelho (Mc 1,1 etc.) deriva, em boa parte, do nosso profeta, como dissemos. E o precursor de Jesus nos é apresentado com as mesmas palavras do começo do c. 40 [...] (Mt 3,3; Mc 1,3; Lc 3,4-6; Jo 1,23).

O projeto profético do segundo livro de Isaías consiste em suscitar a esperança dos desconsolados (Is 40,27; 49,1-4), lembrando que YHWH não abandona seu povo. Como assinala Schwantes (1987, p. 90): “Dêutero-Isaías é profeta do novo. Seu dom é anunciar sua irrupção. Sua tarefa é evangelizar (40,9).³⁷ O profeta anuncia que Deus caminha com seu povo e muito em breve colocará um fim em seus sofrimentos, conduzindo os que estavam dispersos de volta à sua terra, que será reconstruída e repovoada.³⁸ O profeta retoma o tema do caminho do êxodo para descrever o retorno do caminho de volta do exílio da Babilônia. Assim sendo, o retorno das elites de Judá deportadas para a Babilônia estabelece um paralelo, em vários aspectos, com a caminhada de Israel quando saiu do Egito.³⁹ Os exilados reconhecem que YHWH é o mesmo, cuja identidade foi já manifesta no primeiro êxodo. Em sua narrativa, para caracterizar o caminho de volta do exílio, o profeta usa muitas imagens e a linguagem da narrativa do Êxodo.⁴⁰

1.6 ISRAEL CHAMADO A REFAZER O CAMINHO

Os acontecimentos que se sucederam no caminho do primeiro êxodo, quando YHWH com mão forte e braço estendido conduziu seu povo pelo caminho do deserto, se mantiveram vivos na memória do povo, se tornaram parte de sua identidade religiosa. A Lei do amor e da misericórdia, que foi entregue por meio de Moisés ao seu povo, foi conservada pela tradição e constitui-se parte essencial de seu credo histórico (Dt 26,5-9).⁴¹

Isaías 40-55 começa e termina com a menção do caminho do novo êxodo (40,3-5 e 55,9), e esse regresso é espetacular:

O regresso é descrito como algo espetacular em nossa profecia anônima. Em meio ao deserto que, em linha reta, separa a Babilônia da Palestina, será construída uma estrada, aterrada, aplainada, sem curvas. Uma verdadeira via expressa! Às suas margens o arvoredo propiciará sombra (55,12). Água não faltará, porque sairá das rochas (48,21). Montes e árvores baterão palmas (55,12) para o corte dos que retornam. Javé ser-lhes-á retaguarda e vanguarda (52,12), para que não lhes suceda nada

³⁷ SCHWANTES, Milton. **Sofrimento e esperança no exílio**: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Leopoldo-RS: Sinodal. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 90.

³⁸ *Ibidem*, p. 51.

³⁹ GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias, p. 214.

⁴⁰ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento**: história, escritura e teologia, p. 408-409.

⁴¹ VENANCIO, Maria Aparecida; VIEIRA, Geraldo Dondici. **O novo êxodo**: opressão e libertação no séc. VI a.C. Juiz de Fora: CES Revista, v. 29, n. 1, jan/jul., 2015, p. 79.

de mal. Sim, o cuidado divino será tamanho que se parecerá ao resgate de cordeirinhos.⁴²

Vários oráculos renovam o convite a Israel para refazer o caminho (Is 42,16; 43,16-20; 49,8-9; 51,10-11). No entanto, entre o primeiro e o segundo êxodo, há continuidade e descon continuidades tanto literárias como teológicas. Uma segunda peregrinação pelo deserto era necessária para que Israel pudesse retomar a Aliança com uma fidelidade mais radical e mudar o curso de sua história.⁴³ A continuidade teológica diz respeito à ação salvífica de Deus que será mantida no segundo êxodo como foi no primeiro. A linguagem profética apresenta uma descon continuidade literária e teológica ao descrever o novo evento como um retorno do povo a Jerusalém.⁴⁴ O *locus* teológico é totalmente novo; o retorno do exílio transforma o sentido do caminho pelo deserto. Esse é uma recordação histórica, mas também um anseio de um futuro no qual se poderá ver e ouvir a manifestação divina de maneira renovada.

1.7 RETORNO DO EXÍLIO, UM NOVO ÊXODO, CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO

A situação de dispersão de Judá durante o exílio, longe de casa, de Jerusalém e do Templo, suscitou uma retomada da fé entre os exilados que recusaram aceitar a condição de deportados como culminação de seu destino.⁴⁵ O uso da tradição do êxodo no Dêutero-Isaías serve de instrumento para fortalecer a identidade da comunidade dos exilados durante sua reconstrução de povo escolhido e reintegração na terra.⁴⁶ O profeta expressa a necessidade de ressignificar a Aliança com YHWH.⁴⁷ A marginalidade política, social e religiosa em que se encontravam, o levou a retomar a Torá recebida no deserto com espírito renovado, reconhe-

⁴² VENANCIO, Maria Aparecida; VIEIRA, Geraldo Dondici. **O novo êxodo**: opressão e libertação no séc. VI a.C. Juiz de Fora: CES Revista, v. 29, n. 1, p. 77 jan/jul., 2015, p. 93.

⁴³ BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 426.

⁴⁴ LIM, Bo H. **The Way of The Lord' in the Book of Isaiah**. New York: Published by T&T Clark International, 2010, p. 12. A teologia do Segundo Isaías não enfatiza tanto YHWH liderando a caminhada pelo deserto, mas tomando a iniciativa de vir ao encontro do povo. Como Ele se encontra do outro lado do deserto, é de inteira responsabilidade de Israel preparar, aplainar e remover todos os obstáculos do caminho que possam impedir este encontro.

⁴⁵ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa, p. 578.

⁴⁶ PAO, David W. **Acts and Isaianic New Exodus**, p. 12.

⁴⁷ SHALOM, M. Paul. **Isaiah 40 – 66**: translation and Commentary. Grand Rapids, Michigan: William B Eerdmans Publishing Company, 2012, p. 12. O mote do Êxodo no Dêutero-Isaías faz uma forte alusão à historicidade deste evento para consolar e confirmar o plano de Deus em resgatar novamente seu povo; encoraja a comunidade para o esplendor do futuro retorno.

cendo sua infidelidade. Dessa forma, a linguagem do Segundo Isaías reacende a esperança de reencontrar YHWH no caminho.⁴⁸

A preparação do caminho no deserto é a primeira imagem que o Segundo Isaías apresenta para falar do novo êxodo. O retorno apresentado pelo profeta exige que a comunidade dispersa prepare o encontro, removendo os obstáculos.⁴⁹ O texto de Is 40,3 situa o encontro com YHWH no deserto. O imaginário construído pelo texto não coloca o Senhor à frente do povo, mas vindo ao seu encontro no meio do deserto. Uma voz clama para que esta vinda seja preparada no sentido físico e espiritual.⁵⁰ Primeiro a voz clama, permitindo que se faça um caminho que cruza o deserto; este deve ser reto, aplainado, sem obstáculos para que se favoreça o encontro de YHWH com seu povo.⁵¹ Precisa ser traçado, livre de montes e curvas; tem de passar por uma grande transformação antes que a comunidade dos repatriados se encontre com YHWH. E o profeta insiste que toda essa preparação é para Deus. O verbo aplainar indica que o lugar do encontro precisa ser nivelado, endireitado, entulhado e transformado. Essas ações a serem realizadas são sinais das coisas novas que YHWH está prestes a realizar com seu povo.⁵²

A linguagem usada para descrever o retorno dos exilados é figurada. O profeta faz uso da poesia para falar do retorno do coração para YHWH.⁵³ A volta para o Senhor é descrita como uma procissão magnífica, e Deus mesmo vai marchar à sua frente (Is 43,16-21). O deserto será transformado e as forças da natureza irão cooperar para esta salvação esplendorosa. O contraste do texto Is 43,16-21 estabelece um paralelo da novidade. No novo êxodo o caminho em direção ao deserto é o convite à integração de um povo disperso. Enquanto que no primeiro êxodo o povo caminhou do Egito, casa da servidão, para Canaã, o segundo marca a saída da dispersão provocada pela dominação estrangeira para a nova Sião.⁵⁴ Esse novo é para todas as comunidades que estão espalhadas no mundo, porque é consequência do perdão de YHWH que reconstrói a esperança de seu povo e reúne seu povo disperso.

⁴⁸ SHALOM, M. Paul. **Isaiah 40 – 66: translation and Commentary**. Grand Rapids, Michigan: William B Eerdmans Publishing Company, 2012, p. 583.

⁴⁹ LIM, Bo H. **The Way of The Lord' in the Book of Isaiah**. New York: Published by T&T Clark International, 2010, p. 8.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 10.

⁵¹ *Ibidem*, p. 15.

⁵² KAPELRUD, Arvid S. **The Main Concern of Second Isaiah**. JSTOR. v. 32, n. 1, Jan. 1982, p. 53.

⁵³ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**, p. 415.

⁵⁴ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 52.

A linguagem da transformação do deserto é uma metáfora do que vai acontecer na volta do exílio. O lugar de aridez se tornará o lugar do encontro amoroso com YHWH (Is 41,17-20); não haverá escassez de água, pois YHWH transforma o deserto em fontes e rios. Entre a Babilônia e Judá está situado o vasto deserto da Arábia, onde será aberto o caminho. Então na restauração futura de Sião o deserto, lugar de desolação, se transformará em lugar de felicidade e alegria. No caminho do primeiro êxodo, Israel caminhou através de um ambiente hostil, experimentou sede e fome, mas no segundo será por um caminho agradável, pois YHWH vai fazer brotar fontes de águas puras (Is 41,18) e nascer árvores frondosas (Is 41,19). Porém, YHWH continua o mesmo, realizando maravilhas em ambos caminhos.⁵⁵ Pois trata-se de um Deus “antes de tudo ativo, que se manifesta desde sempre, através dos acontecimentos, que especialmente vai ‘fazer algo novo’ no momento em que fala o profeta algo ‘novo’ que prolongará superando todas as maravilhas de outrora, em particular as do Êxodo.”⁵⁶

Pois, “o mais maravilhoso não está naquele passado que Israel sempre considerou como inesquecível, mas no futuro. Não apenas haverá um novo êxodo, mas este será tão belo que se esquecerá o antigo. O Senhor é sempre criador [...], ele não terminou de maravilhar os seus.”⁵⁷

1.8 O SERVO DO SENHOR, MEDIADOR DA ESPERANÇA MESSIÂNICA

No livro do Segundo Isaías, a imagem do caminho no deserto, a transformação do deserto e as providências divinas no caminho têm como destino final Sião, a terra pátria. A Sião estéril vai se tornar radiante. O Dêutero-Isaías igualmente destaca a figura de Ciro, rei da Pérsia, como instrumento de ajuda para YHWH retirar seu povo exilado na Babilônia.⁵⁸ Porém, o seu mediador será o Servo de Javé, que desempenhará um papel importante entre Deus e o povo. O próprio Deus apresenta sua identidade: “Eis o meu servo a que sustento; o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu Espírito, ele trará o direito às nações” (Is 42,1).

⁵⁵ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 53.

⁵⁶ WIÉNER, Claude. **O Dêutero-Isaías**: o profeta do novo êxodo. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 20.

⁵⁷ *Idem*, p. 50.

⁵⁸ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento**: história, escritura e teologia, p. 413. O profeta anônimo do século VI coloca seus ditos proféticos a serviço de Ciro, novo rei que desponta no Oriente Próximo. No contexto mais amplo da situação política da época é necessário aceitar a autoridade do rei como uma possibilidade de retornar do exílio.

O texto de Is 42,1 pertence à seção do Dêutero-Isaías, chamada Cântico do Servo; ao todo são quatro cânticos (Is 49,1-6; 50,4; 52,13; 53,12). O termo servo ocorre em muitas outras passagens nos capítulos 40-55. Deus o designou como servo, ele foi eleito para esta função:

[...] o Servo é um escravo, solidário com a “cana quebrada”, com a gente cansada, em dúvida quanto à eficácia de sua labuta. Sucumbe em meio a dores e perseguições. É vencido. E este vencido e sofredor é vitorioso. Em suas deformações, “levou sobre si o pecado de muitos” (53,12).⁵⁹

O Senhor colocou sobre ele seu Espírito. É o Espírito do Senhor que possibilita e o consagra para realizar sua missão. Tal missão já iniciou em Is 40,3 quando ele anunciou que era preciso abrir um caminho para o Senhor.⁶⁰ Por isso, ele é um servo que age com o povo e pelo povo; o servo reunirá a comunidade dos dispersos, reconstruindo a unidade. YHWH o elegeu para trazer o direito, seu *mispat* a todas as nações. O Espírito do Senhor é a fonte de sua força para abrir os olhos aos cegos e libertar os cativos da prisão (Is 42,7). As transformações que o servo é chamado a realizar não são de ordem apenas espiritual, mas política e social.⁶¹

O servo mediador das esperanças messiânicas vai estabelecer o direito e a justiça de forma pacífica; ele não grita em alta voz (Is 42,2), mas age com ternura, paciência, compaixão e retidão (Is 42,2-7). Sua ação é discreta, em oposição às outras lideranças políticas e militares que o povo tem diante de si, que agem com violência. A missão do servo é universal, e orientada para libertar os exilados. A volta da comunidade dos exilados para Sião é realizada por meio do ministério do servo. Assim, como um novo Moisés, ele desempenha o papel de mediador entre YHWH e os exilados.⁶² O servo é enviado por Deus para trazer de volta Israel (Is 49,3-6). Ele será o guia do povo pelo caminho, a fim de restaurar as tribos de Jacó e reunir o povo escolhido. O novo êxodo será plenamente concluído por meio da liderança do servo. A ele foi entregue a difícil missão de reunir todos os dispersos num único lugar: Sião, morada de Deus. Pois,

⁵⁹ SCHWANTES, Milton. **O êxodo como evento exemplar**, p. 101.

⁶⁰ GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias, p. 214.

⁶¹ GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 55.

⁶² BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014. p. 871.

nos lugares nevrálgicos, o assunto é o regresso. Essa é a temática precípua de Dêutero-Isaías. Ele é o profeta do *novo êxodo*. O primeiro libertara da opressão faraônica. O segundo liberta da idolatria babilônica. O primeiro dera-se às pressas. O novo ocorre sem pressa. No primeiro, o deserto fora grande inimigo. Neste segundo, até mesmo o deserto será favorável [...].⁶³

1.9 A TORÁ, CAMINHO, VIDA E SABEDORIA

O termo Torá, frequentemente usado para se referir aos cinco livros do Pentateuco, tem um papel importante no judaísmo primitivo do segundo templo. Os elementos importantes constitutivos da fé judaica no que se refere à Torá incluíam a sua transmissão e atualização permanente nas sinagogas, as orações diárias nas casas, e a observância do sábado como dia sagrado da recitação, estudo e interpretação da mesma.⁶⁴ É sobre esses três aspectos que versa esta reflexão da Torá, que se torna caminho de sabedoria neste longo período, que se estende desde o judaísmo primitivo ao judaísmo rabínico. O segundo templo teve uma grande influência sobre os escritos neotestamentários, e a concepção de caminho, retomada por Lucas no texto dos Discípulos de Emaús, se inspira nas tradições do AT. Jesus e seus apóstolos leram as Escrituras, sob grande influência através das lentes do segundo templo.⁶⁵

O período do segundo templo refere-se aos últimos séculos que antecederam a era cristã, a partir da reconstrução do segundo templo de Jerusalém. É nesse espaço de tempo que se forma o judaísmo primitivo, que posteriormente se desenvolve no judaísmo rabínico. Sob os aspectos sociopolítico e econômico, Israel não conquistou nenhuma estabilidade que o ajudasse a vislumbrar a realização das profecias anunciadas pelo profeta anônimo do Dêutero-Isaías. Com a alternância dos vários impérios estrangeiros que dominaram a Palestina, Israel continuou, de certa forma, uma nação dispersa.⁶⁶ Diante dessa instabilidade, o elemento unificador central das comunidades israelitas dispersas foi a Torá. O judaísmo do segundo templo era plural e tinha compreensões teológicas diversificadas acerca de sua fé, mas a Torá como princípio de vida foi adotada por todas as comunidades judaicas da dispersão. Desde a domi-

⁶³ SCHWANTES, Milton. **O êxodo como evento exemplar**, p. 93.

⁶⁴ GRABBE, Lester L. **An Introduction to Second Temple Judaism: History and Religion of the Jews in the time of Nehemiah, the Maccabees, Hillel and Jesus**. New York, London: T&T Clark International, 2010, p. 41

⁶⁵ HELYER, Larry R. **The Necessity, problems, and promise of the second Temple Judaism for Discussions of New Testament Eschatology**. Chicago: Journal of the Evangelical Society, n.47, v.4, December 2004, p. 597.

⁶⁶ Cf. ROETZEL, Calvin J. **The World that Shaped the New Testament**. Louisville, London: Westminster John Knox Press, 2002, p. 2-4. “Nos últimos quatro séculos que antecederam a era cristã houve uma sucessão de dominação política na Palestina que moldou o judaísmo primitivo; a dominação persa se estende de 424 a 331 a.C.; a Palestina esteve sob o domínio grego-helenista de 331 a 198 a.C.; os Ptolomeus reinaram de 198 a 167 a.C.; os Hassidim (família dos Macabeus) conquistaram por um breve período uma certa autonomia, de 174 a 63 a.C.

nação persa, importantes desenvolvimentos tiveram grande impacto na transformação do judaísmo para que a Torá se transformasse em um caminho de sabedoria, que instruiu e direcionou o povo de Israel, como aponta Brueggemann:

O ensino sapiencial se situa na vida real da comunidade de fé e insiste em refletir sobre a vida em relação a Javé. Contudo também é verdade que, na emergência do judaísmo, o ensino sapiencial se transpõe radicalmente com a nova formação da fé de Israel. Essa “sobrevida” da sabedoria no judaísmo – ou seja, após as formas dominantes de fé no Antigo Testamento – ocorre apenas às margens do Antigo Testamento e emerge amplamente fora do seu escopo.⁶⁷

Ao destacar a Torá como elemento central e unificador das comunidades judaicas dispersas, no período do segundo templo, vários estudos apontam para o cuidado semântico do termo “Torá” e mesmo como esse foi traduzido do hebraico para o grego (νόμος).⁶⁸ Analisado a partir de uma perspectiva literária, muitos estudiosos reconhecem que há várias possibilidades semânticas para o termo, que às vezes se refere genericamente à Lei Mosaica, ao Pentateuco ou à coleção de Escritos Sagrados, preciosos para os judeus. Nesse estudo, porém, o sentido semântico do termo Torá corresponde à tradução-interpretação que se originou por volta do ano 350 a.C., na qual o termo grego νόμος correspondia exatamente ao termo hebraico Torá.⁶⁹

A importância que a Torá exerceu sobre todos os judeus, quer da Palestina ou da diáspora, na instrução de seus membros, tem motivado muitos estudos a buscar o verdadeiro sentido do termo; muitos exegetas admitem que existe uma série de maneiras nas quais a tradução grega νόμος pode ser entendida como a Lei Mosaica. Nesse sentido, Nef Ulloa esclarece que o contexto em que o termo hebraico Torá foi traduzido por Lei já se distanciou de seu sentido original:

Tudo começa com a tradução-interpretação grega do Pentateuco (por volta de 350 a.C.), quando o termo Torá foi metodicamente traduzido por νόμος, porém, nessa época, tal tradução correspondia perfeitamente ao que o judaísmo compreendia por “Torá”. É dentro deste contexto do Império Romano que a tradução νόμος por Lex/Lei não corresponde ao sentido original de Torá.⁷⁰

Portanto, para se compreender a Torá enquanto caminho que norteou o povo judeu nesse longo período em sua situação de diáspora, é preciso resgatar o verdadeiro sentido de

⁶⁷ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**, p. 889.

⁶⁸ BURTON, Keith A. **The Decalogue as essential Torá in Second Temple Judaism**. **Andrews University, Michigan**: Journal of the Adventist Theological Society. v. 9, n. 2, 1998, p. 310-311.

⁶⁹ GREEN, Joel B; MACDONALD, Lee Martin. **The World of the New Testament: cultural, social and historical context**. Barker Academic, Grand Rapids, Michigan, 2013, p. 326.

⁷⁰ NEF ULLOA, Boris Agustín. **O método deráshico no judaísmo**. Revista de Cultura Teológica, v. 18, n. 70, abr/jun, 2010, p. 32-33.

caminho que indica direção para a vida prática que brota da fé que a Torá é dom de Deus, como a seguir destaca Nef Ulloa: “Ela é a Revelação enquanto expressão de uma vontade divina a ser cumprida. É um caminho de justiça, de santidade, de vida, aquela que, por excelência, preexiste perante Deus”.⁷¹

A realidade de diáspora, com as comunidades judaicas espalhadas em numerosos locais, adotou princípios unificadores no conteúdo da educação dos filhos, fundamentados nas Escrituras. Para os judeus, a Torá que foi entregue ao povo por Deus, era o centro de direção de toda educação de seus descendentes em todos os âmbitos da vida. O objetivo da educação judaica diferia da educação das culturas circunvizinhas: prezava pela sabedoria divina e virtude acima de qualquer outro conhecimento.⁷² Assim, aprender o caminho de Deus descrito na Torá era o que havia de mais importante, e acima de tudo com uma disciplina rigorosa.

O Decálogo era parte da Torá, pois, diferentemente de outras normas que podiam ser aplicadas individualmente como, por exemplo, a oferta de sacrifícios para expiação dos pecados, rituais de purificação, leis do matrimônio ou divórcio, dízimo e assim por diante, o Decálogo, ao contrário, era normativo para todos. De cada indivíduo singular, independentemente de sua condição ou das circunstâncias em que se encontrava, se requeria a total observância.⁷³ No judaísmo do segundo templo, as normas do Decálogo eram percebidas como imperativos excepcionalmente revelados. Portanto, ordens diretamente vindas de Deus para cada ser humano.

1.10 TORÁ: A MEMÓRIA DA ALIANÇA

A experiência do êxodo se tornou parte dos rituais do povo de Israel, sendo continuamente atualizada no estudo e transmissão da Torá. O próprio livro do êxodo faz uma profunda reflexão da instituição do culto e estabelece as regras para o culto ligado à ética social, particularmente nos capítulos de 19 a 24.⁷⁴ No segundo templo, a comunidade dispersa mantém

⁷¹ *Idem*, p. 33.

⁷² GREEN, Joel B; MACDONALD, Lee Martin. **The World of the New Testament: Cultural, Social and Historical Context**, p. 328.

⁷³ BURTON, Keith A. **The Decalogue as essential Torá in Second Temple Judaism**. Andrews University, Michigan: Journal of the Adventist Theological Society. v. 9, n. 2, 1998, p. 313.

⁷⁴ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**, p. 228.

sua identidade em torno de rituais comunitários e oração pessoal. A casa e a sinagoga⁷⁵ se tornaram o *locus* do estudo, interpretação e transmissão da Torá. O templo, enquanto lugar sagrado para os que estavam distantes, era visitado nas peregrinações anuais.⁷⁶

O estudo e a prática da Torá constituíram nesse núcleo central que por séculos manteve Israel unido para enfrentar os sofrimentos e dar significado à sua história. Segundo Nef Ulloa, Israel tinha consciência que esta devia ser continuamente atualizada:

O Estudo da Torá, que teve seu início na época de Esdras, passando pelos anciãos da grande Assembleia (ou grande Sinagoga) Soferim, Tannaim, Amorim e Massoretas, formou progressivamente “no interior do judaísmo a convicção de que essa palavra escrita, a Torá escrita, necessita, exige e pede uma atualização, realizada por meio da sua releitura ao longo dos tempos”. A partir desta realidade se estabeleceu na comunidade judaica esta outra fonte de autoridade que acompanha, comenta, interpreta e eventualmente engloba a Torá escrita. Trata-se da Torá oral. A tradição judaica, antes mesmo do Novo Testamento, fala sobre a Torá escrita (Escritura) e a Torá oral (comentário, interpretação). Ambas constituem toda a Torá, como as fontes, a autoridade de revelação, o Sinai. Por isso no judaísmo (e posteriormente no cristianismo), Escritura e Tradição constituem dois modos complementares da revelação de Deus a Israel.⁷⁷

O lugar central da Torá na espiritualidade judaica, enquanto caminho de instrução que vem de Deus, tornou-se uma fonte de sabedoria na vida cotidiana. Essa sabedoria foi sendo expressa em formas de provérbios ou ensinamentos (Provérbios), cânticos religiosos (Salmos, Lamentações e Cântico dos Cânticos), relatos (Jó), reflexões filosóficas (Eclesiastes), que foram denominados os Ketubim ou escritos.⁷⁸ Como a própria literatura sapiencial diz, ela estabeleceu sua morada entre o povo de Israel como caminho que conduz à Felicidade:

Feliz o homem que se ocupa da sabedoria e que raciocina com inteligência, que reflete, em seu coração, nos caminhos da sabedoria e medita em seus segredos. Sai atrás dela como caçador, põe-se à espreita nos seus caminhos. Inclina-se para olhar por suas janelas, escuta às suas portas. Detém-se junto à sua casa e fixa o prego nas suas paredes (Eclo 14,20-24).

Esta foi a forma que os sábios de Israel encontraram para manter viva a Torá na memória das comunidades dispersas, e ao mesmo tempo ajudá-las na sua sobrevivência identitária-

⁷⁵ GRABBE, Lester L. **An Introduction to Second Temple Judaism**, p.4. Segundo o autor, as sinagogas provavelmente surgem no terceiro século a.C. nas comunidades judaicas que estão vivendo na diáspora no Egito e na Ásia Menor. Isto porque, nessas áreas, os Judeus não tinham acesso ao Templo de Jerusalém.

⁷⁶ REIF, Stefan C. **Judaism and Hebrew Prayer: New Perspectives on Jewish liturgical history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 14.

⁷⁷ NEF ULLOA, Boris Agustín. **O método deráshico no judaísmo**. Revista de Cultura Teológica, v. 18, n.70, abr/jun, 2010, p. 35-36.

⁷⁸ ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**, p. 578.

ria. Pois, a sabedoria para Israel não estava desvinculada de uma prática ética, mas intimamente ligada à sua instrução moral como caminho mais apropriado a ser seguido para a vida.⁷⁹

1.11 O SÁBADO: DIA CONSAGRADO AO ESTUDO E À INTERPRETAÇÃO DA TORÁ

Se no primeiro êxodo Moisés é o grande mediador entre Deus e o povo no caminho do deserto e, no segundo, a figura do Servo que convida o povo a preparar o caminho do encontro com o Senhor, no segundo templo, essa mediação é a Torá em si mesma. Nessa época ela é interpretada e transmitida por sábios e escribas do meio do povo, que buscaram ser fiéis à tradição de seus ancestrais. Eles se associaram aos sacerdotes e anciãos da época, constituindo uma voz diferente de Moisés e dos profetas. Como destaca Brueggemann, ela é revestida de autoridade por ser dom de Deus:

A Torá ocupa o lugar primeiro de autoridade, significância e influência na mediação do propósito, presença e poder de Javé para Israel. No contexto da teologia do Antigo Testamento, os cristãos têm muito a desaprender e reaprender sobre a Torá. Na trajetória interpretativa desde Paulo, por meio de Agostinho e Lutero, a Torá foi brutalmente reduzida a “lei”, entendida em um regime de legalismo.⁸⁰

Durante o segundo templo, o sábado passa a ser não somente o dia de descanso, mas o dia de recitar, estudar e transmitir a Torá. Com a influência do helenismo na dispersão, as comunidades judaicas tiveram que lutar para manter sua identidade cultural e religiosa, pois também faziam parte de um império que impunha sua identidade nacional e política. Portanto, para Israel, manter a sacralidade do sábado exigiu uma forte resistência contra a influência helênica. A observância do sábado passou a ser uma forma de manter sua crença de povo eleito e separado que se reúne em assembleia, para louvar e adorar YHWH no dia abençoado por Ele.

A observância do sábado foi mantida como sinal de fidelidade à Aliança, pois Israel tinha a convicção que Deus o escolheu entre todos, e no Decálogo pediu expressamente que o sábado fosse santificado: “Lembra-te do dia do sábado” (Ex 20,8). Assim, Israel e o sábado estão intimamente ligados. Manter esse preceito divino tornou-se fonte de bênção. Tal observância não era algo externo e superficial, mas um dever que brotava do coração e também

⁷⁹ HOGAN, Karina Martin; GOFF, Matthew; WASSERMAN, Emma. **Pedagogy in Ancient Judaism and Early Christianity**. Atlanta, SBL Press, 2017, p. 15.

⁸⁰ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa**, p. 751.

passou a ser o maior distintivo da identidade do fiel resto de Israel durante esses tempos de provas e reviravoltas.

Além disso, o judaísmo não possuía uma unidade, em muitos aspectos, devido à realidade da diáspora. Contudo, no que se referia à observância do sábado havia unanimidade. A principal atividade do dia consagrado ao Senhor era se reunir em assembleia na sinagoga para cantar salmos e estudar, interpretar e transmitir a Torá. A partir do século I, a liturgia da leitura solene das Escrituras ocupava o lugar de destaque e honra dentro da sinagoga.⁸¹

1.12 OS CAMINHOS PARA INTERPRETAR A TORÁ

A interpretação da Torá, nesse período, foi entregue aos sábios escribas e mestres. Eles desenvolveram métodos exegéticos fundamentados em princípios que orientavam a leitura da palavra de Deus, sua interpretação e aplicação na vida de cada israelita. Segundo esses sábios e mestres, a formação da Torá, na Bíblia Hebraica, consistia em duas partes de revelação: uma parte que era a Torá escrita, ou Lei mosaica, e a outra parte memorizada, a Tradição oral, formada pelo ensinamento, interpretação e atualização da Torá escrita, feita pelos escribas e mestres.

A situação social de Israel, disperso sob o contínuo domínio de poderes estrangeiros,⁸² teve um forte impacto no desenvolvimento dos diversos modos de exegeses judaicas, particularmente o Midrash.⁸³ Inicialmente os termos *midrash* e *darash* se referiam à exposição pública das leis e regras éticas destinadas à formação moral dos indivíduos.⁸⁴ Essa forma de interpretar as Escrituras floresceu no meio das comunidades judaicas espalhadas nos diversos lu-

⁸¹ GRABBE, Lester L. **An Introduction to Second Temple Judaism**, p. 53.

⁸² Segundo Grabbe, Idem, p. 2, a dominação persa no ano 539 a.C.; em 334 a Palestina foi ocupada pelo império grego; por volta do ano 301 a.C. os Selêucidas e os Ptolomeus entram em disputas pela dominação e finalmente pelo ano 200 a.C. os Selêucidas vencem o império dos Ptolomeus; a independência dos Macabeus se estende de 169 a.C. até 104 a.C. quando a dinastia hasmoneia é conquistada por Roma.

⁸³ Cf. MANDEL, Paul D. **The Origins of Midrash from Teaching Text**. Leiden, Boston: Brill Publishing, 2017, p. 3. O termo Midrash sofreu ao longo da história exegética uma mudança de sentido. Originalmente referia-se ao ato de ensinar e instruir, muito mais que interpretar, e nem mesmo um texto bíblico. Tal ensinamento e instrução se referiam ao ensino das leis éticas que formavam a conduta moral. O verbo *darash* (דָּרַשׁ), cujo significado é estudar, questionar, procurar, e o seu substantivo correlato, estudo Midrash (מִדְרָשׁ), são mencionados no 2Cr 13,22; 24,27. Os escribas de Israel aos poucos associam estas atividades ao ato de procurar (דָּרַשׁ) as respostas de Deus como descrito em Ecd 7,10. Portanto, o termo Midrash aos poucos foi adquirindo esta denotação, no hebraico e aramaico, como interpretação dos textos bíblicos. Atualmente é comum entre os estudiosos da Sagrada Escritura aplicar o termo Midrash como método exegético das Escrituras. A Bíblia Hebraica é uma forte testemunha desta longa e complexa tarefa de compilar e transmitir a Torá escrita através de sua interpretação, comentários, narrativas e parábolas como tentativas de atualizar e compreender a Torá.

⁸⁴ Ibidem, p. 17.

gares. A concepção da Torá, enquanto caminho diretivo revelado por Deus, foi dada sob ambas as formas, escrita e oral, somente depois dessa época. O *Midrash* foi se constituindo como um método exegético muito importante feito sob as duas formas: *Midrash* em forma de *Halakhá* e *Aggadá*.⁸⁵ Esses métodos, mais tarde, tiveram grande influência nos escritos do Novo Testamento.

O termo *Halakhá*, da raiz hebraica (הלך), tem o sentido de andar, conduzir, tomar o caminho. No estudo das Escrituras, os escribas se referiam ao *Halakhá* como o estudo estritamente da Torá escrita, isto é, o Pentateuco e outras partes da Bíblia Hebraica. Por *Halakhá* pode-se entender o corpo inteiro do sistema judaico que chamavam de Lei.⁸⁶ O termo *Haggadá* ou *Aggadá*, também de raiz hebraica (אגדה), expressa o ato de narrar e explicar. E enquanto método de estudo das Escrituras refere-se à Torá oral de natureza narrativa. Corresponde aos ensinamentos sob as formas de homilias, parábolas, narrativas e comentários voltados para as questões de caráter teológico, ético, místico e sapiencial.⁸⁷

A Torá, enquanto caminho de sabedoria, tornou-se mediação entre a vontade divina, porém de forma muito diversificada em suas formas de interpretação:

O Judaísmo se torna um processo interpretativo, e a verdade – verdade sobre Deus e o mundo – é continuamente mediada por meio do desafio polêmico de diferentes interpretações da tradição na qual Deus está presente. Assim como os antigos sábios disputavam a interpretação da *experiência*, agora a disputa é caracteristicamente em interpretar a *tradição*, pois nesse processo de conflitos está em questão o formato da fé e, no final das contas, o formato de Javé.⁸⁸

Como mencionado anteriormente, a centralidade da Torá enquanto princípio de vida deu origem aos dois caminhos hermenêuticos para aprofundar as Escrituras: *Derásh* como modo mais homilético-exortativo⁸⁹ e o *Halakhá* mais direcionado para a compreensão literal dos preceitos normativos.⁹⁰ Essas duas diferentes formas de interpretar a Torá, sempre tiveram

⁸⁵ NEF ULLOA, Boris Agustín. **O método deráshico no judaísmo**, p. 38.

⁸⁶ GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias, p. 254.

⁸⁷ SANCHES, Sidney de Moraes. **A contribuição da análise retórica para a exegese do Novo Testamento**: um exemplo a epístola aos Hebreus. Estudos Teológicos, São Leopoldo-RS, v. 49, n. 1, jan/jun, 2009, p. 139.

⁸⁸ BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa, p. 890.

⁸⁹ MARTÍNEZ, F. Garcia; PÉREZ, G. Aranda; FERNÁNDEZ, M. Pérez. **Literatura Judaica Intertestamentária**. São Paulo: Ave-Maria, 2000, p. 429. O verbo *derásh* no hebraico tem o sentido de pesquisar, examinar, buscar o sentido da Tradição escrita de forma homilética exortativa

⁹⁰ TREBOLLE BARRERA, Júlio. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã**: introdução à história da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 125. O caminho hermenêutico do *Halakhá* vem do verbo andar, caminhar segundo a lei; se

como objetivo vincular Israel a YHWH, de modo singular nas duas práticas de amar a Deus e o próximo. Sem esse caminho que leva à vida, Israel teria desaparecido. O caminho é retomado pelos profetas quando a vida de Israel está fortemente ameaçada. A missão dos profetas consistiu no contínuo esforço de ajudar Israel a retomar o caminho que conduz à vida por meio do chamado ao retorno. O culto em Israel se desenvolve a partir das orientações contidas na Torá. Sem uma comunidade reunida em assembleia que mantém viva a Torá, Israel teria perdido as características de ser povo de Deus. Os mestres da sabedoria e os escribas assumem o papel de lideranças que buscam atualizar a Torá, mantendo a fidelidade à tradição da Torá escrita.⁹¹

A experiência de caminhar com Deus pelo deserto e o compromisso selado pela entrega da Torá no Sinai, nunca foram esquecidos por Israel. A fé na presença de Deus que caminha com seu povo perpassa todos os períodos da história de Israel. Nos escritos do Novo Testamento, os primeiros cristãos são chamados como seguidores do caminho (At 9,2;18, 25;19,9; 22,4; 24, 14.22). Os quatro evangelistas citam Is 40,3: Mt 3,3; Mc 1,2-3; Lc 3,4; Jo 1,23).⁹² Jesus é o Senhor que se faz o companheiro de caminhada, se torna tão próximo como nunca antes na história, tornando-se Ele mesmo a mediação por excelência.⁹³

O caminho do Senhor nos escritos neotestamentários se inspira na tradição do AT para apresentar o discipulado de Jesus; Ele não somente ensina o caminho, seus discípulos o seguem pelo caminho (Lc 9,52). No primeiro êxodo foi a Terra Prometida; no segundo êxodo, o profeta anônimo aponta para a nova Sião; Lucas destaca a importância de Jerusalém, como lugar onde Jesus conclui sua missão na terra. Porém, em sua obra, Jerusalém não é o destino da caminhada dos discípulos, apenas referência de onde devem partir para a missão.

Na primeira parte desse capítulo foram colocadas as bases para o estudo teológico de Lc 24,13-35, situando o texto em seu contexto literário e teológico na obra lucana, como etapa preliminar ao estudo exegético. A perícopes está situada na última parte do evangelho segundo Lucas. Tal relato não passa despercebido no Novo Testamento. Essa unidade literária pertence

caracterizava pelo estudo estritamente relacionado com o estudo da Torá escrita, isto é, extrair a Lei, norma de vida propriamente dita.

⁹¹ *Ibidem*, p. 900.

⁹² LIM, Bo H. **The Way of The Lord' in the Book of Isaiah**. New York: Published by T&T Clark International, 2010. p. 158.

⁹³ DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento**: um projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008, p. 387.

aos denominados textos referidos à ressurreição de Jesus. Sua construção é carregada de sentido, retomando temáticas muito importantes não somente dentro da obra lucana, como também do Antigo Testamento.

O caminhar de Jesus com os dois discípulos de Emaús lembra o caminho do êxodo. A experiência da saída do Egito do ponto de vista histórico, simbólico e teológico mostra quão significativa foi a ação de Deus em favor de seu povo escolhido. O caminho percorrido durante a fuga foi uma grande conquista de liberdade. As condições geográficas do caminho pelo deserto e o mar tiveram papel importante na fuga e na conquista da liberdade. A experiência da presença de Deus em todo o decorrer do caminho ficou gravada na memória do povo como elemento fundamental para vencer o poder que o oprimia, reprimia e perseguia. Esse fato tão marcante na vida de Israel teve um impacto nas sucessivas releituras feitas ao longo de sua história, sobretudo quando se encontravam em situações semelhantes.

A mediação de Moisés foi parte dessa experiência exodal. Provavelmente porque o grupo liderado por ele foi o que viu mais de perto a dura opressão do Egito. Sua figura como aquele que se fez o mais próximo de Deus nos eventos do deserto, sobretudo na entrega da Torá, serviu de inspiração para outras lideranças, seja do Antigo como do Novo Testamento. Ele ficou conhecido como um grande líder mediador, mesmo com todas as dificuldades que encontrou para conduzir o povo à liberdade. A primeira autoridade a transmitir e interpretar a Torá.

O caminho do êxodo é retomado no Segundo Livro do profeta Isaías, cujo núcleo central é o retorno à terra. O novo êxodo reunirá o Israel disperso no exílio. Nesse novo êxodo se manifesta a glória de Deus. Por isso, o profeta anônimo convida os exilados a preparar um caminho no deserto, que recorda o povo da experiência do primeiro êxodo quando saíram do Egito. Israel será conduzido à cidade de Sião. Essa cidade será o abrigo para todos aqueles que retornarem da diáspora; ela será como uma grande tenda que reunirá o povo disperso.

Destaca-se no segundo êxodo do Dêutero-Isaías a figura do Servo. Ele será o mediador para que cheguem a todos o direito e a justiça, sobretudo dos mais fracos. Sua liderança não será exercida por meio da violência, mas do anúncio do perdão e da misericórdia. Sua missão consiste em reconduzir Israel para Deus. Ele também é um sofredor como seu povo exilado, por isso se coloca a serviço do restabelecimento da justiça.

No período pós-exílico, a Torá se tornou o caminho de fé e conduta para Israel. A Torá, dom de Deus para seu povo, por si mesma teve autoridade para conduzir o povo escolhido diante de tempos de grandes provações, diante da dominação política, cultural e religiosa impostas pelos diversos impérios que dominaram a Palestina nesses séculos.

A centralidade do estudo, meditação e transmissão da Torá fez florescer também caminhos para sua interpretação. O Novo Testamento é a principal fundamentação da doutrina cristã. No entanto, foi impactado pelos métodos exegéticos do judaísmo primitivo. As comunidades cristãs foram desafiadas a seguirem o caminho de Jesus, seu Senhor e Mestre, a estabelecer novos paradigmas de interpretações da Lei de Moisés, e sem perder a riqueza das tradições do Antigo Testamento, fazer uma releitura das Escrituras a partir da morte e ressurreição de Jesus, que deu um novo significado à Torá escrita e oral.

Em síntese, a concepção teológica do termo “caminho” foi sendo desenvolvida ao longo do Antigo Testamento com a convicção profunda que o caminhar na fé se faz com a constante presença de YHWH. Portanto, o caminho não é um lugar geográfico, mas em uma experiência de deixar-se conduzir por Deus, como um modo de vida que tem por princípio as diretrizes propostas por Ele.

Segundo a tradição do êxodo, o caminho não é um lugar, ou uma experiência ideal, mas um processo de transformação de vida no sentido pessoal e comunitário, pois é no caminho em direção à terra que Deus promete que Israel perceberá que precisa abandonar o modo ser e agir da casa da servidão. Ao se deixar conduzir por YHWH, Israel chega à compreensão que depende de Deus para encontrar diretivas e se organizar como povo justo que rompe com a escravidão. A Torá é o grande dom que se recebe no caminho e que norteou toda a vida deste povo que estabeleceu uma Aliança com Deus. A experiência de caminhar com YHWH pelo deserto foi fundante na fé de Israel, e assim estabelecer uma profunda relação com este Deus que liberta, que é presente, que orienta para uma vida nova com Ele.

Enquanto grande dom do caminho, a Torá se torna para as comunidades judaicas como o próprio caminho de vida e identidade de povo escolhido. Lucas atualiza os elementos centrais da temática do caminho na narrativa de Emaús. Sublinha assim o caminhar com o Senhor com seus discípulos. Assim como Israel sentiu a necessidade de em tempos difíceis, refazer a experiência de se deixar conduzir e moldar por Deus no caminho do deserto, assim também as

primeiras comunidades cristãs sentiram a necessidade de caminhar com Jesus ressuscitado para permanecer na comunidade dos discípulos do Senhor, e ao mesmo tempo, anunciá-lo até os confins do mundo.

CAPÍTULO II - COTEXTO E CONTEXTO DE LC 24,13-35

O segundo capítulo deste estudo consiste em estabelecer as bases que presidirão a análise de Lc 24,13-35. Após situar o tema do caminho no contexto teológico do AT, no capítulo anterior, a metodologia pragmática linguística prevê, neste segundo momento, a análise sintático-gramatical. A seguir, se evidenciará a concepção lucana do caminho, especificamente nos eventos finais do terceiro Evangelho, a partir da edição crítica – neste trabalho a 28ª edição do *Novum Testamentum Graece*, de Nestle-Aland. Os passos metodológicos seguidos para a análise exegética são: a delimitação da perícope; a crítica textual; segmentação, tradução e análise linguística.

2.1 CONTEXTO LITERÁRIO E DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícope estudada (Lc 24,13-35) faz parte do último capítulo do evangelho lucano (Lc 24)⁹⁴ que trata do dia da ressurreição e das aparições do Ressuscitado, isto é, “retrata a vida de Jesus como o cumprimento da história de Israel;⁹⁵ relata a visita das mulheres ao sepulcro (vv. 1-12); narra o encontro no caminho com os dois discípulos (“dois *deles*”)⁹⁶ que caminhavam para Emaús (vv. 13-35); Jesus aparece aos discípulos (vv. 36-43) – oferece ao leitor um testemunho a mais do acontecimento histórico da ressurreição;⁹⁷ o mandato de levar

⁹⁴ “Lucas nos ha presentado en el c. 24, en tres unidades bien estructuradas, lo que algunos han llamado el tríptico de las apariciones: 1) vv. 1-12; 2) 13-35; 3) 36-53. Nuestro autor desconoce, quizás intencionalmente, las apariciones en Galilea (que están en Mc/Mt y Jn). Toma de Marcos 16,1-8 el relato de la tumba vacía y el anuncio a las mujeres (Lc 24,1-11). Después nos ofrece la visita de Pedro al sepulcro y su decepción (v. 12), la escena de los discípulos de Emaús (vv. 13-35), rematada con el anuncio de la aparición a Simón, la aparición a los once y a los que estaban con ellos, incluso los discípulos de Emaús (vv. 36-42); la síntesis kerigmática de los vv. 44-49 y la escena de la Ascensión (vv. 50-53). Llamen la atención algunas cosas de este capítulo de Lucas: por ejemplo, las palabras de los hombres de vestidos refulgentes (v. 6): ‘Por qué buscáis entre los muertos al viviente?’ (ζῶντα) la visita de Pedro al sepulcro (v. 12), que viene a ser una especie de sumario particular que después interpretaría a su modo y manera Jn 20.3-10 con la figura del ‘otro discípulo’, en que creyo, en el que se considera la figura ideal de este evangelio. Esta visita de Pedro del v. 12 viene después compensada en la narración lucana con el anuncio en el v. 35 de la aparición a Pedro (por medio del verbo ὁπάω, con el famoso aoristo pasivo con dativo ὡφθη, que es lo que Pablo presenta en 1Cor 15.5), siendo Lucas el único sinóptico que la refiere.” Cf. NÚÑEZ, Miguel de Burgos. Los discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): pedagogía de la resurrección el texto en su identidad dinámica. *Revista Isidoriana* 25, 2004, p. 167-168.

⁹⁵ EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 890.

⁹⁶ “A expressão ‘dois deles’ (grifo do autor) remete aos leitores ‘aos Onze e a todos os outros [discípulos]’ reunidos depois da crucificação (v. 9). Se o ‘deles’ inclui as mulheres é ambíguo. Um dos dois, ‘Cleopas’ (v. 18), não fazia parte dos Doze, e o outro não é identificado, deixando a identidade dele ou dela como um assunto de conjectura”. Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 890.

⁹⁷ MILLOS, Samuel Pérez. **Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas**. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 2476.

a mensagem do evangelho, proclamar a verdade da ressurreição (vv. 44-49); Lucas relata a Ascensão do Senhor (vv. 50-53).⁹⁸ Outrossim, apresentamos a síntese estrutural do texto que segue um desenvolvimento parabólico:⁹⁹

O sofrimento e morte de Jesus (22,1–23,49); a Ressurreição e Ascensão de Jesus (23,50–24,53).

- A. A morte, sepultamento e Ressurreição de Jesus (23,50 – 24,12)
- B. Encontro do Ressuscitado no Caminho de Emaús (24,13 – 24,35)**
- C. Aparição de Jesus aos seus discípulos e sua Ascensão (24,36-53)

Observe-se que Lc 24,13-35 é uma perícopa bem delimitada.¹⁰⁰ E é considerada uma das mais famosas simetrias concêntricas da Bíblia. Há uma unicidade literária. O caminho de Emaús é o lugar no qual se desenvolve a micronarrativa.

O v. 13, início da narrativa, é marcado pelo tema geográfico que constitui um dos assuntos teológicos presentes nesta perícopa: “Los discípulos ‘van a camino’; esta ação é marcada pelo verbo πορεύομενοι (particípio; presente; passivo; nominativo; masculino; plural) de Emaús”.¹⁰¹ Pode-se classificar o início da referida perícopa, a partir dos elementos que marcam essa ação, como *tempo ou espaço*.¹⁰²

Os vv. 14-32 marcam o desenvolvimento da narrativa tecida por uma estrutura quiástica,¹⁰³ mediante uma composição concêntrica, conforme síntese abaixo descrita por Bovon.¹⁰⁴

⁹⁸ MILLOS, Samuel Pérez. **Comentário exegetico al texto griego del nuevo testamento: Lucas**. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 2478.

⁹⁹ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Ed., São Paulo: Loyola, 1992, p. 242.

¹⁰⁰ “La composición de la perícopa está realizada con mucho esmero y arte. Introducción y conclusión enmarcan el conjunto como un círculo. Son llamativas las frecuentes correspondencias: al no ver de los ojos corresponde la apertura de los ojos, al no reconocer, el reconocer, a los corazones entristecidos, los corazones ardientes. A la incomprensión de la Escritura corresponde la aclaración de la Escritura. El tema del viaje percorre y constituye un hilo conductor a lo largo del relato (vv. 13.15.28.35), subrayado al final del relato por el precipitado regreso a Jerusalén y la palabra griega *hodos*”. Cf. CINEIRA, David Álvarez. **Emaús: paradigma de encuentro en el camino con el resucitado**. Encuentros de Fe: horizontes de evangelización, 2011, pp. 25-72. Acesso em 20/12/2019 < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5444300> >, p. 17.

¹⁰¹ FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 577.

¹⁰² “Como todo episódio narrado se desenvolve dentro dessas coordenadas, tempo e espaço são indícios importantes. O tempo pode indicar o início, a continuação, a conclusão ou a repetição de um episódio. O espaço, por sua vez, localiza fisicamente a ação e dá a noção de movimento”. Cf. SILVA, C. **Metodologia de exegese bíblica**. 3. Ed. 2009. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 70.

¹⁰³ Cf. SILVA, C. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2014, 2ª reimp., p. 75. A técnica do quiasmo pode servir para evidenciar a importância do(s) que está(ão) no centro (Lc 4,16c-20a).

¹⁰⁴ Cf. BOVON, François. Bovon. **El Evangelio según Lucas IV**, p. 628.

Alguns elementos marcam o desenvolvimento da perícope/estrutura: “[...] los discipulos solos, su partida y su regreso a Jerusalén, el desánimo y la esperanza como actitudes contrapuestas de los protagonistas [...]”.¹⁰⁵ A seguir, a estrutura do texto marcada pelo quiasmo:¹⁰⁶

Os vv. 33-35 tratam da situação final (conclusiva), o retorno dos discípulos para Jerusalém, marcado pelo verbo “ἀναστάντες” (particípio; aoristo; ativo; nominativo; masculino; plural), os discípulos “*tendo se levantado*”. E pelo verbo “ὑπέστρεψαν” (indicativo; aoristo ativo; 3ª pessoa do plural) “*voltaram*” para Jerusalém e testemunham o acontecido no caminho. Sendo assim, considera-se que o elemento que indica o término da perícope é do tipo *ação ou função do tipo partida*.¹⁰⁷ Nesse contexto literário, a narrativa reúne vários motes da obra lucana:

Apresenta a caminhada dos discípulos deixando Jerusalém, mas termina com o retorno a Jerusalém depois que os dois discípulos abrem os olhos ao se encontrar com o Senhor no caminho. A narrativa realça o segundo e o terceiro passo para remover a cegueira que os impossibilita de reconhecer Jesus como o Senhor ressuscitado – interpretando a vida e missão de Jesus à luz das Escrituras, e encontrar a Comunidade Cristã na refeição fraterna, onde Jesus se torna presente na fração do pão. Esta passagem também enfatiza a necessidade de Jesus passar pela morte como cumprimento das profecias anunciadas nas Escrituras e destaca a hospitalidade e comunhão como frutos da celebração da fração do pão. A perícope termina com a alegria da comunidade reunida; toda tristeza foi dissipada, reacendendo assim toda esperança no Ressuscitado.¹⁰⁸

A narrativa é formada por uma estrutura concêntrica, destacando notável quiasmo (v. 23b): “os quais dizem ele viver (que ele vive)”, conforme o que segue:¹⁰⁹

A Viagem de Jerusalém (24,13-14)

B Olhos fechados (24,15-17)

C Explicação sem entendimento (24,18-24)

D Sofrimento e Glória (24,25-26)

¹⁰⁵ MACÍN, José Ángel. Peregrinos de Emaús, de caminantes desahuciados a testigos de la esperanza. Un comentario contextualizado de Lc 24,13-35. In: **En el camino de Emaús: esperanza que fecunda la historia**. XXXVª Semana Argentina de Teología. Buenos Aires: Agape Libros, 2017, p. 125.

¹⁰⁶ Cf. GERLAND, David E. **Luke**. Michigan: Zondervan, 2012, p. 949.

¹⁰⁷ Trata-se daquela ação ou função expressa por verbos como sair, despachar, expulsar: alguém (normalmente o personagem pivô dos acontecimentos narrados) sai de cena, separando-se dos demais. Cf: SILVA, C. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 72.

¹⁰⁸ GARLAND, David E. **Luke: Exegetical Commentary on the New Testament**. Michigan: Zondervan, 2011.

¹⁰⁹ BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas** (Lc 19,28-24,53), vol. IV. Salamanca: Sígueme 2010, p. 627-628.

C' Explicação com entendimento (24,27)

B' Olhos abertos (24,28-32)

A' Retorno a Jerusalém (24,33-35)

2.2 CRÍTICA TEXTUAL

A crítica textual tem o objetivo de, a partir dos vários manuscritos disponíveis, tentar encontrar o texto mais próximo do provável original. “O resultado desse trabalho de reconstrução é encontrado nas chamadas ‘edições críticas’”.¹¹⁰ Ainda, “constatar as diferenças textuais existentes entre os diversos manuscritos do texto; avaliar qual das leituras apresentadas pelos manuscritos tem a maior probabilidade de representar o texto original do autor”.¹¹¹ Segundo Millos, “a pesquisa das alterações, procurando chegar à expressão correta do texto bíblico, é o estudo da chamada *crítica textual*”.¹¹² Nesse sentido, “a base para o trabalho é formada por edições dos textos com anotações sobre a tradição textual divergente e sua documentação”.¹¹³ Este estudo está baseado no aparato crítico da 28ª edição do *Novum Testamentum Graece*, de Nestle-Aland. A relação dos papiros e manuscritos que testemunham a perícope em análise encontra-se no ANEXO II - *Relação de Manuscritos aplicados na crítica textual*.

v. 13	‘Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι’ εἰς κώμην ἀπέχουσαν σταδίου ὅτι ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ, ἧ ὄνομα Ἑμμαοῦς,	três variantes
-------	---	-------------------

Lição I - Constata-se um caso de **substituição**. As palavras ‘Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι’ são substituídas por ἦσαν δε δυο πορευομενοι εξ αυτων εν αυτη τη ημερα, consoante manuscrito D.

¹¹⁰ SILVA, C. *Metodologia de exegese bíblica*. 3. Ed. 2009. São Paulo: Paulinas, 2014, 2ª reimp., p. 39.

¹¹¹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998, p. 323.

¹¹² MILLOS, Samuel Pérez. *Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas*. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 27. “El estudio de estas alteraciones, procurando llegar a la expresión correcta del texto bíblico, es el estudio de la llamada *Crítica Textual*.”

¹¹³ SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 30.

Lição II - Constatou-se ainda a **substituição** das palavras **‘Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι**’ pelas palavras: **καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἦσαν πορευόμενοι ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ (ωρα A 579)**, apoiados pelos manuscritos ora mencionados.¹¹⁴

Justificativa: A interpretação do referido versículo requer análise de três questões: a) o problema da crítica textual sobre a distância entre Emaús¹¹⁵ e Jerusalém; b) a identificação da aldeia; e c) pela razão porque menciona, precisamente, Emaús.¹¹⁶ Nestle-Aland (NA) apresenta como a leitura mais confiável: **σταδίους¹¹⁷ ἑξήκοντα** (sessenta estádios), apoiada pelo papiro P⁷⁵, e por um significativo número de testemunhos muito antigos.¹¹⁸ E “a distância a partir de Jerusalém concorda com o registro de Lucas. Esta é a identidade mais segura para o lugar”.¹¹⁹

Contudo, em alguns manuscritos ocorre a **inclusão** do adjetivo plural **εκατον**,¹²⁰ nos quais se lê: **σταδίους εκατον ἑξήκοντα** (cento e sessenta estádios); “no entanto, uma distância dessas é muito grande para ser percorrida num final de dia ou começo de noite (v. 33)”.¹²¹

15 v.	καὶ ἐγένετο ἐν τῷ ὁμίλειν αὐτοὺς καὶ συζητεῖν ‘καὶ αὐτὸς ’ Ἰησοῦς ἐγγίσας συνεπορεύετο αὐτοῖς,	quatro variantes
----------	--	-----------------------------

Lição I – Constatou-se a **inserção** do pronome αὐτοὺς ([a] eles) como sujeito do infinitivo συζητεῖν (discutir) – esta variante consta apenas em um manuscrito.¹²²

¹¹⁴ A K L W Γ Δ Θ Ψ 070. 079 f¹.¹³ 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. 2542 ℣ lat sy^h

¹¹⁵ “Povoado na Judeia”. Cf. HAUBECK, Wilfrid, SIEBENTHAL, Heinrich von. **Nova Chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse**. Trad. Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009, p. 561. / Vide Anexo I - *Mapa: Aparições de Jesus após a ressurreição*.

¹¹⁶ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Tradução de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 581.

¹¹⁷ “Medida de comprimento, algo como 180 metros; acus. De extensão local”. Cf. HAUBECK, Wilfrid, SIEBENTHAL, Heinrich von. **Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse**. Trad. Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009, p. 561.

¹¹⁸ txt P⁷⁵ (K) B sy^{s.c.p}

¹¹⁹ MILLOS, Samuel Pérez. **Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas**. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 2497. “la distancia desde Jerusalén concuerda con el registro de Lucas. Esta es la identidad más segura para el lugar”.

¹²⁰ K K* N Θ 079 vid. l 844. l 2211 vgmss syhm

¹²¹ OMASON, Roger L. Variantes textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Trad. Vilson Scholz. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 155; METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 158.

¹²² B*

Lição II – Há, ainda, a *inserção* da preposição *καὶ ο*. Esta inserção é atestada por um único manuscrito.¹²³ Neste manuscrito se lê simplesmente *καὶ ο*, antes do nome próprio Ἰησοῦς.

Lição III – *Inserção* dos termos *καὶ αὐτὸς ο*. Eles são atestados por um número significativo de manuscritos.¹²⁴

Justificativa: Os autores de Nestle Aland (NA) optaram pela lição III, porque os termos são atestados também por manuscritos antigos.¹²⁵

v. 17	‘εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς’· τίνες οἱ λόγοι οὗτοι οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους περιπατοῦντες ^f ; <i>καὶ ἐστάθησαν</i> ^a σκυθρωποί.	duas variantes
-------	--	-------------------

I. Em alguns manuscritos, constata-se que a ordem das palavras *καὶ εστε* estão transpostas (1 3 4).¹²⁶

II. Por outro lado, em um manuscrito¹²⁷ confirma-se uma substituição, onde se lê *ο δε ειπεν*; outrossim, diversos códices¹²⁸ apresentam a fórmula: *καὶ εστε*.

III. Atesta-se, em outro manuscrito,¹²⁹ uma mudança verbal: *καὶ εστησαν*.

Justificativa: No primeiro caso: *εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς*, conforme os manuscritos (P⁷⁵, sa^{mss}, bo^{ms}), a ordem desta expressão está transposta. Já no segundo caso, os autores de (NA) optaram pela sequência *καὶ εστησαν* (e pararam),¹³⁰ atestada por uma variedade de testemunhos que apoiam a leitura do texto.¹³¹ E, por exprimir melhor a perspectiva e observação do narrador, por esse motivo, preferível.

¹²³ D a

¹²⁴ K N P W Γ Δ Θ f^{1,13} 565. (579). 700. 892. 1241. 1424. 2542. / 844. / 2211 M

¹²⁵ txt P⁷⁵ S A B1 L Ψ 070 bo

¹²⁶ P⁷⁵ sa^{mss} bo^{ms}

¹²⁷ D

¹²⁸ Ac K N P W Γ Δ Θ Ψ f^{1,13} 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. 2542. / 844. / 2211 M lat sy^{(s.c.)p.h}

¹²⁹ L

¹³⁰ Cf. METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 158.

¹³⁰ B*

¹³¹ Ac K N P W Γ Δ Θ Ψ f^{1,13} 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. 2542. / 844. / 2211 M lat sy^{(s.c.)p.h}

v. 18	ἀποκριθεὶς δὲ εἷς ὀνόματι Κλεοπᾶς εἶπεν πρὸς αὐτόν· σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ καὶ οὐκ ἔγνωσ τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις;	duas variantes
-------	--	----------------

I. Nota-se a **substituição** do adjetivo cardinal **εἷς** (um), pelas palavras **ο εις**, atestada por alguns manuscritos.¹³²

II. Constatase a **substituição** de **ω ονομα**,¹³³ em vez de **ὀνόματι**.

III. Na lição II surge a **substituição** dos termos **ἐξ αυτων**, atestada por alguns manuscritos.¹³⁴

Justificativa: NA opta pela lição I e II, que possibilita a leitura: **εἷς**¹³⁵ **ὀνόματι**¹³⁶ Κλεοπᾶς, leitura esta apoiada por consideráveis e antigos manuscritos. No relato lucano, o companheiro permanece anônimo; mas isso suscita a pergunta sobre o motivo pelo qual o evangelista nomeia concretamente a Cléofas. [...] A melhor explicação é considerá-lo como parte da tradição anterior a Lucas.¹³⁷ Ainda, menciona Millos, “simplesmente Lucas dá seu nome aqui, possivelmente sem nenhum outro motivo que afirmar a veracidade do relato histórico, sobretudo em tempos em que circulava o *Evangelho* quando estavam ainda vivas testemunhas presenciais do que se disse nele.”¹³⁸

v. 19	καὶ εἶπεν αὐτοῖς· ποῖα; οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ· τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ , ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφῆτης δυνατὸς ἐν ἔργῳ καὶ λόγῳ ἐναντίον τοῦ θεοῦ καὶ παντὸς τοῦ λαοῦ,	quatro variantes
-------	---	------------------

¹³² A K W Γ Δ 565. 700. 892. 1424 ℣

¹³³ A D K P W Γ Δ Θ Ψ ^f1.13 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. 2542. / 2211 ℣ lat

¹³⁴ P Θ ^f13 33. 579. 1241. 2542*. / 844. / 2211 it sy sa bo^{pt}

¹³⁵ *txt* ⁷⁵ Ɑ B D L N Ψ 070 ^f1 2542c bo^{pt}

¹³⁶ *txt* ⁷⁵ Ɑ B L N 070. 579. / 844 b

¹³⁷ Cf. FITZMYER, J. A. *El evangelio según Lucas*. Trad. de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 585; METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 159.

¹³⁸ B*

¹³⁸ MILLOS, Samuel Pérez. *Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas*. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 2503. “Simplemente Lucas da su nombre aqui. Posiblemente sin ningún otro motivo que afirmar la veracidad del relato histórico, sobre todo en tempos en que circulaba el *Evangelio* cuando estaban vivos todavia testigos presenciales de lo que se disse en él.”

I. Ocorre uma **substituição**. O manuscrito¹³⁹ apresenta a seguinte composição: **ο δε ειπεν αυτω**; observa-se ainda a **omissão** da fórmula: **οι δε ειπαν αυτω**, no mesmo manuscrito.

II. Percebe-se o caso de **substituição** do adjetivo **Ναζωραιου**, atestado por alguns códices.¹⁴⁰

III. As palavras **ἔργῳ καὶ λόγῳ** são **preservadas** em ordem diferente em parte da tradição, conforme atestação.¹⁴¹

Justificativa: No que diz respeito ao caso de **substituição**, NA optou pela lição II, o adjetivo **Ναζαρηνοῦ** (de Nazaré, Nazareno),¹⁴² que é atestada por um papiro e diversos códices,¹⁴³ inclusive na tradição textual “*Koiné*”, gerando a construção: **δὲ εἶπαν αὐτῷ· τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ**.¹⁴⁴

v. 20	ὅπως τε παρέδωκαν αὐτόν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν.	uma variante
-------	--	--------------

Constata-se a **substituição** das palavras **ὡς τουτον παρεδωκαν** (que... o entregaram), conforme atesta o códice D.¹⁴⁵ NA opta pela leitura: **ὅπως τε παρέδωκαν αὐτόν**.

¹³⁹ D

¹⁴⁰ A D K N P W Γ Δ Θ Ψ f^{1,13} 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424 ℣ (b ff²) l sa

¹⁴¹ ℣ D sy^p

¹⁴² “A grafia grega pode indicar que Lucas deriva o nome de sua fonte especial, pois quando ele escreve sem influência de outra fonte usa a grafia ‘Nazareno’ [*Nazōraios*].” EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 895.

¹⁴³ txt ℣⁷⁵ ℣ B L 070. 079. 2542. /844. /2211 lat

¹⁴⁴ “Se *Ναζωραιος* e *Ναζαρηνοῦ* têm o mesmo significado, a variante textual não tem maior importância para a tradução, pois as duas formas podem ser traduzidas por ‘de Nazaré’. É provável que copistas substituíram a palavra e *Ναζαρηνοῦ*, de uso menos frequente (seis vezes no NT, incluindo uma outra vez em Lucas [nenhuma vez em Atos]), pela palavra *Ναζωραιος* (Nazoreu), que tem uso mais frequente no NT (treze vezes, incluindo oito ocorrências em Lucas e Atos)”. OMASON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Trad. Vilson Scholz. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 156; METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 159.

¹⁴⁵ D it

v. 21	ἡμεῖς δὲ ἡλπίζομεν ὅτι αὐτός ἔστιν ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν Ἰσραήλ· ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἅφ' οὗ ταῦτα ἐγένετο.	quatro variantes
-------	---	------------------

- I. Constata-se uma substituição da forma verbal esperamos *ηλπικαμεν*¹⁴⁶ por esperávamos *ελπιζομεν*,¹⁴⁷ conforme NA, mediante atestações, pois o imperfeito se harmoniza com o contexto da perícope; por outro lado, outros manuscritos,¹⁴⁸ em se tratando de substituição, apresentam a seguinte leitura: ἡμεῖς δὲ ἡλπίζομεν ὅτι αὐτός. Informa-se ainda que o Códice B* apresenta a variante *ηλπιζαμεν*.
- II. Observa-se uma variação (substituição) do verbo ser *ἐστιν*, por *ην*, atestada por dois manuscritos.¹⁴⁹
- III. Pronome *ταύτην* é omitido em um manuscrito.¹⁵⁰
- IV. Observa-se a inserção do termo *σημερον*, presente em grande número de códices.¹⁵¹

Justificativa: Constata-se que NA opta pela primeira lição (pelo verbo, indicativo, imperfeito ativo, primeira pessoa do plural: *ἡλπίζομεν*, que é apoiada por importantes manuscritos,¹⁵² apresentando a construção: ἡμεῖς δὲ ἡλπίζομεν ὅτι αὐτός *ἐστιν* ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν Ἰσραήλ. No caso da inserção (*σημερον*), conforme a lição IV, não assumida por (NA), que se apoiou em antigos manuscritos.¹⁵³

v. 22	ἀλλὰ καὶ γυναῖκές τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς, γενόμεναι ὀρθριναὶ ἐπὶ τὸ μνημεῖον,	uma variante
-------	--	--------------

Os códices D l 844 omitem a construção preposicional *ἐξ ἡμῶν* (de nós... dos nossos).

¹⁴⁶ *pp*⁷⁵

¹⁴⁷ *Ⲛ P Δ Θ 579 e ff² sa^{mss} bo^{pt}*

¹⁴⁸ *txt A B(*) .2 D K L N W Γ Ψ 070 f^{1.13} 33. 565. 700. 892. 1241. 1424 ℣ lat sa^{ms} bo^{pt}*

¹⁴⁹ *D c e*

¹⁵⁰ *D*

¹⁵¹ *A (D*) K P W Γ Δ Θ Ψ f13 33. 565. 700. 892. 1241. 1424 ℣ lat sy^h sa bo^{ms}*

¹⁵² *txt A B(*) .2 D K L N W Γ Ψ 070 f1.13 33. 565. 700. 892. 1241. 1424 ℣ lat sa^{ms} bo^{pt}*

¹⁵³ *txt pp⁷⁵ Ⲛ B Dc L 070. 1. 579. /844. /2211 sy^{s.c.p} bo*

v. 23	καὶ μὴ εὐροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ ἦλθον λέγουσαι καὶ ὁπτασίαν ἀγγέλων ἐωρακέναι, οἱ λέγουσιν αὐτὸν ζῆν.	uma variante
-------	--	--------------

Alguns manuscritos¹⁵⁴ omitem a conjunção **καὶ** (também).

v. 24	καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον καὶ εὗρον οὕτως καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον , αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον.	uma variante
-------	---	--------------

Constata-se uma **substituição**. Em outros manuscritos ocorrem a transposição de palavras: **καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον**, aparecem em ordem diferente em alguns códices.¹⁵⁵ Evidencia-se ainda um caso de substituição: “ὡς εἶπον αἱ γυναῖκες.”¹⁵⁶

v. 25	Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς· ὃ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται .	duas variantes
-------	---	----------------

I. As palavras **τοῦ πιστεύειν** são **omitidas** em parte da tradição.¹⁵⁷

II. Em alguns manuscritos¹⁵⁸ ocorre a **substituição** da palavra **ἐλάλησαν** por **ελαλησεν**.

v. 26	οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ;	duas variantes
-------	---	----------------

O advérbio **οὐχὶ** é **substituído** por **οτι** no Códice D. Constata-se ainda a **substituição** do substantivo acusativo **δόξαν**; porém o pergaminho P⁷⁵, séc. III, apresenta o termo: **βασιλειαν**. Sendo assim, ainda que a razão apontada não seja credora de força vinculativa, a crítica textual de NA sugere que a lição mais credível seja **δόξαν** e não **βασιλειαν**.

¹⁵⁴ D c e sy^{(s.c.)p}

¹⁵⁵ P⁷⁵ B

¹⁵⁶ D c e

¹⁵⁷ D

¹⁵⁸ ελαλησεν (ελαλησα Mcion^{A, E}) προς υμας Mcion^{T, A, E}

v. 27	καὶ ᾿ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν ᾿διερμήνευσεν᾿ αὐτοῖς [†] ἐν ^ο πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.	quatro variantes
-------	---	------------------

I. Constata-se aqui uma **substituição**, que em alguns manuscritos¹⁵⁹ apresenta a seguinte construção: *ην ἀρξάμενος ἀπο Μωσεως καὶ παντων των προφητων ἐρμηνευειν*.

II. Ocorre ainda **substituição** *διερμηνευεν* atestada por diversos manuscritos.¹⁶⁰

III. Apresenta-se uma **inserção** em certos manuscritos,¹⁶¹ nos quais encontra-se a expressão: *διερμήνευσεν αὐτοῖς **τι** ην ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ*.

IV. Atesta-se um caso de **omissão** - ^ο*πάσαις*.¹⁶²

Justificativa: A leitura de NA, καὶ ᾿ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν ᾿διερμήνευσεν᾿ αὐτοῖς [†] ἐν ^οπάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ se apoia em consideráveis e antigos manuscritos.¹⁶³

v. 28	Καὶ ᾿ἡγγισαν εἰς ^ο τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντο, καὶ αὐτὸς [†] προσεποιήσατο [†] 1πορρώτερον πορεύεσθαι.	quatro variantes
-------	--	------------------

Lição I - Nesta lição ocorrem três eventos: (1) **substituição** *ἡγγικαν*,¹⁶⁴ (2) a **omissão** de uma palavra seguinte em parte da tradição *ο**τὴν*,¹⁶⁵ (3) recorrência de outra **substituição** da palavra *προσεποιεῖτο*.¹⁶⁶ O texto de NA é apoiado por significativos manuscritos.¹⁶⁷

Ocorre uma segunda substituição, a do termo *πορρωτέρω*, atestado por consideráveis manuscritos.¹⁶⁸ Para este acaso, opção de NA se apoia em manuscritos mais antigos.¹⁶⁹

¹⁵⁹ D (it) vg^{ms}

¹⁶⁰ A K P Γ Δ Θ Ψ f¹ 13 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. l 844. l 2211 ℳ bo / (+ και Ν*) διερμηνευειν Ν* D (cf ') W sa^{mss}

¹⁶¹ ℵ L Θ f¹ 33. 892. l 844 bo

¹⁶² ℵ D bo^{ms}

¹⁶³ txt ℘⁷⁵ ℵ2 B L

¹⁶⁴ ℘⁷⁵ B

¹⁶⁵ ℘⁷⁵

¹⁶⁶ K P W Γ Δ Θ Ψ f¹ 33. 700. 892. 1241. 1424 ℳ a

¹⁶⁷ txt ℘⁷⁵ ℵ A B D L f¹ 565. 579. l 844. l 2211 bo

v. 29	καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες· μέινον μεθ' ἡμῶν, ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἔστιν καὶ κέκλικεν ᾠδῇ ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν τοῦ μέναι σὺν αὐτοῖς.	Duas variantes
-------	--	----------------

Lição I. Na lição I constata-se a substituição das palavras **ἔστιν καὶ κέκλικεν**, pela variante **κεκλικεν**.¹⁷⁰

Lição II. A palavra **ᾠδῇ** é **omitida** em parte da tradição.¹⁷¹

Justificativa: A versão de NA, no que diz respeito à omissão **ᾠδῇ**, é atestada por consideráveis manuscritos.¹⁷²

v. 30	καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ' αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλόγησεν καὶ ᾠκλάσας ἑπεδίδου αὐτοῖς,	quatro variantes
-------	--	------------------

I. As palavras **μετ' αὐτῶν** são **omitidas** em parte da tradição.¹⁷³

II. A palavra **τὸν** é **omitida** em parte da tradição.¹⁷⁴

III. Ocorre a **omissão** da palavra **ᾠκλάσας**, conforme atestação.¹⁷⁵

IV. Há ocorrência de **substituição** **ἑπεδίδου**, conforme atestações.¹⁷⁶

v. 31	αὐτῶν δὲ διηνοιχθησαν οἱ ὀφθαλμοί καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν· καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.	uma variante
-------	--	--------------

Ocorre uma **substituição** de palavras neste versículo. NA optou por **αὐτῶν δὲ διηνοιχθησαν οἱ ὀφθαλμοί**, diferente do que consta em alguns manuscritos:¹⁷⁷ **λαβοντων δε αυτων τον αρτον απ αυτου ηνοιγησαν οι οφθαλμοι αυτων**. “Esta variante não é digna de crédito,

¹⁶⁸ Ⲛ D K L P W Γ Δ Θ Ψ ^f1.13 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. / 844. / 2211 ⲙ

¹⁶⁹ txt Ⲫ⁷⁵ A B 579

¹⁷⁰ D it vg^{mss}

¹⁷¹ A D K P W Γ Δ Θ ^f13 565. 579. 700. 892. 1241. 1424 ⲙ c l sy^{s.c.h} sa

¹⁷² txt Ⲫ⁷⁵ Ⲛ B L T Ψ ^f1 33. / 844. / 2211 lat sy^p bo

¹⁷³ D e sys.c

¹⁷⁴ D sa

¹⁷⁵ D

¹⁷⁶ εδιδου Ⲛ / προσεδιδου D

¹⁷⁷ D c e

nem pelos manuscritos em questão, nem pelo contexto, pois entraria em contradição com o v. 35, que afirma terem-no eles reconhecido *na fração do pão*.

v. 32	καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους· οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν ῥαιομένη ἦν ᾠ[έν ἡμῖν] ὥς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ, ῥ ὥς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς;	uma variante
-------	---	--------------

I. Ocorre a **substituição** da palavra **ῥαιομένη** pelas variantes *κεκαλυμμένη*, *excaecatum*, *optusum*, *exterminatum*, *gravatum*, conforme atestação de alguns manuscritos.¹⁷⁸

II. Observa-se ainda a **omissão** das palavras **ᾠ[έν ἡμῖν]** em alguns manuscritos.¹⁷⁹

III. Na lição constata-se a inserção da palavra **καὶ** em parte da tradição.¹⁸⁰

Justificativa: O texto de NA, no que diz respeito à inserção, se apoia em consideráveis e antigos manuscritos.¹⁸¹

v. 33	Καὶ ἀναστάντες ῥ αὐτῇ τῇ ὥρᾳ ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ καὶ εὗρον ῥηθροισμένους τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς,	duas variantes
-------	---	----------------

NA **omite** a palavra *λυπουμενοι* presente em alguns manuscritos.¹⁸² Ocorre ainda a **substituição** da palavra *συνηθροισμενους*, consoante atestação de consideráveis manuscritos.¹⁸³ A leitura de NA, quanto ao caso de substituição, é apoiada por antigos e consideráveis manuscritos.¹⁸⁴

v. 34	ῥλέγοντας ὅτι ῥντως ἡγέρθη ὁ κύριος καὶ ᾤφθη Σίμωνι.	duas variantes
-------	--	----------------

¹⁷⁸ D samss / c / l / e / sams; Cf. METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 159.

¹⁷⁹ B*

¹⁷⁹ $\mathfrak{P}^{75}$ B D c e sy^{s.c.}; Cf. METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. Fourth Revised Edition. D-Stuttgart, Germany: Germany Bible Society, 2016, p. 159.

¹⁷⁹ B*

¹⁸⁰ A K P W Γ Δ Θ Ψ $f^{1.13}$ 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. / 844. / 2211 $\mathfrak{M}$ sy^{p.h}

¹⁸¹ txt $\mathfrak{P}^{75}$ $\aleph$ B D L 33 sy^{s.c.}

¹⁸² D c e sa

¹⁸³ A K L P W Γ Δ Θ Ψ $f^{1.13}$ 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. / 844. / 2211. $\mathfrak{M}$

¹⁸⁴ txt $\mathfrak{P}^{75}$ $\aleph$ B D 33

I. Constata-se a **substituição** da palavra **ῥέγοντας** por **λεγοντες**, consoante atestação.¹⁸⁵

II. Ocorre a **substituição** das palavras **ὄντως ἡγέρθη ὁ κύριος** apoiada por uma diversidade de manuscritos.¹⁸⁶

Justificativa: A leitura de NA, quanto ao segundo caso de substituição, é atestada por diversos antigos e confiáveis manuscritos.¹⁸⁷

v. 35	καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ καὶ ῥὼς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.	uma variante
-------	---	--------------

Observa-se a **substituição** de uma palavra: “ῥς”, pela variante **οτι**, consoante atestação.¹⁸⁸

2.3 SEGMENTAÇÃO¹⁸⁹ E TRADUÇÃO¹⁹⁰

A tarefa de segmentação diz respeito ao estudo do texto sob o aspecto frasal, avaliando cada frase, oração e unidade expressiva da composição da unidade literária, a fim de explicitar como estas mesmas frases, orações e unidades expressivas se articulam entre si e dão ao texto fluência e significação.¹⁹¹ Esta consiste em reescrever o texto e subdividi-lo em linhas a exemplo de uma poesia. Assim, cada linha resultante da segmentação recebe o nome de segmento.

¹⁸⁵ D

¹⁸⁶ 2-4 1 A K Wc Γ Δ Θ f³ 33. 565. 700. 892. 1241. 1424 ℣ aur vg syh / 2-4 W*

¹⁸⁷ txt φ⁷⁵ 8 B D L P Ψ f¹ 579. 1844. 12211 it vg^{mss} co

¹⁸⁸ D c e

¹⁸⁹ Trata-se de unidades menores e significativas do texto em análise. Cf. EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento:** Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. São Paulo, Loyola, 2015, p. 53.

¹⁹⁰ O princípio de tradução aplicado é o da equivalência formal, isto é, uma tradução literal e livre a partir dos dicionários/léxicos do Novo Testamento grego-português. Cf. WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento:** manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 1998, p. 324.

¹⁹¹ SILVA, C. M. D. D. **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 84-85.

		Texto em grego (Lc 24,13-35)	Tradução (português)
13	a	Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι εἰς κώμην ἀπέχουσαν σταδίους ἑξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ,	E eis dois deles, no mesmo dia, estavam caminhando para uma aldeia distanciada sessenta estádios de Jerusalém,
	b	ἥ ὄνομα Ἑμμαοῦς,	chamada Emaús.
14	a	καὶ αὐτοὶ ὡμίλουν πρὸς ἀλλήλους περὶ πάντων τῶν συμβεβηκότων τούτων.	E eles conversavam entre si acerca de todas estas coisas que tinham acontecido.
15	a	καὶ ἐγένετο	E aconteceu
	b	ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς	enquanto conversavam
	c	καὶ συζητεῖν	e discutiam
	d	καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας	o próprio Jesus tendo se aproximado,
	e	συνεπορεύετο αὐτοῖς,	caminhava com eles,
16	a	οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν ἐκρατοῦντο	mas os olhos deles estavam impedidos
	b	τοῦ μὴ ἐπιγινῶναι αὐτόν.	e não reconheceram a ele.
17	a	εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς·	E disse a eles:
	b	τίνες οἱ λόγοι οὗτοι	quais as palavras estas
	c	οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους	quais as palavras vós discutis
	d	περιπατοῦντες;	enquanto caminham?
	e	καὶ ἐστάθησαν σκυθρωποί.	E pararam entristecidos.
18	a	ἀποκριθεὶς δὲ εἰς ὄνόματι Κλεοπᾶς	Um por nome Cleopas respondeu
	b	εἶπεν πρὸς αὐτόν·	dizendo:
	c	σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ καὶ οὐκ ἔγνων τὰ γινόμενα ἐν αὐτῇ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις;	“Tu que passavas por Jerusalém não soubeste as coisas acontecidas lá, nos últimos dias?”
19	a	καὶ εἶπεν αὐτοῖς·	E disse a eles:
	b	ποῖα;	Quais?
	c	οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ· τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ,	“acerca de Jesus, o nazareno,
	d	ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφήτης δυνατὸς ἐν ἔργῳ καὶ λόγῳ ἐναντίον τοῦ θεοῦ καὶ παντὸς τοῦ λαοῦ,	que se tornou profeta poderoso em obra e palavra diante de Deus e de

			todo o povo,
20	a	ὅπως τε παρέδωκαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου	como também entregaram o mesmo os principais sacerdotes e os líderes nossos a (uma) sentença de morte
	b	καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν.	e crucificaram-no.
21	a	ἡμεῖς δὲ ἠλπίζομεν	Nós esperávamos
	b	ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν Ἰσραήλ.	que este seria o que libertaria Israel;
	c	ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἅφ' οὗ ταῦτα ἐγένετο.	mas, depois de todas as coisas acontecidas, este já é o terceiro dia.
22	a	ἀλλὰ καὶ γυναῖκες τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς,	Contudo, algumas mulheres dentre nós, nos assustaram;
	b	γενόμεναι ὀρθρῖναι ἐπὶ τὸ μνημεῖον,	tendo ido de madrugada ao sepulcro
23	a	καὶ μὴ εὑροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ	e não tendo encontrado o corpo dele,
	b	ἦλθον λέγουσαι	vieram dizendo
	c	καὶ ὁπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι,	terem visto anjos
	d	οἱ λέγουσιν αὐτὸν ζῆν.	que disseram que Ele vive.
24	a	καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον	E alguns dos nossos foram ao sepulcro
	b	καὶ εὑρον οὕτως	e encontraram-no
	c	καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον,	conforme as mulheres disseram,
	d	αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον.	a Ele, porém, não viram.”
25	a	Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς.	E ele disse:
	b	ὦ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεῦειν	“ó tolos e lentos de coração para crer
	c	ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται.	em todas as coisas que falaram os profetas!
26	a	οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν χριστὸν	Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas
	b	καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ;	para entrar em sua glória?”
27	a	καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν	E começando por Moisés e todos os profetas,
	b	διερμηνεύσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.	interpretou toda a Escritura a respeito de si próprio.

28	a	Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην	E aproximando-se da aldeia,
	b	οὗ ἐπορεύοντο,	aonde iam,
	c	καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι.	ele deu a impressão de ir mais adiante.
29	a	καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν	E insistiram com ele,
	b	λέγοντες·	dizendo:
	c	μεῖνον μεθ' ἡμῶν,	“fica conosco
	d	ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἐστὶν	porque já é tarde
	e	καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα.	e o dia declinou”,
	f	καὶ εἰσῆλθεν	e entrou
	g	τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς.	para ficar com eles.
30	a	καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ' αὐτῶν	E aconteceu, que ao reclinar-se com eles,
	b	λαβὼν τὸν ἄρτον	tomando o pão,
	c	εὐλόγησεν	abençoou-o,
	d	καὶ κλάσας	partiu-o e
	e	ἐπεδίδου αὐτοῖς,	deu a eles.
31	a	αὐτῶν δὲ διηνοιχθήσαν οἱ ὀφθαλμοὶ	Os olhos deles foram abertos
	b	καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν·	e reconheceram-no,
	c	καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.	e Ele se fez invisível.
32	a	καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους·	E disseram um ao outro:
	b	οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν [ἐν ἡμῖν]	“não queimava o nosso coração
	c	ὥς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ,	quando ele falava-nos pelo caminho
	d	ὥς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς;	e nos interpretava as escrituras?”
33	a	Καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ	E levantando-se na mesma hora,
	b	ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ	regressaram a Jerusalém
	c	καὶ εὗρον ἡθροισμένους τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς,	e encontraram os Onze reunidos.
34	a	λέγοντας ὅτι ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος	E disseram, que realmente o Senhor ressuscitou
	b	καὶ ὤφθη Σίμωνι.	e apareceu a Simão,

35	a	καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ	e eles relatavam as coisas acontecidas no caminho
	b	καὶ ὡς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.	e como reconheceram a Ele ao partir o pão.

2.4 ANÁLISE LINGUÍSTICA

A análise linguística diz respeito à análise do vocabulário utilizado pelo autor do texto e às características gramaticais, neste caso Lc 24,13-35. Para isso, faz-se necessário “saber utilizar estas informações e extrair delas algo relevante para a interpretação da unidade literária que estamos analisando”.¹⁹²

A análise linguística da unidade literária Lc 24,13-35 compreenderá: (1) análise lexicográfica – estudo do vocabulário; (2) análise sintática – estudo da gramática; essa análise tem importância fundamental para a aplicação da perspectiva da pragmatolinguística que compreende a análise em referência.

2.5 MORFOLOGIA

Por que realizar a análise lexicográfica do texto ou unidade literária em análise? Porque essa análise “nos permite conhecer a teologia do autor e chegar a conclusões sobre a tradição e a redação do texto”¹⁹³.

A perícope em tela é composta por **23 versículos** com **212 vocábulos**¹⁹⁴ – *Veja Anexo III – Relação de Vocábulos*. Bovon assegura-nos que, “por seu vocabulário, sintaxe, estilo e conteúdo, o episódio de Emaús é sem dúvida obra do evangelista”.¹⁹⁵ Millos corrobora com a

¹⁹² SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3ª. Edição. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 126.

¹⁹³ *Idem*, p. 127.

¹⁹⁴ Cf. BIBLEWORKS, LCC. **BibleWorks**. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, 2007.

¹⁹⁵ “La terminología del camino (πορεύομαι, ‘andar’, v. 13 y 18), el uso reiterado del καὶ ἐγένετο (‘Y ocurrió/sucedio’, v. 15 y 30), la construcción perifrástica (ἦσαν πορευόμενοι, ‘iban caminando’, v. 13), las referencias a otras partes del evangelio (el ministerio profético de Jesús, v. 19; la pasión, v. 20; y las mujeres a la tumba, v. 22-23), la teología del designio divino (οὐχί... ἔδει, ‘No era preciso?’, v. 26’), así como la armonía entre la profecía de la Escritura y su cumplimiento en la historia (‘todo lo que los profetas han proclamado’, v. 25; ‘comenzando desde Moisés’, v. 27), todos estos elementos corresponden exactamente a las maneras de creer, pensar y escribir de Lucas”. BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas (Lc 19,28-24,53)**, vol. IV. Salamanca: Sígueme 2010, p. 629-630.

afirmativa de Bovon.¹⁹⁶ Trata-se de um estilo vivo, sugestivo e penetrante, quando transmite narrações obtidas por sua própria investigação.

A seguir, apresentaremos os casos, vocábulos, que caracterizam a composição própria de Lucas Lc 24,13-35.¹⁹⁷

- a. Καὶ ἰδοὺ (“e eis”), cf. v. 13;
- b. ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ (“naquela mesma hora” / “naquele mesmo dia”)¹⁹⁸, cf. vv. 13.33;
- c. o particípio perifrástico com o verbo “ser”: ἦσαν πορευόμενοι (“estavam caminhando”) e καιομένη ἦν (“estava ardendo”), cf. vv. 13.32;
- d. Ἱερουσαλήμ, (substantivo genitivo feminino singular próprio), cf. vv. 13.18.33;
- e. ἣ ὄνομα Ἑμμαοῦς (“a qual [o] nome Emaús”), típico da tradução dos LXX (dativo + ὄνομα + nome), usado somente por Lucas no v. 13, isto é, uma *hapax*;
- f. καὶ αὐτοὶ (“e eles”), cf. vv. 14.25.28.31.35;
- g. a construção πρὸς com acusativo e com verbos de “dizer”, nos vv. 14.17 (2x).18.25.32;
- h. a construção καὶ ἐγένετο (“e aconteceu”), cf. vv. 15.30;
- i. o infinitivo com o artigo: v. 16 (μὴ ἐπιγινῶναι). v. 25 (τοῦ πιστεύειν). v. 29 (τοῦ μεῖναι);
- j. ἀποκριθεὶς / εἶπεν (“disse a eles”), cf. v. 18;
- k. ὀνόματι (“nome”, “por nome”), cf. v. 18;
- l. ἡμέραις ταύταις; (“nos [últimos] dias?”), cf. v. 18;
- m. τὰ περὶ (“acerca de”), cf. vv. 19.27;
- n. ἀνὴρ προφήτης (“homem profeta”, “um profeta”), cf. v. 19; Lc 5,8; 11,32; At 1,11.16; 2,14.22.29.37; 3,12.14; 5,35; etc.;
- o. δυνατὸς ἐν (“poderoso em”), cf. v. 19; At 7,22; 18,24;
- p. a utilização hiperbólica de πᾶς (“todo”), cf. vv. 19.21.25;
- q. ἄρχοντες (“líderes”), cf. v. 20;

¹⁹⁶ “Es absolutamente lucano el relato de los discípulos de Emaús, luego de la resurrección, relatando la aparición del Señor después a los discípulos en la tarde del domingo, esta escena está narrada por Juan, pero no se encuentra en Mateo y Marcos, según Lucas limita todo esto a la ciudad de Jerusalén, probablemente como consecuencia de su propósito en el *Evangelio*.” Cf. MILLOS, Samuel Pérez. **Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas**. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 83.

¹⁹⁷ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 573-574.

¹⁹⁸ “A frase ‘naquele mesmo dia’ coloca a caminhada até Emaús no ‘dia 1º dos sábados’ (v. 1) – o domingo – o dia em que as mulheres descobriram o sepulcro vazio.” Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 890.

- r. τινες (“algumas”), cf. v. 22;
- s. ὁρθριναι (“madrugadoras”), cf. v. 22;
- t. ἀρξάμενος (“tendo começado”), cf. v. 27;
- u. o particípio pleonástico ἀναστάντες (“tendo-se levantado”), cf. v. 33;
- v. ὑπέστρεψαν, com sentido absoluto (“voltaram”), no v. 33;
- w. τοὺς ἑνδεκα (“os onze”) no v. 33;
- x. τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου (“fração do pão”), cf. v. 35 – trata-se de uma expressão exclusiva de Lucas.

O levantamento lexicográfico permite constatar a homogeneidade do texto em análise. Essa homogeneidade se observa pela coesão do vocabulário na narrativa. Essa coerência é ratificada pela repetição dos mesmos vocábulos, verbos ou sinônimos, e expressões. Essa repetição marca toda a narrativa, e é uma indicação importante certificando que toda a história evoca o mesmo tema. Concluído o trabalho do levantamento léxico do texto em referência, realizaremos, no item que segue, a análise sintática, exame esse de suma importância para a exegese mediante a perspectiva pragmático-linguística.

2.6 REDE TEXTUAL (ÁRVORE DE SUBORDINAÇÃO)

A rede textual, que segue, apresenta a disposição das palavras na composição das orações e da estratégia literária do texto grego de Lc 24,13-35, a partir da análise sintática. A análise que segue tomou como orientação a gramática de língua portuguesa e grega.¹⁹⁹

13a	Καὶ ἰδού δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι εἰς κώμην
	<i>Oração principal</i>
b	ἀπέχουσιν σταδίους ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλήμ
	<i>Oração subordinada participial adjetiva restritiva</i>
c	ἡ ὄνομα Ἑμμαοῦς.
	<i>Oração subordinada relativa explicativa</i>
14a	καὶ αὐτοὶ ὡμῖλουν πρὸς ἀλλήλους
	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	περὶ πάντων τῶν συμβεβηκότων τούτων
	<i>Oração subordinada substantiva completiva nominal</i>
15a	καὶ ἐγένετο
	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>

¹⁹⁹ Cf. CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001, pp. 595-617; SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. **Coinê**: pequena gramática do grego neotestamentário (autodidática). 7. ed. Patrocínio, 1994, p. 165-171.

b	ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς <i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
c	καὶ συζητεῖν <i>Coordenada sindética aditiva</i>
d	καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας <i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
e	συνεπορεύετο αὐτοῖς <i>Oração coordenada assindética</i>
16a	οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν ἐκρατοῦντο <i>Oração coordenada sindética adversativa</i>
b	τοῦ μὴ ἐπιγνῶναι αὐτόν <i>Oração subordinada adverbial final</i>
17a	εἶπεν δὲ πρὸς αὐτοὺς <i>Oração coordenada sindética conclusiva</i>
b	τίνες οἱ λόγοι οὗτοι <i>Oração coordenada assindética</i>
c	οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους περιπατοῦντες <i>Oração subordinada adjetiva relativa restritiva</i>
d	καὶ ἐστάθησαν σκυθρωποί <i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
18a	ἀποκριθεὶς δὲ εἰς ὄνόματι Κλεοπᾶς <i>Oração subordinada substantiva apositiva</i>
b	εἶπεν πρὸς αὐτόν. <i>Oração coordenada assindética</i>
c	σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλήμ <i>Oração subordinada interrogativa direta</i>
d	καὶ οὐκ ἔγνω <i>Oração subordinada interrogativa consecutiva</i>
e	τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ <i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
f	ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις <i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
19a	καὶ εἶπεν αὐτοῖς. <i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	ποῖ᾽ <i>Oração coordenada assindética</i>
c	οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ. <i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
d	τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ <i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
e	ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφήτης δυνατὸς ἐν ἔργῳ καὶ λόγῳ ἐναντίον τοῦ θεοῦ καὶ παντὸς τοῦ λαοῦ, <i>Oração subordinada adjetiva relativa explicativa</i>
20a	ὅπως τε παρέδωκεν αὐτόν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου <i>Oração subordinada adverbial interrogativa indireta</i>

b	καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
21a	ἡμεῖς δὲ ἠλπίζομεν	<i>Oração coordenativa sindética aditiva</i>
b	ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ μέλλων λυτρωθῆναι τὸν Ἰσραήλ·	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
c	ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἅφ' οὗ ταῦτα ἐγένετο.	<i>Oração coordenada sindética adversativa</i>
22a	ἀλλὰ καὶ γυναῖκες τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς	<i>Oração coordenada sindética adversativa</i>
b	γενόμεναι ὀρθριναὶ ἐπὶ τὸ μνημεῖον	<i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
23a	καὶ μὴ εὐροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	ἦλθον λέγουσαι	<i>Oração coordenada assindética</i>
c	καὶ ὀπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
d	οἱ λέγουσιν	<i>Oração subordinada adjetiva relativa restritiva</i>
e	αὐτὸν ζῆν	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
24a	καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	καὶ εὖρον οὕτως	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
c	καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον	<i>Oração subordinada adverbial de modo</i>
d	αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον	<i>Oração coordenada sindética adversativa</i>
25a	Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς	<i>Oração coordenativa sindética aditiva</i>
b	ὅ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν	<i>Oração subordinada adverbial final</i>
c	οἷς ἐλάλησαν οἱ προφηταί.	<i>Oração subordinada adjetiva relativa restritiva</i>
26a	οὐχὶ ταῦτα ἔδει	<i>Oração coordenada assindética</i>
b	παθεῖν τὸν χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
27a	καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta e indireta</i>
28a	Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κόμην	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>

b	οὗ ἐπορεύοντό	<i>Oração subordinada adverbial de lugar</i>
c	καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
29a	καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες.	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	λέγοντες.	<i>Coordenada assindética</i>
c	μείνον μεθ' ἡμῶν	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
d	ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἐστὶν	<i>Oração subordinada adverbial causal</i>
e	καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
f	καὶ εἰσῆλθεν	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
g	τοῦ μείναι σὺν αὐτοῖς	<i>Oração subordinada adverbial final</i>
30a	καὶ ἐγένετο	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν	<i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
c	λαβὼν τὸν ἄρτον	<i>Oração coordenada assindética</i>
d	εὐλόγησεν	<i>Oração coordenada assindética</i>
e	καὶ κλάσας	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
f	ἐπεδίδου αὐτοῖς	<i>Oração coordenada assindética</i>
31a	αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν.	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
c	καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
32a	καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους.	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν' ἐν ἡμῖν	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
c	ὥς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ	<i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
d	ὥς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς	<i>Oração subordinada adverbial temporal</i>
33a	καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>

b	ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ	<i>Coordenada assindética</i>
c	καὶ εὖρον	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
d	ἠθροισμένους τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς	<i>Oração subordinada substantiva objetiva direta</i>
34a	λέγοντας	<i>Coordenada assindética</i>
b	ὅτι ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος	<i>Oração subordinativa substantiva objetiva direta</i>
c	καὶ ὤφθη Σίμωνι	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
35a	καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
b	καὶ ὥς ἐγνώσθη αὐτοῖς	<i>Oração coordenada sindética aditiva</i>
c	ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου	<i>Oração subordinada substantiva objetiva indireta</i>

2.7 ANÁLISE DO TEXTO COMO SISTEMA SINTÁTICO²⁰⁰

A primeira aproximação a qualquer texto deve incidir sobre a sintaxe,²⁰¹ que reflete o conjunto de regras gramaticais de determinada língua, época e autor. A análise a seguir considera as diferentes partes e formas do discurso, distinguindo os vários elementos do texto, segundo sua classificação gramatical.

v. 13: Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι εἰς κώμην ἀπέχουσιν σταδίους ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ ἧ ὄνομα Ἑμμαοῦς

²⁰⁰ “No importante artigo ‘El relato de la Pasión – un modelo de acción? (1990), F. Lentzen-Deis define a sintática como um procedimento sincrônico que intenta descrever a ‘estrutura de superfície’ de um texto, englobando, nesse labor, tanto a explicação gramatical e filológica como a determinação da disposição, divisão e estrutura do texto”. Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **O outro que me torna justo**: uma leitura pragmático-linguística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14). Didaskalia. Lisboa. 1994, p. 55.

²⁰¹ “Sintaxe é a junção de palavras com o objetivo de transmitir algum significado. Em gramática, a sintaxe é o estudo de tal arranjo, e a sintetização de regras que definem os vários elementos sintáticos de dado idioma. O falante nativo aprende, por constante ‘tentativa e erro’, a expressar-se e a entender o que os outros estão dizendo. Para o estrangeiro, no entanto, é necessário analisar muitas orações e formular as regras. Até que ele faça isso, não será capaz nem de se expressar, nem de entender o que ouve (ou lê). A sintaxe, portanto, é a parte mais importante do estudo de um idioma”. Cf. LASOR, Willian Sanford. **Gramática Sintática do Grego do N. T.** Trad. Rubens Paes. São Paulo: Vida Nova, 1973, p. 12.

A expressão Καὶ ἰδοὺ, também presente em Lc 24,4, é utilizada com frequência no Evangelho segundo Lucas “com uso adverbial equivalente a *e eis*”.²⁰² Ela marca um novo começo e introduz uma oração principal, neste caso, marcada pelo sujeito δύο ἐξ αὐτῶν.

A oração destaca-se pelo uso da construção do imperfeito perifrástico em voz média de πορεύομαι²⁰³ – ἦσαν πορευόμενοι -, frequente no grego *koiné* e nos escritos lucanos. Ela liga duas orações, sendo uma subordinada participial adjetiva restritiva - ἀπέχουσιν σταδίους ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ - e uma segunda subordinada relativa explicativa - ἧ ὄνομα Ἑμμαοῦς.

v. 14: καὶ αὐτοὶ ὠμίλουν πρὸς ἀλλήλους περὶ πάντων τῶν συμβεβηκότων τούτων

Observa-se, neste versículo, o uso enfático do sujeito αὐτοὶ, caso nominativo plural; o verbo no indicativo imperfeito em voz ativa de (ὠμιλέω), um verbo antigo e frequente,²⁰⁴ ὠμίλουν. Ele destaca o caráter de continuidade da ação; e o particípio perfeito substantivado τῶν συμβεβηκότων (συμβαίνω), no genitivo regido pela preposição περὶ. Constituído por duas orações: uma coordenada sindética aditiva καὶ αὐτοὶ ὠμίλουν πρὸς ἀλλήλους, e outra subordinada substantiva completiva nominal περὶ πάντων τῶν συμβεβηκότων.

v. 15: καὶ ἐγένετο ἐν τῷ ὠμιλεῖν αὐτοὺς καὶ συζητεῖν καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας συνεπορεύετο αὐτοῖς

A expressão ἐγένετο ἐν τῷ ὠμιλεῖν αὐτοὺς καὶ συζητεῖν καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας συνεπορεύετο²⁰⁵ é uma construção hebraizante ou hebraísmo de sintaxe, presente no Evangelho e muito frequente no livro dos Atos dos Apóstolos.²⁰⁶ A construção infinitiva

²⁰² “[...]com uso adverbial equivale a *he aqui, sucedió que, ved, ahora, en esto etc.* podría traducir-se como uma expresión de advertência enfática como *¡Mira!*”. Cf. MILLOS, Samuel Pérez. **Comentário exegético al texto griego del Nuevo Testamento: Lucas**. Barcelona: Editorial Clie, 2017, p. 2496.

²⁰³ Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183. | HAUBECK, Wilfrid, SIEBENTHAL, Heinrich von. **Nova Chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse**. São Paulo: Targumim :Hagnos, 2009, p. 561.

²⁰⁴ ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

²⁰⁵ “O uso do imperfeito, neste caso, proporciona uma beleza ao texto. Jesus se aproximou enquanto eles estavam absortos na sua conversa, e *já estava caminhando* com eles quando o notaram”. Cf. VINCENT, Marvin Richardson. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 356.

²⁰⁶ BLASS, Friedrich. DEBRUNNER, Albert. **Grammatica del Greco del nuovo Testamento**, Paideia, Brescia 1982, p. 532.

ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς καὶ συζητεῖν, muito frequente na versão dos LXX, ocorre diversas vezes em Lucas, e possui um claro sentido temporal.²⁰⁷

A oração principal, coordenada sindética aditiva, καὶ ἐγένετο, “como sujeito do infinitivo συζητεῖν (discutir)”;²⁰⁸ com ela se articulam as seguintes orações: uma subordinada adverbial temporal ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς, uma sindética aditiva καὶ συζητεῖν, e, entendendo καὶ no sentido de “que”, e outra coordenada sindética aditiva καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας, e uma oração coordenada assindética συνεπορεύετο αὐτοῖς. A construção καὶ ἐγένετο tem aqui um significado intensivo.

v. 16: οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν ἐκρατοῦντο τοῦ μὴ ἐπιγνῶναι αὐτόν

O versículo é formado por uma oração coordenada sindética adversativa οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν ἐκρατοῦντο, e uma oração subordinada adverbial τοῦ μὴ ἐπιγνῶναι αὐτόν (infinito precedido de τοῦ).

v. 17: εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς. τίνες οἱ λόγοι οὗτοι οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους περιπατοῦντες καὶ ἐστάθησαν σκυθρωποί

O v. 17 apresenta uma oração coordenada sindética conclusiva εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς, uma coordenada sindética aditiva καὶ ἐστάθησαν σκυθρωποί.²⁰⁹ Entre as duas existe uma coordena assindética τίνες οἱ λόγοι οὗτοι, que se articula com a oração subordinada adjetiva relativa restritiva οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους.

v. 18: ἀποκριθεὶς δὲ εἰς ὄνόματι Κλεοπᾶς εἶπεν πρὸς αὐτόν. σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ καὶ οὐκ ἔγνων τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις

O versículo é comportado por uma oração subordinada substantiva apositiva ἀποκριθεὶς δὲ εἰς ὄνόματι Κλεοπᾶς. A oração seguinte εἶπεν πρὸς αὐτόν. é de uma

²⁰⁷ *Idem*, p. 490.

²⁰⁸ “Lucas utiliza una vez más la construcción καὶ ἐγένετο con verbo en tiempo finito (συνεπορεύετο)”. Cf. FITZMYER, J.A. *El Evangelio según Lucas IV*. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 584.

²⁰⁹ “Con rostros entristecidos (σκυθρωποί). Este es el texto correcto. Es un antiguo adjetivo derivado de *skuthros*, sombrío, y *ops*, semblante. Sólo aquí en el Nuevo Testamento.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. *Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

Este vocábulo aparece somente em Lc 24,17 e em Mt 6,16, Cf. VINCENT, Marvin Richardson. *Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento*. Trad. Júnior e Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 356.

coordenada assindética. Articulada a esta, aparece a oração subordinada interrogativa direta σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ, uma subordinada interrogativa consecutiva καὶ οὐκ ἔγνω; uma subordinada substantiva objetiva direta τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ, e uma adverbial temporal ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις.

v. 19: καὶ εἶπεν αὐτοῖς· ποῖα οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ· τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφήτης δυνατὸς ἐν ἔργῳ καὶ λόγῳ ἐναντίον τοῦ θεοῦ καὶ παντὸς τοῦ λαοῦ,

O versículo começa com uma oração coordenada sindética aditiva καὶ εἶπεν αὐτοῖς, seguida de uma coordenada assindética ποῖα;²¹⁰ Continua com outra oração sindética aditiva οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ, seguida da oração subordinada substantiva objetiva direta, com verbo subentendido, resposta à pergunta anteriormente formulada τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ com que se articula a oração subordinada adjetiva relativa explicativa ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφήτης δυνατὸς ἐν ἔργῳ καὶ λόγῳ.

v. 20: ὅπως τε παρέδωκαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν

Ligadas por καὶ, são duas as orações²¹¹ que compõem este versículo: subordinada adverbial interrogativa indireta²¹² ὅπως τε παρέδωκαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου, e uma coordenada sindética καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν.

v. 21: ἡμεῖς δὲ ἠλπίζομεν ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν Ἰσραὴλ· ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἅφ' οὗ ταῦτα ἐγένετο.

O primeiro fenômeno literário a notar é o uso enfático do pronome pessoal ἡμεῖς,²¹³ com o qual pretende o autor realçar o sujeito da espera. Por outro lado, a partícula enclítica ἀλλὰ γε καὶ dá ênfase à frase e à expressão ἅφ' οὗ, que equivale a ἀπὸ τοῦ χρόνου ὧ, significa: *desde o tempo em que*.

²¹⁰ O plural neutro ποῖα explica-se pela concordância com o antecedente τὰ γενόμενα (v. 18).

²¹¹ Estas orações estão ainda ligadas a ἔγνω (v. 18).

²¹² “La conjunción ὅπως, en sentido de *pos* (cómo), es un tanto extraña; aquí introduce una interrogativa indirecta (...), lo que es bastante inusual; ésa es, probablemente, la razón por la que en el código D se lee: *hds touton paredkan* («que... lo entregaron»).”. Cf. FITZMYER, J.A. *El Evangelio según Lucas IV*. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 587.

²¹³ RUSSELL, Norman Champlin. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*: Lucas e João, p. 241.

A oração principal ἡμεῖς δὲ ἠλπίζομεν.²¹⁴ Seguem-se uma completiva ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν Ἰσραήλ· e outra coordenada adversativa ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἀφ’ οὗ ταῦτα ἐγένετο.²¹⁵

v. 22: ἀλλὰ καὶ γυναῖκες τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς γενόμεναι ὀρθριναὶ ἐπὶ τὸ μνημεῖον

A expressão introdutória ἀλλὰ καὶ é usada para dar ênfase à anotação posterior e pode traduzir-se por “*é verdade que*”. O uso de um adjetivo (no caso, ὀρθριναὶ [de manhã muito cedo]), habitual no grego clássico para exprimir circunstâncias de tempo e de lugar, é frequente em Lucas, podendo ser classificado como *hápax*,²¹⁶ no contexto do Novo Testamento.

Duas orações compõem este versículo: uma coordenada sindética adversativa, e uma subordinada adverbial temporal: ἀλλὰ γυναῖκες τινες ἐξ ἡμῶν ἐξέστησαν ἡμᾶς,²¹⁷ e γενόμεναι ὀρθριναὶ²¹⁸ ἐπὶ τὸ μνημεῖον.

v. 23: καὶ μὴ εὐροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ ἦλθον λέγουσαι καὶ ὀπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι οἱ λέγουσιν αὐτὸν ζῆν

O versículo apresenta dois verbos λέγουσαι (verbo particípio presente ativo nominativo feminino plural de λέγω) e λέγουσιν (verbo indicativo presente ativo 3ª pessoa do plural de λέγω), cujo sujeito não aparece expresso por ser o mesmo de ἦλθον, o verbo principal.

²¹⁴ “Imperfeito ativo, estávamos esperando. Note-se a ênfase em ἡμεῖς (nosotros).” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183. / Cf. VINCENT, Marvin Richardson. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Tradução Júnior e Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 357.

²¹⁵ La traducción del texto griego τρίτην ταύτην ἡμέραν ἄγει ἀφ’ οὗ ταῦτα ἐγένετο es problemática. El verbo *agein*, en sentido temporal, se encuentra en griego extrabíblico con el significado transitivo de “pasar (el tiempo)”, «celebrar (una fiesta)». Pero, por lo común, no se emplea en sentido impersonal, como parece que se utiliza aquí. Por eso, algunos comentaristas sugieren que hay que sobreentender «Jesús» como sujeto de *agei*: «(Jesús) está pasando este tercer día, desde que eso ocurrió». (...). Con todo, otros comentaristas insisten en el significado impersonal, intransitivo. Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 587.

²¹⁶ Cf. verbete ὀρθριναί. <https://biblehub.com/greek/orthrinai_3720.htm> Acesso em 30.12.2019.

²¹⁷ “Primer aoristo de indicativo ativo (transitivo) con el acusativo ἡμᾶς de ἐξίστημι. El segundo aoristo ativo es intransitivo. De madrugada (ὀρθριναί). Una forma poética y tardía de (orthrios). En el N.T. sólo aquí y en Apocalipsis 24,22. Predicado adjetivo concordando con las mujeres.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

²¹⁸ Este termo aparece somente em Lc 24,22 e em Ap 22,16. Cf. VINCENT, Marvin Richardson. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 357.

O versículo começa com uma oração coordenada sindética aditiva, na continuidade do versículo anterior καὶ μὴ εὐροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ. As orações seguintes: oração coordenada sindética aditiva καὶ ὁπτασίαν ἀγγέλων ἑωρακέναι,²¹⁹ outra subordinada adjetiva relativa restritiva οἱ λέγουσιν²²⁰ e a última, subordinada substantiva objetiva direta αὐτὸν ζῆν, regida por λέγουσιν.

v. 24: καὶ ἀπηλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον καὶ εὗρον
οὕτως καθὼς καὶ αἱ ὕτως καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον, αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον

O emprego de καθὼς como partícula comparativa é frequente no grego helenístico e algumas vezes aparece em relação com οὕτως, o que se constata neste caso.

A oração principal é καὶ ἀπηλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ μνημεῖον (coordenada sindética aditiva), a que se segue uma coordenada sindética aditiva καὶ εὗρον, e uma outra classificada como subordinada adverbial de modo οὕτως καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπόν. O versículo termina com uma oração coordenada adversativa αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον.²²¹

v. 25: Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς· ὃ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφηταί.

O versículo retoma dois procedimentos que já não são novos: o uso enfático do pronome αὐτὸς e o complemento indireto com πρὸς e acusativo πρὸς αὐτούς.

A segunda oração é introduzida com a interjeição enfática ὃ, apresenta um dativo de relação τῇ καρδίᾳ e a construção τοῦ + infinitivo πιστεύειν, com sentido final.

²¹⁹ ἑωρακέναι “Perfecto activo de infinitivo en declaración indirecta después de λέγουσαι. La misma construcción para ζῆν después de λέγουσιν. Pero todo esto era demasiado incierto (mujeres e ángeles) para Cleofas y su compañero.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario Al Texto Griego Del Nuevo Testamento**. Espanha: Editorial Clie, 2003, p. 183.

²²⁰ “Cléofas, absorto pelo seu relato, lança-se de volta ao momento do seu encontro com a mulher. Literalmente, ‘Elas vieram dizendo que elas *viram* uma visão de anjos que *dizem*’ (λέγουσιν)”. Cf. VINCENT, Marvin Richardson. **Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento**. Tradução Júnior e Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 357.

²²¹ “El complemento directo «a él» αὐτὸν está colocado enfáticamente al comienzo de la frase. A pesar del sepulcro vacío y de los testimonios de las mujeres, los discípulos permanecen escépticos y hasta resignados; de hecho, ¡A él, nadie lo ha visto!”. Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 588.

Além disso, este versículo regista o uso de ἐπὶ + dativo, depois do verbo πιστεύειν. Ora, “a preposição ἐπὶ com dativo é regida pelo verbo πιστεύειν, *crer*, e exprime ou o objeto da fé ou o fundamento em que a fé se apoia.

O versículo é composto de três orações: uma coordenada sindética aditiva Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς, subordinada adverbial final, com o verbo subentendido ὃ ἀνόητοι²²² καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν ἐπὶ πᾶσιν; e a última subordinada adjetiva relativa restritiva οἷς ἐλάλησαν οἱ προφηταί.²²³

v. 26: οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ

São duas as orações deste versículo: uma oração interrogativa direta de teor retórico οὐχὶ ταῦτα ἔδει e uma subordinada substantiva objetiva direta παθεῖν τὸν χριστὸν καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ.

v. 27: καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν
διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.

O versículo é formado por uma oração coordenada sindética καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν²²⁴ e uma oração subordinada objetiva direta e indireta διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.²²⁵

²²² “Literalmente, carentes de sentido (*nous*) no compreendido. Un término corriente. *Tardos de corazón* (βραδεῖς τῇ καρδίᾳ). Lentos en corazón (caso locativo). Palabra antigua para denotar a uno obtuso, lento de entederas o para la acción. *Todo lo que* (πᾶσιν οἷς). Relativo atraído desde el acusativo *ha al* al caso del antecedente πᾶσιν (dativo). Sólo podían comprender una parte de las profecías, no todas.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

²²³ “Con esta afirmación genérica, Lucas introduce un tema central de su teología. Una vez más se recrea en la hipérbole «todo» (*pasin* - «todas las cosas»), aunque no especifica los pasajes proféticos en los que piensa. De esse modo, Lucas se convierte en modelo de una posterior lectura cristiana del Antiguo Testamento como *praeparatio euangelica*. Cf. Lc 18,31. Lucas emplea aquí el infinitivo con artículo para explicar los adjetivos precedentes: «torpes» y «lentos [de corazón]». Sobre la combinación del verbo *pisteuein* («creer») con la preposición *epi*.” Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 589.

²²⁴ “Se mencionan dos de las tres partes en las que se divide el Antiguo Testamento, igual que en Lc 16,31; Hch 26,22; 28,23. Aunque también Mt 11,13 habla de «todos los profetas y la Ley», y Jn 1,45 tiene una frase parecida, la mención conjunta de *Tora* y *Nébí'im* es específicamente lucana, en el Nuevo Testamento. Pero, en realidad, Lucas utiliza un modo de expresión bien conocido en el judaísmo palestinese.” Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 591.

²²⁵ “Referente a Él (...). Jesus se encontraba a sí mismo en el Antiguo Testamento, cosa que algunos eruditos modernos parecen incapaces de ver.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha: Editorial Clie, 2003, p. 183.

v. 28: Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην οὗ ἐπορεύοντό καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι

O v. 28 é formado por uma oração coordenada sindética aditiva Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην, uma oração subordinada adverbial de lugar οὗ ἐπορεύοντο,²²⁶ seguida de uma coordenada sindética aditiva καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο²²⁷ πορρώτερον πορεύεσθαι, com os verbos no aoristo, o que sublinha a simultaneidade das duas ações.

v. 29: καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν λέγοντες• μεῖνον μεθ’ ἡμῶν, ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἐστὶν καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα. καὶ εἰσῆλθεν τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς.

Depois da oração coordenada sindética aditiva καὶ παρεβιάσαντο²²⁸ αὐτὸν λέγοντες, o texto contém, na primeira frase, uma oração subordinada substantiva objetiva direta μεῖνον μεθ’ ἡμῶν, uma subordinada adverbial causal ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἐστὶν e uma coordenada sindética aditiva καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα, ligadas pela partícula coordenativa καὶ. Por último, na segunda frase, o versículo apresenta duas orações: uma coordenada sindética aditiva καὶ εἰσῆλθεν e outra subordinada adverbial final²²⁹ τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς. Destaca-se, no final do versículo, o já conhecido uso de τοῦ + infinitivo τοῦ μεῖναι, com sentido temporal, e a preposição πρὸς, com igual sentido.

v. 30: καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ’ αὐτῶν λαβὼν τὸν ἄρτον εὐλόγησεν καὶ κλάσας ἐπέδιδου αὐτοῖς

Como já havia acontecido no v. 15, o texto volta a apresentar uma construção paratáxica καὶ ἐγένετο²³⁰ (...) εὐλόγησεν, típica da sintaxe semítica e frequente no grego bíblico.

²²⁶ “El doble empleo del verbo *poreuesthai* en esta frase y en la siguiente centra la atención, una vez más, en la perspectiva geográfica del evangelio según Lucas. Véase la nota exegética a Lc 4,30. Se llega al fin del camino, pero también al punto culminante de la narración.” Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 592.

²²⁷ “Primer aoristo activo, voz media (...), indicativo de *prosipoieō*, antiguo verbo, conformarse a uno, pretender. Sólo aquí en el N.T. Naturalmente, Él hubiera prosseguido adelante si los discípulos no le hubieran apremiado a quedarse.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

²²⁸ “Un verbo intenso, *παρεβιάζομαι*, obligar mediante el empleo de la fuerza (Polibio y LXX). En el Nuevo Testamento sólo aquí y en Hechos 16:15. Aquí fue mediante insistencia con palabras corteses. *Ya ha declinado* (*keklien ēdē*). Perfecto de indicativo de *klinō*. El día ‘ha girado’ hacia su ocaso.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 183.

²²⁹ “Lógica referencia a la casa de uno de los viajeros. Jesús resucitado se digna aceptar la invitación de los discípulos. El aspecto de finalidad se expresa por medio del infinitivo con artículo”. Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 592.

²³⁰ “Lucas emplea una vez más la construcción *kai egeneto* («y sucedió») con verbo en tiempo finito, pero sin la conjunción *kai* (...); para expresar el aspecto temporal, usa el infinitivo con artículo, precedido de la preposición

Uma vez mais se usa o hebraísmo ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτόν,²³¹ com sentido temporal. Poder-se-á relevar o uso redundante do pronome pessoal αὐτόν, pois que o sujeito da oração infinitiva (por isso está em acusativo) é o mesmo da oração principal. O objeto de ἐπεδίδου, como o de κλάσας, está subentendido: τὸν ἄρτον.

As orações que compõem este versículo são cinco: uma oração coordenada sindética καὶ ἐγένετο, uma subordinada adverbial temporal ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτόν e duas coordenadas assindéticas λαβὼν τὸν ἄρτον e εὐλόγησεν. Ligadas por καὶ há, ainda, mais duas orações: uma coordenada assindética ἐπεδίδου αὐτοῖς e, em ligação com esta, uma coordenada sindética aditiva καὶ κλάσας.

v. 31: αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν• καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.

Esse versículo é composto por uma oração coordenada sindética aditiva αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν²³² οἱ ὀφθαλμοί,²³³ e por duas orações coordenadas copulativas: a primeira é καὶ ἐπέγνωσαν²³⁴ αὐτόν e a segunda, καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.²³⁵

v. 32: καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους· οὐχὶ ἡ καρδιά ἡμῶν καιομένη ἦν ἔν ἡμῖν ὡς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς

en con dativo (*en to*). Cf. FITZMYER, J.A. **El Evangelio según Lucas IV**. Traducción y comentario, Capítulos 18,15 – 24,53. Madrid: Cristiandad, 2005, p. 592-593.

²³¹ “Giro comum de Lucas, como en los versículos 4 y 15. Nótese el primer aoristo de infinitivo en voz pasiva (en el reclinarse en cuanto a Él). *Dio* (ἐπεδίδου). Imperfecto, idea incoativa, procedió a darles, en contraste con los precedentes participios aoristos (puntuales).” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha: Editorial Clie, 2003, p. 183.

²³² “Primer aoristo ingresivo pasivo indicativo de *dianoiuō*. *Reconocieron* (ἐπέγνωσαν). Primer aoristo efectivo indicativo activo, lo reconocieron plenamente. La misma palabra e el versículo 16. Desapareció (ἄφαντος ἐγένετο). Se volvió invisible o no manifestado. *Aphantos*, de *a*, privativo, y *phainomai*, aparecer. Una palabra antigua, sólo aquí en el N.T.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha: Editorial Clie, 2003, p. 183.

²³³ “Se trata, sin duda, de una «pasiva teológica»: «Dios les abrió los ojos», para que pudieran ver con los ojos de la fe. En la expresión resuena un giro típico de los LXX.” Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Tradução de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 593.

²³⁴ “Los discípulos lo reconocen como Cristo resucitado. Lucas utiliza el mismo verbo, *epigindskhein*, que ya había usado en el v. 16.” Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 593.

²³⁵ “Jesús desaparece sin movimiento físico alguno. Se alcanza así el objetivo fundamental del relato. La frase preposicional *ap' autōn* (literalmente: «de ellos») es un tanto peculiar, aunque imita una frase que la traducción de los LXX emplea frecuentemente con la voz pasiva del verbo *aphanizein* («hacerse invisible», «desaparecer»), emparentado con el adjetivo *aphantos* («[hecho] invisible»), que es el que se utiliza aquí. (...) (según los LXX). Cf. 2 Mac 3,34. En griego clásico, el adjetivo *aphantos* se emplea en referencia a la desaparición de los dioses.” Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 593.

Constata-se um aoristo seguido com as terminações do aoristo primeiro εἶπαν, um fenômeno muito frequente no grego bíblico.

Das quatro orações que compõem o versículo, a primeira é coordenada sindética aditiva καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους, a segunda subordinada substantiva objetiva direta οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν ἔν ἡμῖν, e as demais subordinadas adverbiais temporais ὥς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ,²³⁶ ὥς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς.

V. 33: Καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ καὶ εὗρον ἡθροισμένους τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς

Assinalamos um complemento circunstancial de tempo αὐτῇ τῇ ὥρᾳ,²³⁷ em dativo, como é habitual, e um complemento circunstancial de lugar para onde, construído com εἰς + acusativo εἰς Ἱερουσαλὴμ, assim como um complemento de companhia construído com σὺν + dativo σὺν αὐτοῖς.

O versículo é composto de uma oração coordenada sindética aditiva Καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ,²³⁸ seguida de uma oração coordenada assindética ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ e uma coordenada sindética aditiva καὶ εὗρον ἡθροισμένους²³⁹ e outra subordinada substantiva objetiva direta τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς

v. 34: λέγοντας ὅτι ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος καὶ ὤφθη Σίμωνι

Ao particípio declarativo λέγοντας, segue-se um ὅτι recitativo. O versículo é formado por três orações: uma coordenda sindética λέγοντας, uma subordinada substantiva objetiva direta ὅτι ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος e a terceira, uma coordenada sindética aditiva καὶ ὤφθη Σίμωνι.

²³⁶ “La frase preposicional ἐν τῇ ὁδῷ evoca una vez más resonancias del tema geográfico.” Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 594.

²³⁷ “Literalmente: «en aquella [misma] hora», un giro típico de los LXX (...). Es decir, después de haber disuadido a Jesús de que siguiera su camino, porque «ya era tarde y el día iba de caída», ellos mismos deciden regresar a Jerusalén. Según el cómputo judío, «el primer día de la semana» ya há terminado; pero eso no le preocupa excesivamente al evangelista.” Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Trad. Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 594.

²³⁸ “Caso locativo, un giro lucano común, en la hora misma. No podían esperar. *Reunidos* (ἡθροισμένους). Particípio perfecto passivo de *athroizō*, un viejo verbo de *athroos* (a, copulativa, y *thoos*, multitud). Sólo aquí en el N.T.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 184.

²³⁹ Este verbo é um *hapax* do Novo Testamento. Cf. Verbete ἡθροισμένους. Disponível em: https://biblehub.com/greek/e_throismenous_4867.htm. Acesso em 19.12.2019.

v. 35: καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ καὶ ὥς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.

Constata-se o uso do verbo clássico ἐξηγέομαι, no imperfeito ἐξηγοῦντο.²⁴⁰ Composto por duas orações coordenadas sindéticas aditivas καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ, e καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο²⁴¹ τὰ ἐν τῇ ὁδῷ, e uma terceira, subordinada substantiva objetiva indireta ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.

Enfim, neste capítulo foi possível conhecer a composição/estrutura do texto (Lc 24,13-35) no seu contexto literário. A *história* apresenta um desenvolvimento parabólico: o sofrimento e morte de Jesus (22,1-23,49), a ressurreição e ascensão de Jesus (23,50-25,53). Sua estrutura é concêntrica com notável quiasmo “os quais dizem ele viver que ele vive)” (v. 23b).

A análise da crítica textual, a partir da 28ª edição crítica de *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland, dá destaque as alterações sofridas pelo texto por meio dos manuscritos que justificam as opções da edição crítica. E, por meio da *segmentação, a análise linguística e morfológica, a elaboração da árvore de subordinação* da perícopes, se compreendeu a estruturação da composição, evidenciando a característica e maestria do autor lucano na construção do relato, com beleza e intertextualidade. Destaca Mazzarolo, que “a obra lucana tem uma linguagem direta e objetiva a fim de que seu leitor conheça melhor o sentido da mensagem para sua realidade e o seu tempo.”²⁴²

O estudo sintático-gramatical possibilitou a compreensão funcional do texto em seu aspecto literário-linguístico, e perceber que a inter-relação das orações e períodos mantém a unidade temática em vista de sua finalidade comunicativa. A análise sintática desempenha o importante papel na determinação da semântica e pragmática do texto, no sentido que a

²⁴⁰ É a única vez que Lucas o usa. Fora de Lucas, aparece também em Jo 1,18. Cf. Veberbe ἐξηγοῦντο, https://biblehub.com/greek/exe_gounto_1834.htm.

²⁴¹ “Imperfecto de indicativo, voz media, de *exēgeomai*, verbo conducir afuera, mostrar. Nuestra palabra *exegesis* viene de este verbo. La historia de ellos era ahora confirmativa, no revolucionaria. Después de todo, las mujeres habían tenido razón. De *ellos* (... margen, ‘por ellos’) (*autois*). No habían reconocido a Jesús mientras que Él les iba enseñando, pero sí al partir el pan. A uno le viene a la mente el dicho que aparece en las *Logia de Jesús*: Levanta la piedra, y allí me hallarás; parte la madera, y allí estoy.” Cf. ROBERTSON, Archibald Thomas. **Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Espanha, Editorial Clie, 2003, p. 184.

²⁴² MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2017, p. 16.

interpretação se faz a partir do que o próprio texto diz.²⁴³ Portanto, tendo situado o texto no seu horizonte sintático, justificada a opção hermenêutica, o passo seguinte consistirá na análise semântica e pragmática do texto Lc 24,5-35.

²⁴³ SIMIAN-YOFRE, H. (Org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 78-84.

CAPÍTULO III - ANÁLISE HERMENÊUTICA-PRAGMALINGUÍSTICA

Após situar o texto no seu contexto literário, justificada a opção hermenêutica e examinada a estrutura morfosintática nos capítulos I e II, esta terceira e última parte do estudo da perícopa de Lc 24,13-35 procura evidenciar o seu complexo pragmático-teológico. Para isso, parte-se do pressuposto que todo texto é um evento comunicativo, em que se estabelece um diálogo entre autor, texto e leitor.²⁴⁴

É grande o esforço aplicado pelos estudiosos a fim de apresentar estudos e /ou novas abordagens e interpretações da Bíblia à luz da fé cristã, mediante os avanços científicos na atualidade. Tais avanços colocam em discussão métodos já homologados pela comunidade científica, como o histórico-crítico, com o advento de novas abordagens, como a Pragmalinguística, ainda em desenvolvimento com o objetivo de apresentar novas possibilidades interpretativas.

Além dos métodos diacrônicos e sincrônicos para a leitura hermenêutica do texto bíblico, emergem tendências de interrogar os textos, isto é, “colocando-os em perspectivas do tempo presente, seja de ordem filosófica, psicanalítica, sociológica, política etc.”²⁴⁵ Tal diversidade de métodos ou perspectivas enriquece a pesquisa e novas interpretações do texto bíblico, inclusive o diálogo entre pastores, teólogos e exegetas.²⁴⁶ Pois, “todos os métodos pertinentes de interpretação dos textos são habilitados a dar sua contribuição à exegese da Bíblia”.²⁴⁷

É nesse cenário do advento das novas abordagens que se ousa realizar a análise hermenêutica de Lc 24,13-35 mediante a perspectiva Pragmalinguística, a fim de colaborar para que a Sagrada Escritura “possa tornar-se sempre mais alimento espiritual dos membros do seu

²⁴⁴ GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell'exegesi biblica**. Milano: San Paolo, 2016, p.21.

²⁴⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. In: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em 30 de out. 2019.

²⁴⁶ Cf. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL. **Verbum Domini**. Do Santo Padre Bento XVI, sobre A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 45, p. 88-89.

⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. In: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em: 30 de out. 2019.

povo, a fonte para eles de fé, de esperança e de amor, assim como uma luz para toda a humanidade”.²⁴⁸

A aplicação da pragmática à exegese fundamenta-se nos estudos contemporâneos no campo da filosofia da linguagem, o qual tem aprofundado aspectos importantes da linguagem, não apenas como instrumento comunicativo e informativo, mas também o seu caráter performativo.²⁴⁹ Em outras palavras, um texto sagrado não somente diz algo, mas conduz o leitor a assumir valores que a Palavra de Deus propõe e realizar determinadas ações.²⁵⁰

A abordagem pragmalinguística segue os princípios da leitura sincrônica do texto, e servindo-se da riqueza e contribuição de outros métodos hermenêuticos que a precederam, tem como fundamento o fato que todo texto entra em diálogo com seu leitor com o intuito de produzir algum tipo de efeito; contudo, toda mensagem oral ou escrita nasce dentro de um contexto concreto:

[...]. Os textos não nascem em um vazio, mas num contexto de comunicação entre emissor e receptor. Palavras ditas ou escritas não são neutras em um contexto social, mas apresentam instrumentos poderosos na construção ou desconstrução de uma sociedade. Segundo a visão pragmática, o emissor e receptor encontram-se implícitos no texto.”²⁵¹

Na ótica da pragmática, o contexto se constrói na relação cooperativa entre os elementos textuais da sintaxe, semântica, gênero literário, estratégias narrativas e as inferências sugeridas pelas perguntas que o leitor faz ao texto.²⁵² Portanto, a tarefa exegética segundo esta abordagem consiste em identificar, no texto bíblico, a intenção do autor, desconhecida ao leitor devido à distância histórico-cultural entre ambos. A identificação da intenção de um texto, e da realidade à qual este busca responder, é o primeiro passo da hermenêutica.²⁵³ Como evento comunicativo, a mensagem escrita constitui-se de diversos atos linguísticos, nos quais

²⁴⁸ CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática **Dei Verbum**. São Paulo: Paulus, 2001, p. 363.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 12.

²⁵⁰ LOPES, Jean Richard; NEF ULLOA, Boris Agustín. O Discipulado Segundo Mateus: Uma abordagem Pragmática-Comunicativa. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 26, n. 92, Jul/Dez, 2018, p. 104.

²⁵¹ BERGES, Ulrich. La lingüística pragmática como método de la exegesis bíblica. **Revista Teológica Limense**, v. 28, n. 3, 1993, p. 83.

²⁵² GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell'exegesi biblica**, 2016, p. 63.

²⁵³ GAITÁN B, Tarcísio. **Métodos de Interpretación de la Biblia**. Cuestiones Teológicas. Medellín – Colômbia, v. 3, n. 79, Enero-Junio de 2006, p. 155.

autor e leitor interagem para que haja de fato uma verdadeira compreensão do que de fato o emissor quer transmitir.²⁵⁴

3.1 MODELOS DE COMUNICAÇÃO

São três os modelos de comunicação: o *linear* (*the conduit model*); o modelo de *reação*, e o modelo *circular* ou *dialógico*, um evento interativo considerando os dois interlocutores colaborando (cooperação) simultaneamente nas operações necessárias, isto é, um processo que se realiza com o outro, e não para o outro – pois “o texto não é um objeto acabado e definido, um objeto imutável, mas em contínuo progresso e em contínua relação com quem o lê”.²⁵⁵ O terceiro modelo aplica-se ao caso da perspectiva pragmalinguística em se tratando de um processo de cooperação, cujo êxito acontece quando o leitor empírico atém-se às regras desse jogo interpretativo.²⁵⁶ Assim, nesta pesquisa, o estudo exegético, considerar-se-á o diálogo texto-leitor.

3.2 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA

A pragmática²⁵⁷ ocupa-se da relação entre o sinal e o intérprete. Pois aquele que lê o texto²⁵⁸ ocupa-se da tarefa de verificar a conexão formal que os sinais linguísticos mantêm

²⁵⁴ MENDONÇA, José Tolentino de. **Método Pragmático de interpretação da Bíblia**, p. 144.

²⁵⁵ Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 52.

²⁵⁶ *Idem*, p. 48.

²⁵⁷ “La pragmática es la ciencia de la relación del signo con sus intérpretes”. Cf. MORA, Paz C. Grilli, M. Dillmann. **La Lectura Pragmalinguística de la Biblia**. Teoría y aplicación. Navarra: Editorial Verbo Divino. 1999, p. 15.

“L’interazione della struttura linguistica con i principi dell’uso linguistico o, ancora più semplicemente, lo studio dell’uso della lingua in contesto”. Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 101-102.

²⁵⁸ “Desde un punto de vista semiótico, podría ser llamado ‘texto’ cualquier comunicación de signos: una obra de teatro, un ballet, una película, una imagen etc.” cf. GRILLI, massimo. **Pragmática y análisis del texto**. Evangelium und kultur: texto bíblico, pragmática e interculturalidad. in:

<<http://www.evangeliumetcultura.org/espana/pragmatica-e-analisi-del-testo>> acesso em 26 de out de 18.

“Texto es cada elemento verbal de un acto comunicativo enunciado en una actividad comunicativa perceptible, es decir, realiza un potencial ilocutório. Sólo por la función ilocutiva (sócio-comunicativa) realizada en una situación comunicativa, provocada por un hablante y perceptible para los interlocutores, una cantidad de enunciaciones del lenguaje se convierte en un proceso de texto (=una manifestación de textualidad) coherente, regulado por reglas constitutivas y que funciona socio-comunicativamente con éxito.

Si se realizan, en un acto de comunicación, actos ilocutórios diferentes, y distinguibles por medio de diversas cantidades de enunciaciones, y si se pueden classificar jerárquicamente estos actos ilocutórios en un sistema coherente, entonces la cantidad completa de enunciaciones tiene un valor textual realizado por la jerarquía ilocutiva. Las porciones de enunciaciones que realizan actos ilocutórios integrados y diferenciados se llaman *intextos*. En esta situación es válido atribuir los textos hablantes. En consecuencia, también tales porciones de enunciaciones (interrompidas como enunciaciones de los demás interlocutores, pero desde la perspectiva del hablante per-

entre si (Sintática);²⁵⁹ ainda a relação entre sinais e os respectivos objetos (Semântica),²⁶⁰ e principalmente verificar que o texto estabelece com ele mesmo uma relação.²⁶¹ Uma relação profunda (texto-leitor), inscrita no texto desde seu nascimento, parte integrante dele. Porque “o texto²⁶² é uma ação (e um ‘modelo de ação’) endereçada a alguém, o leitor (pragmática)”.²⁶³ Isto é, o texto é a procura do outro, vai de encontro do desejo do outro (o leitor).²⁶⁴ Ou seja, o texto se destina a “un lector que sea capaz de comprender ciertas referencias, indicios literários, esquemas comunicativos, impulsos etc.”,²⁶⁵ o leitor modelo, capaz de cooperar com a atualização do texto e no qual a intenção do texto alcança sua realização,²⁶⁶ pois, “ao compor sua obra, o redator inclui o leitor.”²⁶⁷

tenecen a un acto ilocutório), son válidas como textos contínuos.” SCHMIDT, Siegfried J. **Teoría del texto: problemas de la comunicación verbal**. Madrid: Ediciones Catedra, 1977, p. 153.

²⁵⁹ “La sintáctica es la investigación de los signos y combinaciones, en tanto que sometidos a reglas sintácticas”. Cf. MORA, Paz C. Grilli, M. Dillmann. *La Lectura Pragmalingüística de la Biblia. Teoría y aplicación*. Navarra: Editorial Verbo Divino. 1999, p. 15.

“R. C. Stalnaker (1970) define la ‘pragmática’ (basándose en el uso semiótico-verbal) como ‘el estudio del lenguaje en relación con los que utilizan’ (272) y después especifica: ‘La pragmática es el estudio de los actos lingüísticos y de los contextos en los que aquellos se usan’ (275)”. Cf. SCHMIDT, Siegfried J. **Teoría del texto: problemas de la comunicación verbal**. Madrid: Ediciones Catedra, 1977, p. 41.

²⁶⁰ “La semántica trata de las relaciones de los signos con sus ‘designantes’ y, por consiguiente, con los objetos que ellos denotan o puedan denotar”. Cf. MORA, Paz C. Grilli, M. Dillmann. **La Lectura Pragmalingüística de la Biblia. Teoría y aplicación**. Navarra: Editorial Verbo Divino. 1999, p. 15.

²⁶¹ “La Pragmatica è da lui definita come lo studio della relazione dei segni con gli interpretanti, in contrapposizione alla *sintassi* – la scienza delle relazioni formali di un segno con l’altro – e alla *semantica* – la scienza delle relazioni dei segni con gli oggetti cui si applicano”. Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio: Un’introduzione**. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 103.

²⁶² “Mesmo a um nível puramente ‘material’ (o nível do texto-enquanto-ato), o texto é o não-desprezo, a não-exclusão radical do outro. Porque ele precisa dessa tensão para ser, para viver. Mesmo quando se elabora na ausência do outro, o que o texto diz é a impossibilidade de aceitar essa ausência, de conviver com ela, de se conformar a ela. Impossibilidade, no fundo, de contar o apagamento do outro, de escrever a sua morte.” Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **O outro que me torna justo: uma leitura pragmático-lingüística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14)**. Didaskalia. Lisboa, 1994, p. 80.

²⁶³ MENDONÇA, José Tolentino de. **O outro que me torna justo: uma leitura pragmático-lingüística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14)**. Didaskalia. Lisboa. 1994, p. 79.

²⁶⁴ “Como a amada do Cântico busca o amado nos labirintos temerosos da noite (Ct 5,6-7), assim o texto busca o leitor contra a grande noite do mundo. Dirige-lhe a palavra e, incessantemente, lhe suplica uma palavra, um assentimento, um gesto, ainda que precário e mínimo como o pulsar escondido do coração. Isto é tão vital que, escreve Paul Beauchamp, do fundo da sua temporalidade essencial, o texto nos espera a todos para ser verdadeiro.” Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **O outro que me torna justo: uma leitura pragmático-lingüística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14)**. Didaskalia. Lisboa. 1994, p. 79-80.

²⁶⁵ GRILLI, Massimo. Pragmática y análisis del texto. **EVANGELIUM UND KULTUR: Texto bíblico, Pragmática e interculturalidad**. Disponível em: < <http://www.evangeliumetcultura.org/espana/Pragmatica-e-analisi-del-testo> >. Acesso em: 25 de mai. 2020.

²⁶⁶ “Decodificar un texto significa comprender la estrategia narrativa: el proceso, las técnicas, los indicios, los procedimientos ... de los que el autor se sirvió para construir su lector ideal. Algunas alusiones y elipses pueden responder a reglas estilísticas y de belleza estética, pero principalmente responden a la relación que el autor quiere establecer con el propio “Lector Modelo”. El lector modelo es el lector ideal, en el cual la intención del texto alcanza su realización. Cada obra prevé (y construye) su lector ideal, y de modo especial la Biblia que, en la respuesta modelo’ del ser humano, ofrece un elemento constitutivo de la experiencia salvífica.” Cf. GRILLI,

Em se tratando da leitura de um texto literário, o texto bíblico, no objeto de estudo, no que diz respeito à função do leitor modelo, Grilli colabora:

La función del lector modelo, a nivel literario, consistirá, por tanto, en encarnar tal “verdad” sedimentada en el texto ofreciendo, de este modo, al lector real una exigencia que debe traducirse en formas concretas de existencia. Ante una página bíblica, los lectores empíricos del siglo XXI entran en relación con la “verdad” del texto, poniéndose en comunicación con la figura del lector-modelo que encarna aquella “verdad”. En relación con él, que integra en sí las cualidades ideales de un lector, el lector empírico se ve obligado a una relación constante y verdadera, participando en las emociones provocadas por el texto, y sobre todo aprendiendo a acoger el sistema de valores contenidos en él. Los lectores de cada época — de diferentes culturas, clases sociales y sensibilidad — están llamados constantemente a inter-actuar con este lector implícito delineado en el texto y a configurarse según aquellos modelos encarnados en él; no simplemente copiándolos, sino repensándolos y reformulándolos. Es absolutamente evidente que, de este modo, la verdad representada por el lector modelo no se agota en una sola actuación, sino que debe asumir modalidades diversas, dependiendo de las circunstancias: modalidades contenidas en la verdad del lector modelo representado en la estrategia textual. De esta manera, la exégesis bíblica recupera su dimensión hermenéutica y se convierte en fuente de vida para el actuar de cada uno y de toda la comunidad.²⁶⁸

A pragmática linguística se divide em três graus: o primeiro grau, o *dêitico*,²⁶⁹ como os pronomes eu, tu; os advérbios indicativos (“aqui”, “agora” etc.); expressões em que o sentido muda segundo as circunstâncias contextuais do uso. O segundo grau²⁷⁰ diz respeito ao estudo de como se relacionam a proposição em seu significado profundo e o sentido literal da frase. O terceiro grau trata da teoria dos atos da fala, caracterizados pelos jogos da linguagem,²⁷¹ como nos ensinam Wittgenstein, Strawson, Austin e Searle.²⁷² Há diversidade de jogos de

Massimo. Pragmática y análisis del texto. **EVANGELIUM UND KULTUR: Texto bíblico, Pragmática e interculturalidad.** Disponível em: < <http://www.evangeliumetcultura.org/espana/Pragmatica-e-analisi-del-testo> >. Acesso em: 25 de mai. 2020.

²⁶⁷ MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas, a antropologia da salvação.** 3ª. Edição, Rio de Janeiro: MAZZAROLO editor, 2013, p. 24.

²⁶⁸ GRILLI, Massimo. Pragmática y análisis del texto. **EVANGELIUM UND KULTUR: Texto bíblico, Pragmática e interculturalidad.** Disponível em: < <http://www.evangeliumetcultura.org/espana/Pragmatica-e-analisi-del-testo> >. Acesso em: 25 de mai. 2020.

²⁶⁹ “que tornam a sentença inteligível apenas tomando em conta a referência à situação na qual foi proferida”. Cf. DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão.** Tradução: Marcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 644.

²⁷⁰ “Gazdar emplea el término pragmática, sosteniendo que ésta trata de la fuerza ilocutória, de la implicación, de la presuposición en el contexto”. Cf. VIDE, Vicente. **Los Languages de Dios: pragmática, lingüística y teología.** Universidad de Deusto, Bilbao, 1999, p. 87.

²⁷¹ “Wittgenstein defende [...] que não há propriamente ‘a linguagem’, mas sim ‘as linguagens’, e que estas são ‘formas de vida’. O que nós chamamos ‘linguagem’ são ‘jogos de linguagem’”. Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **Método pragmático de interpretação da Bíblia.** Didaskalia. Lisboa. ISSN 0253-1674. 27:2 (1997), p. 140.

²⁷² “En vez de ver en la relación en el marco de acciones que se orientan hacia un fin y que son realizadas por interlocutores que emplean instrumentos convencionales (palabras, frases) organizadas según juegos de reglas”. Cf. VIDE, Vicente. **Los Languages de Dios: pragmática, lingüística y teología.** Universidad de Deusto, Bilbao, 1999, p. 87.

linguagem destinados a descrever; por outro lado, há outros para: perguntar, consolar, para adivinhar, traduzir, maldizer, rezar, etc. Destacamos que “não há nada oculto por detrás dos jogos de linguagem: os jogos de linguagem são o uso que se faz deles, modos como servem nas ‘formas de vida’”.²⁷³ Neste grau, a pragmalinguística e a teologia encontram maiores pontos de interesse, porque nesta se incide diretamente a questão acerca do significado e especificidade das asserções teológicas.²⁷⁴

3.3 PRINCÍPIOS DA ANÁLISE PRAGMALINGUÍSTICA

A abordagem pragmática, em síntese, se rege por estes princípios:

- a) Considera o texto no seu estado final, tal como se apresenta ao leitor.
- b) O texto programa a leitura: este se impõe ao seu leitor como uma totalidade significativa²⁷⁵ e a sua compreensão deriva do itinerário que se empreende por meio da leitura. Esta, por sua vez, é programada no texto pelo narrador, cuja estratégia se manifesta na narrativa e nas demais instâncias narrativas que compõem o mundo do texto, que o leitor é convidado a habitar no ato da leitura, o contexto.

Quanto ao contexto, Dascal esclarece que,

O primeiro passo para domar a aparente selvageria do contexto é tentar distinguir os vários tipos de fatores contextuais que influenciam a compreensão e descrever de maneira mais precisa os seus papéis na geração de tipos diferentes de implícito. Na minha opinião, a hermenêutica gadameriana enfatiza três aspectos diferentes: (a) o fato de que por trás de cada enunciado (ou qualquer outra elocução) existe sempre uma ‘questão’ que motiva; (b) o papel dos ‘preconceitos’ ou pré-juízos do intérprete como fatores constitutivos de toda interpretação; (c) a mediação de toda a experiência pela linguagem, que funciona, assim, como um contexto abrangente de nossa vida.²⁷⁶

- c) O texto constrói o leitor: ao se colocar na perspectiva pragmática, considera que no ato de escrever o autor concebe o leitor. Desta forma, o texto veicula um sistema de valores e

²⁷³ MENDONÇA, José Tolentino de. **Método pragmático de interpretação da Bíblia**. Didaskalia. Lisboa. ISSN 0253-1674. 27:2 (1997), p. 149.

²⁷⁴ VIDE, Vicente. **Los Languages de Dios**: pragmática, lingüística y teología. Universidad de Deusto, Bilbao, 1999, p. 87.

²⁷⁵ “Todo texto contiene para el lector signos de guía, y cada lector se ve presente em algún lugar de él. Por ello el éxito de la comunicación con el texto depende definitivamente de si el lector se compromete con las condiciones comunicativas contenidas en éste. Cometido preferente de la pragmática es hacer patentes esas condiciones”. Cf. MORA, Paz C. Grilli, M. Dillmann. **La Lectura Pragmalinguística de la Biblia**. Teoría y aplicación. Navarra: Editorial Verbo Divino. 1999, p. 148.

²⁷⁶ Cf. DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. Tradução: Marcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 647.

um código cultural que influenciam o leitor, o que exige o seu esforço interpretativo. Se o leitor constrói o texto, este, igualmente, constrói o leitor.

d) Nas narrativas bíblicas, seus autores fazem uso da língua escrita como um processo no qual a dimensão sintática, a semântica e a pragmática estejam entrelaçadas entre si, pois comunicam algo para suscitar no leitor ações específicas (*pragma*).

3.4 OS ATOS LINGÜÍSTICOS E SUA CLASSIFICAÇÃO

Uma das principais funções da linguagem humana é favorecer a comunicação nos seus diversos níveis. Segundo a filosofia da linguagem, em um ato comunicativo há uma estreita relação entre o falar e o agir.²⁷⁷ Nesse aspecto, a pragmática tem se interessado pelo estudo da linguística: compreender a correção entre um enunciado e a ação performativa que deste decorre. Isto é, as palavras carregam em si um potencial de ação, seja de afirmar uma verdade ou produzir uma ação.²⁷⁸ Partindo da noção que “dizer algo implica em fazer algo”. Diz respeito a um ato social por meio da qual os falantes entram em interação, por meio da qual o autor tem a intenção de transmitir um efeito previsto em vista da verdadeira finalidade a ser provada no receptor.²⁷⁹

A teoria dos atos linguísticos inicialmente foi desenvolvida por Austin. Ao introduzir o conceito de ato performativo em oposição ao ato constativo, destaca-se a relevância de, em um enunciado qualquer, distinguir o que é uma simples transmissão de verdades ou informações das ações que este postula ou sugere. Ao comunicar algo pode-se, por exemplo, fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer uma promessa, dar um veredicto, enfim, suscitar no destinatário da mensagem uma ação correspondente.²⁸⁰

²⁷⁷ GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica**, p. 83.

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 87.

²⁷⁹ Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **Método pragmático de interpretação da Bíblia**. Didaskalia. Lisboa. ISSN 0253-1674. 27:2 (1997), p. 145.

²⁸⁰ GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica**, 2016, p. 94.

A teoria austiniana dos atos linguísticos foi reelaborada por outros filósofos da linguagem, entre eles, Searle, segundo o qual, um enunciado tem uma força locutória, ilocutória e perlocutória como descrita a seguir:²⁸¹

- **Ato locutório** (*locutionary act*): ato linguístico que consiste em “dizer algo”, ao usar palavras com um sentido gramatical e com significado.²⁸²
- **Ato ilocutório** (*illocutionary act*): o que o falante te faz dizer ao fazer algo: pratica ações como, por exemplo, nomear, prometer, batizar, declarar, argumentar, perguntar, ordenar, escusar-se, etc.²⁸³
- **Ato perlocutório** (*perlocutionary act*): diz respeito aos efeitos que o falante produz ou tenta produzir ao dizer algo, no ouvinte. Pois, ao dizer algo podemos ofender, encorajar, acalmar, alarmar, irritar, convencer, alegrar, intimar, enganar.²⁸⁴

Tendo apresentado breve fundamentação sobre a perspectiva pragmalinguística, realizar-se-á a aplicação do método em cada parte da perícope escolhida, Lc 24,13-35, a fim de apresentar a pragmática do texto e sua função para os leitores e os possíveis efeitos e implicações que Lucas deseja gerar no seu leitor. Nesse sentido,

Os leitores de todo tempo, de cultura, classe social e sensibilidade diversas... são chamados constantemente a interagir com esse leitor implícito delineado no texto e a configurar-se segundo aqueles modelos encarnados por ele; não simplesmente copiando-os, mas repensando-os, reinterpretando-os. [...], desse modo, a verdade representada pelo leitor modelo não se exaurirá em uma única atuação, mas assumirá modalidades diferentes, conforme circunstâncias; modalidades contidas, porém, na verdade do único leitor-modelo. Dessa maneira, a

²⁸¹ GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica**, 2016, p. 96.

²⁸² “Che corrisponde all’atto *di dire* qualcosa – equivale a pronunciare una certa frase con un certo senso e riferimento (approssimativamente il significato nel senso tradizionale).” Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p.153.

²⁸³ “Che corrisponde all’atto *nel dire* – equivale al modo in cui deve essere interpretata.” Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 153.

²⁸⁴ “Che corrisponde all’atto *col dire* – ciò que otteniamo o riusciamo a fare con le parole – es. *Convincere, persuadere, trattenere, ingannare, sorprendere*”).” Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 153.

exegese bíblica recupera sua dimensão hermenêutica e se torna fonte de vida para a ação dos indivíduos e das comunidades.²⁸⁵

3.5 ESTRUTURA DO CONTEXTO COMUNICATIVO DE LC 24,13-35

A fim de chegar à intenção comunicativa do texto, faz-se necessário evidenciar seus aspectos formais sob os quais está construída a estrutura do relato. Essa estrutura²⁸⁶ oferece os primeiros e fundamentais sinais de uma intenção comunicativa.

A estrutura a seguir oferece a disposição gramatical e sintática do *texto* Lc 24,13-35, na sua unidade literária (o seu *cotexto*), o capítulo 24, objeto desta investigação. Isso orienta o leitor a: “[...], compreender num golpe de vista onde está o peso do relato ou quais elementos deste são valorizados: dados de pano de fundo, comentários, detalhes narrativos, acontecimentos específicos, ou palavras de um diálogo”,²⁸⁷ com os quais foi construído o relato de Emaús.

A formação do contexto comunicativo é construída a partir da superfície discursiva ou literária, o *cotexto* e o *texto*. E pela estrutura da narrativa de base:

I. o *pano de fundo*, que diz respeito ao “que não é um fato inaudito, o que por si mesmo não induziria ninguém a prestar atenção, o que, no entanto, serve como auxílio ao ouvinte, facilitando-lhe a orientação no mundo narrado”,²⁸⁸ distinguido pelo verbo no *imperfecto*;

II. o *primeiro plano*, “aquilo que se narra na história, o que é registrado no sumário, o que o título sintetiza ou poderia sintetizar, o que substancialmente induz as pessoas a suspender por algum tempo o trabalho a fim de escutar uma história cujo mundo não é o mundo cotidiano: em resumo, o ‘fato inaudito’”,²⁸⁹ marcado pelo verbo no *aoristo*;

III. o *discurso direto*, que diz respeito às vozes diretas dos personagens da trama.

²⁸⁵ Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 56.

²⁸⁶ Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 74-91.

²⁸⁷ *Idem*, p. 82.

²⁸⁸ *Idem*, p. 78

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 78.

Diante do exposto, segue a urdidura do contexto comunicativo da perícópe em análise.

	Pano de fundo	Primeiro plano	Discurso direto
<i>I – situação inicial – vv. 13-16</i>	13a Καὶ ἰδοὺ δύο ἐξ αὐτῶν ἐν αὐτῇ τῇ ἡμέρᾳ ἦσαν πορευόμενοι εἰς κώμην ἀπέχουσαν σταδίου ἐξήκοντα ἀπὸ Ἱερουσαλὴμ,		
	13b ἢ ὄνομα Ἐμμοῦς,		
		14a καὶ αὐτοὶ ὠμίλουν πρὸς ἀλλήλους περὶ πάντων τῶν συμβεβηκότων τούτων.	
	15b ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς	15a καὶ ἐγένετο	
	15c καὶ συζητεῖν	15d καὶ αὐτὸς Ἰησοῦς ἐγγίσας	
		15e συνεπορεύετο αὐτοῖς,	
	16a οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν ἐκρατοῦντο		
<i>II – enlace da trama – vv. 17-27</i>	16b τοῦ μὴ ἐπιγινῶναι αὐτόν.		
		17a εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς·	17b τίνες οἱ λόγοι οὗτοι
			17c οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους
			17d περιπατοῦντες;
		17e καὶ ἐστάθησαν σκυθρωποί.	
		18a ἀποκριθεὶς δὲ εἰς ὄνόματι Κλεοπᾶς	
		18b εἶπεν πρὸς αὐτόν·	
			18c σὺ μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ καὶ οὐκ ἔγνως τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις;
		19a καὶ εἶπεν αὐτοῖς·	19b ποῖα;

19c οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ·

- 19c τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ,
 19d ὃς ἐγένετο ἀνὴρ προφήτης δυνατὸς ἐν
 ἔργῳ καὶ λόγῳ ἐναντίον τοῦ θεοῦ καὶ
 παντὸς τοῦ λαοῦ,
 20a ὅπως τε παρέδωκαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς
 καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου
 20b καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν.
 21a ἡμεῖς δὲ ἠλπίζομεν
 21b ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ μέλλων λυτροῦσθαι τὸν
 Ἰσραήλ·
 21c ἀλλὰ γε καὶ σὺν πᾶσιν τούτοις τρίτην
 ταύτην ἡμέραν ἄγει ἀφ' οὗ ταῦτα
 ἐγένετο.
 22a ἀλλὰ καὶ γυναῖκες τινες ἐξ ἡμῶν
 ἐξέστησαν ἡμᾶς,
 22b γενόμεναι ὀρθριναὶ ἐπὶ τὸ μνημεῖον,
 23a καὶ μὴ εὐροῦσαι τὸ σῶμα αὐτοῦ
 23b καὶ εὔρον οὕτως
 23c καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον,
 23d αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον.
 24a καὶ ἀπῆλθόν τινες τῶν σὺν ἡμῖν ἐπὶ τὸ
 μνημεῖον
 24b καὶ εὔρον οὕτως
 24c καθὼς καὶ αἱ γυναῖκες εἶπον,
 24d αὐτὸν δὲ οὐκ εἶδον.

25a Καὶ αὐτὸς εἶπεν πρὸς αὐτούς·

			25b	ὡ ἀνόητοι καὶ βραδεῖς τῇ καρδίᾳ τοῦ πιστεύειν
			25c	ἐπὶ πᾶσιν οἷς ἐλάλησαν οἱ προφῆται·
			26a	οὐχὶ ταῦτα ἔδει παθεῖν τὸν χριστὸν
			26b	καὶ εἰσελθεῖν εἰς τὴν δόξαν αὐτοῦ;
	27a	καὶ ἀρξάμενος ἀπὸ Μωϋσέως καὶ ἀπὸ πάντων τῶν προφητῶν		
	27b	διερμήνευσεν αὐτοῖς ἐν πάσαις ταῖς γραφαῖς τὰ περὶ ἑαυτοῦ.		
28a	Καὶ ἤγγισαν εἰς τὴν κώμην			
28b	οὗ ἐπορεύοντο,			
	28c	καὶ αὐτὸς προσεποιήσατο πορρώτερον πορεύεσθαι.		
	29a	καὶ παρεβιάσαντο αὐτὸν		
	29b	λέγοντες·		
			29c	μεῖνον μεθ' ἡμῶν,
			29d	ὅτι πρὸς ἐσπέραν ἐστὶν
			29e	καὶ κέκλικεν ἤδη ἡ ἡμέρα.
	29f	καὶ εἰσῆλθεν		
	29g	τοῦ μεῖναι σὺν αὐτοῖς.		
	30a	καὶ ἐγένετο ἐν τῷ κατακλιθῆναι αὐτὸν μετ' αὐτῶν		
	30b	λαβὼν τὸν ἄρτον		
	30c	εὐλόγησεν		
	30d	καὶ κλάσας		
	30e	ἐπεδίδου αὐτοῖς,		
	31a	αὐτῶν δὲ διηνοίχθησαν οἱ ὀφθαλμοὶ		

	31b	καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν·		
	31c	καὶ αὐτὸς ἄφαντος ἐγένετο ἀπ' αὐτῶν.		
	32a	καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους·		
			32b	καὶ ἐπέγνωσαν αὐτόν·
			32c	ὥς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ,
			32d	ὥς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς;
	33a	Καὶ ἀναστάντες αὐτῇ τῇ ὥρᾳ		
	33b	ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ		
	33c	καὶ εὗρον ἠθροισμένους τοὺς ἑνδεκα καὶ τοὺς σὺν αὐτοῖς,		
	34a	λέγοντας ὅτι		
			34a	ὄντως ἠγέρθη ὁ κύριος
			34b	καὶ ὤφθη Σίμωνι.
35a		καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ		
	35b	καὶ ὥς ἐγνώσθη αὐτοῖς ἐν τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου.		

De acordo com estrutura proposta, seguem algumas observações importantes para a compreensão do texto estudado e sua intenção comunicativa. Constata-se que a narração apresenta quatro cenas ou sessões que se desenvolvem entre si,²⁹⁰ que caracterizam a unidade literária na composição da perícopes.

Seção I. O encontro, a situação inicial (vv. 13-16) – Nesta seção, Lucas situa e enquadra os acontecimentos. Os detalhes apresentados nesta seção fornecem ao *leitor* dados necessários para a compreensão da trama a ser desenvolvida na narrativa. Os quatros primeiros versículos têm a função de articular a trama com os acontecimentos precedentes e enquadrar os subseqüentes. Trata-se da introdução narrativa.

Seção II. A conversação no caminho, o enlace (vv. 17-27) – Nesta seção, evidencia-se a conexão entre a situação inicial, o *enlace* e o *nó*, conforme vv. 14-15, e vv. 17-18 e v. 35, demonstrados abaixo:

17b	τίνες οἱ λόγοι οὗτοι (<i>Quais palavras estas</i>)	14a	καὶ αὐτοὶ ὡμίλουν πρὸς ἀλλήλους (<i>conversavam entre si</i>)
17c	οὓς ἀντιβάλλετε πρὸς ἀλλήλους (<i>Discutis entre vós</i>)	15b	ἐν τῷ ὁμιλεῖν αὐτοὺς (<i>enquanto conversavam</i>)
		15c	καὶ συζητεῖν (<i>e discutiam</i>)
18c	τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις (<i>as coisas acontecidas lá nestes dias?</i>)	14a	πάντων τῶν συμβεβηκότων τούτων.
		19c	οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ· τὰ περὶ Ἰησοῦ τοῦ Ναζαρηνοῦ, (<i>E eles disseram: a acerca de Jesus o Nazareno</i>)
35a	καὶ αὐτοὶ ἐξηγοῦντο τὰ ἐν τῇ ὁδῷ (<i>e eles relatavam [as coisas acontecidas] no caminho</i>)		

²⁹⁰ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 579; DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas: Un comentario para la actividad pastoral**. España, Editorial Verbo Divino, 2006, p. 563.

Observa-se que pelo motivo de a situação inicial (vv. 13-16) e o enlace da narrativa (vv. 17-27) fazerem referência aos mesmos acontecimentos, a trama confere uma coesão literária entre as partes. Nesse sentido, o que dá uma solução à problemática apresentada pelos dois caminantes é o próprio Ressuscitado, que lhes explica as Escrituras (vv. 25-27), e pelo sinal da fração do pão (vv. 28-30). Nesse sentido, corrobora Bovon: “El relato de Emaús [...] no explica apenas el desarrollo de los hechos, sino que da sentido a los acontecimientos conocidos. Insiste sobre todo en el ἔδει, `era preciso` (v. 26), en el designio divino.”²⁹¹

Seção III. Ação transformadora (vv. 28-32) – Na seção III, mediante o pedido dos discípulos (v. 29), ocorre a mudança da trama. No reconhecimento, as dificuldades são vencidas. Chega-se ao clímax da trama: da tristeza à alegria; do medo à caminhada destemida; do não reconhecimento ao reconhecimento; da invisibilidade à visibilidade. Isto é, à transformação antes preparada desde a explicação das Escrituras, que nesta seção tem sua realização definitiva.

O desenlace da trama é marcado pelo evento: “Os olhos deles foram abertos e reconheceram-no” (v. 31), o que corresponde à solução da problemática apresentada no v. 16. Outra questão resolvida na seção foi a invisibilidade (v. 31), cuja solução aparece no v. 35, onde se apresenta o que disseram os dois caminantes: “e eles relatavam as coisas acontecidas no caminho e como reconheceram a Ele ao partir o pão”, v. 35. No desenlace, o reconhecimento foi crucial para a interpretação da narrativa, marcada pelo partir do pão.

Seção IV. O regresso a Jerusalém, situação final (vv. 33-35) – Na seção IV, constata-se que a conexão dos versículos conclusivos do texto em análise é efetuada pelos dois discípulos, sujeitos da maioria dos verbos utilizados na perícopes, inclusive pelo v. 35 que sintetiza os vv. 13-27; e a expressão “como reconheceram a Ele ao partir o pão” (v. 35b), relacionando-se aos vv. 28-32.

A estrutura em tela trata de “una escena de reconocimiento, cuya tensión pone a un lado y separa a los lectores, que saben la identidad de Jesús, de los actores que a tientas.”²⁹² Nesse sentido, na estrutura apresentada nota-se que Lucas recapitula todo seu evangelho. Os caminantes conseguem, por meio de suas palavras, na narrativa, reunir a origem, o ministério

²⁹¹ BOVON, François. *El Evangelio según San Lucas* (Lc 19,28-24,53), V. IV. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 629.

²⁹² *Idem*, p. 628.

e a paixão do personagem principal que ocupou a cena durante os vinte e quatro capítulos. Considera-se a perícopes e todo o capítulo 24 a conclusão do livro.²⁹³

Enfim, aqui se revela a habilidade de Lucas, que soube temperar a sugestão da arte narrativa com o ensinamento do pregador. Ele utilizou os fragmentos de uma tradição que circulava entre os discípulos de Jerusalém, às margens do ambiente oficial, para criar a história edificante, ou seja, um relato que servisse para a reflexão e a vida da comunidade cristã. Pode-se reconhecer esta intenção catequética e didática na estrutura global da narração, como também nas sublinhas ou retomadas temáticas.²⁹⁴

3.6 PRAGMÁTICA NOS QUATRO ATOS DO CAMINHO DE EMAÚS

O episódio de Emaús, uma narração teológico-catequética,²⁹⁵ “uma pedagogia da fé em Cristo ressuscitado”,²⁹⁶ que segue o modelo do tipo “transformação”,²⁹⁷ é marcado por uma capacidade artística do evangelista Lucas, narrada em quatro atos. A partir destas seções se realizará a análise Pragmática mediante as estratégias dos Atos Linguísticos (*atos da fala*:²⁹⁸ atos locutórios, atos ilocutórios e atos perlocutórios.

²⁹³ BOVON, François. **El Evangelio según San Lucas** (Lc 19,28-24,53), V. IV. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 629.

²⁹⁴ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 242.

²⁹⁵ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 193.

²⁹⁶ George, A. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 50.

²⁹⁷ “A narrativa dos discípulos de Emaús segue um modelo bastante clássico nas literaturas antigas e menos antigas: descreve uma ‘transformação’. Na linguagem do filósofo grego Aristóteles, essa transformação pode ser de dois tipos: uma mudança de situação, tal como a passagem da infelicidade para a felicidade ou vice-versa, ou uma mudança de conhecimento, ou seja, a passagem da ignorância para o conhecimento. [...] o relato dos discípulos de Emaús [...] descreve uma passagem da infelicidade para a felicidade: no início os discípulos estão ‘tristes’ (Lc 24,17), sua presença foi aniquilada pela morte de Jesus (24,21), e no final descobrem que seu coração ardia (24,32) e voltam felizes a Jerusalém para anunciar aos seus companheiros o ocorrido (24,33). O relato descreve também uma passagem da ignorância para o conhecimento: no início os discípulos caminham com Jesus sem saber que era ele, pois seus olhos estavam impedidos de o reconhecer (24,16), e o relato acrescenta sua conclusão quando seus olhos se abrem e reconhecem o Ressuscitado ao partir o pão (24,31; cf. 24,35). Ademais, o momento do ‘reconhecimento’ coincide com a passagem da infelicidade para a felicidade. Os discípulos recuperam a alegria de viver porque reconhecem o Ressuscitado”. Cf. SKA, Jean Louis. **O Deus oleiro, dançarino e jardineiro**: ensaios de antropologia bíblica. Tradução Alda da Anunciação Machado. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 47-48.

²⁹⁸ “Um ato de fala não é apenas um ato de falar ou de ‘querer dizer, mas é sobretudo, e de maneira decisiva, *um ato social*, por meio do qual os membros de uma comunidade falante entram em *interação*. Porque ‘no autor se presume não só a ‘mera’ intenção de informar; pelo contrário, sua intenção ‘narrativa’ de transmitir está ao serviço de um efeito já previsto como verdadeira finalidade, e que ele quer provocar no receptor’”. Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **Método pragmático de interpretação da Bíblia**. Didaskalia. Lisboa. 1997), p. 145.

Ainda, mediante as estratégias do leitor modelo, identificar: o perfil do leitor modelo; a estratégia usada pelo autor para construir o seu leitor modelo; a relação de autoridade do autor modelo em relação ao leitor modelo; identificar e analisar os valores apresentados pelo autor ao leitor modelo; identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo autor para que o texto²⁹⁹ possa atingir sua finalidade; e estabelecer a relação entre leitor modelo e o leitor empírico.³⁰⁰ Antes apresentaremos, como segue, os aspectos formais e literários do *texto* em análise.

De forma didática, a análise exegética será realizada em quatro seções: *O encontro* (vv. 13-16), *A conversa pelo caminho* (vv. 17-27), *A cena em Emaús* (vv. 28-35), *O retorno a Jerusalém* (vv. 33-35). Pois, assim, qualquer leitor empírico, o leitor hoje do episódio, poderá perceber a estratégia que se desenvolve na trama. A análise exegética apresentará a seguinte moldura:

a. Cenário do encontro (24,13-16)

b. Diálogo com Jesus no caminho (24,1-27)

A. A pergunta de Jesus a seus companheiros de viagem (24,17)

B. Contando os fatos do que havia acontecido (24,18–24)

C. Interpretação dos fatos da Escritura (24,25-27)

c. Hospitalidade em uma refeição (28,2-32)

A. Convite para ficar com eles (24,28-29)

B. Reconhecimento de Jesus através da refeição da irmandade (24,30-31)

C. Reflexão sobre a experiência deles (24,32)

d. Compartilhar a experiência com a comunidade reunida (28,33-35)

²⁹⁹ “[...], uma rede de relações predisposta à comunicação”. Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 17.

³⁰⁰ “Os leitores empíricos somos todos nós, quem quer que leia o texto em determinado momento e em determinada situação, ao passo que o leitor-modelo é o leitor-tipo que o texto prevê, ou melhor, cria, ou busca, em todo caso, criar (disso depende o bom êxito da obra).” Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 47.

3.7 O ENCONTRO (vv. 13-16)³⁰¹

Na primeira seção, “O encontro”, constata-se, a partir do autor modelo, mediante a voz anônima de um narrador, a introdução do Ressuscitado na cena do episódio de Emaús. Ele se põe a caminhar com os dois discípulos.³⁰² “Ora, enquanto **conversavam** (ὁμιλεῖν) e **discutiam** (συζητεῖν)³⁰³ entre si, o próprio Jesus **aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles** [συνεπορεύετο αὐτοῖς]”(v. 15).³⁰⁴

Nesta seção ganha relevo o tema teológico na perícope em análise, *a perspectiva geográfica*, pois os discípulos se põem a caminho,³⁰⁵ e o próprio Jesus se põe a caminhar com eles. Nesse sentido, o caminho é para Lucas *marco geográfico* no qual Jesus explica aos discípulos o significado da Escritura.³⁰⁶ Esse fato se dá três dias depois da crucificação; os discípulos abandonam abatidos a cidade, retornando para sua aldeia, distanciando-se de Jerusalém, distanciando-se dos acontecimentos lá ocorridos, e são chamados a afastar-se da leitura incipiente que fizeram desses fatos. Porque a hermenêutica pascal pressupõe um deslocamento interior, um distanciamento crítico em relação às próprias posições sobre o fato. É o que supõe o caminho de Emaús.³⁰⁷ Pelo caminho, Jesus os encontra e caminha com eles, todavia eles não o reconheceram.³⁰⁸

³⁰¹ “É importante relacionar duas coisas: 1) Jesus nunca deve ter estado em Emaús, região a oeste de Jerusalém. Os discípulos mencionados são dessa região. E mesmo que Jesus tenha ido, não nos é narrado em qualquer escrito do NT. 2) Sendo festa da páscoa judaica, é provável que Cléofas (24,18) cumpra a lei judaica indo com sua esposa (Jo 19,25) para Jerusalém, a fim de participar das festividades. Terminada a festa, no primeiro dia da semana eles retornam”. Cf. MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas, a antropologia da salvação**. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: MAZZAROLO editor, 2013, p. 291.

³⁰² Cléofas não fazia parte dos Onze. Contudo, não se pode excluir a possibilidade de que o outro discípulo, cujo nome não se revela, fora um dos Onze. Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 581.

³⁰³ O verbo discutir (συζητεῖν) sugere que “Cléofas e seu companheiro não estavam andando meditativamente, em um passeio de Páscoa... mas discutindo apaixonadamente os eventos da Sexta-feira Santa.” Jesus interveio diretamente para esclarecer o que aconteceu e impedir a dissolução da fé de seus discípulos. Cf. GERLAND, David E. **Luke**. Michigan: Zondervan, 2012, p. 950.

³⁰⁴ Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas: un comentario para la actividad pastoral**. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 564.

³⁰⁵ O relato parece implicar que os dois discípulos voltavam para casa, depois de ter celebrado a Páscoa na capital. Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 581.

³⁰⁶ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 577.

³⁰⁷ Cf. MENDONÇA, José Tolentino de. **O tesouro escondido: para uma arte da procura interior**. Prior Velho: Paulinas, 2011, p. 101-102.

³⁰⁸ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 579.

3.8 A CONVERSAÇÃO PELO CAMINHO (vv. 17-27)

Na segunda seção do episódio (vv. 17-27),³⁰⁹ Jesus realiza um ato locutório ao perguntar aos discípulos sobre o que eles estavam conversando: “*Que palavras são essas que **estais discutindo** [ἀντιβάλλετε] enquanto ides caminhando? (v. 17)*”.³¹⁰

Em resposta à pergunta do autor-modelo,³¹¹ os dois³¹² também realizam um ato locutório ao responder: “*Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela **aconteceram** [γεγόμενα] nesses dias?*”³¹³ (v. 18).” A resposta de Cleófas pode ser classificada como um ato ilocutório,³¹⁴ porque a realiza mediante uma pergunta a Jesus.

Mediante a pergunta de Jesus, caracterizando um *ato ilocutório expressivo*, na qual se expressa uma certa disposição psicológica em relação ao estado de coisas exposto no conteúdo proposicional:³¹⁵ “***Quais** [ποῖα]?*”, os dois discípulos, por intermédio de um ato locutório, **responderam** [εἶπαν] a Jesus de Nazaré:

O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo: como nossos sumos sacerdotes e nos-

³⁰⁹ “Muitos estudos apontam como o episódio do eunuco etíope (At 8,26-40) é uma imagem espelhada nesse relato. Gillman observa: ‘os companheiros de Emaús estavam discutindo os últimos acontecimentos acerca de Jesus; o etíope estava lendo uma passagem do profeta Isaías. Entretanto, nenhum entendeu a princípio o significado do que estava lendo. Em ambos os casos a iluminação vem inesperadamente de um estranho que se encontra no caminho.’ Os discípulos de Emaús sabiam dos eventos, mas não sabiam como interpretá-los à luz das Escrituras, ou como se realizariam a partir de tudo que os profetas tinham dito (cf. Lc 24,25). O etíope conhecia as Escrituras, mas desconhecia os eventos aos quais estas se referiam.” Cf. GERLAND, David E. **Luke**. Michigan: Zodervan, 2012, p. 959.

³¹⁰ Mediante essa pergunta sobre o tema da conversação, o evangelista atribui ao próprio Jesus ressuscitado a iniciativa na encenação do drama que começa a desenvolver-se. Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 584-585.

³¹¹ O autor-modelo é uma voz que fala afetuosamente (ou imperiosamente ou dissimuladamente) conosco, que nos quer ao seu lado, e essa voz se manifesta como estratégia narrativa, como conjunto de instruções que nos são dadas a cada passo e a que devemos obedecer quando decidimos comportar-nos como leitor-modelo. Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 46.

³¹² “A frase ‘responderam eles’ (v. 19) indica que Jesus não envolveu apenas Cléopas, mas os dois discípulos, na conversa.” Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 895.

³¹³ “O insulto é uma das consequências inevitáveis da encarnação. Apenas se Deus permanecesse no céu ao qual pertence. Quando Deus ousa se envolver nos assuntos de Israel ou se tornar um ser humano em Jesus de Nazaré, a consequência é a ridicularização (8,53), zombaria (23,36) ou, como aqui, o insulto (v.18).” Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução de Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 894.

³¹⁴ Ato ilocutório (*illocutionary act*): o que o falante te faz dizer ao fazer algo: pratica ações como, por exemplo, nomear, prometer, batizar, declarar, argumentar, perguntar, ordenar, escusar-se, etc. “Che corrisponde all’atto *nel dire* – equivale al modo in cui deve essere interpretata”). Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 153.

³¹⁵ Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell’esegesi biblica**. Milano: San Paolo, 2016, p. 103.

... e os chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós³¹⁶ esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram tendo ido muito cedo ao túmulo e, não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que haviam tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!” (vv. 19-24).

E Jesus começou a instruí-los (*ato ilocutório representativo*³¹⁷), explicando-lhes as Escrituras: “*Insensatos e lentos de coração para **crer** tudo o que os profetas **falaram*** [ἐλάλησαν]! A repreensão de Jesus aos discípulos se deveu por terem desacreditado na evidência associada à ressurreição, e testemunhos das mulheres, inclusive por não terem reconhecido a ele. Por lerem as Escrituras sem se acreditar, pois o problema deles não era de mente, mas do coração.³¹⁸

“*Não era preciso que o Cristo **sofresse** tudo isso e **entrasse** em sua glória? E, **começando** por Moisés e **percorrendo** todos os profetas, **interpretou-lhes*** [διερμήνευσεν] *em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito* (vv. 26-27).” Os discípulos, nesse instante, permanecem tristes; fazem uma primeira pausa no caminho: há tempo para as reflexões. Nota-se que aqui,

Lucas formula as dificuldades dos seus leitores: um Messias sofredor e crucificado contradiz a apresentação corrente que o mundo greco-romano tem de um salvador. O que no princípio do seu evangelho Lucas apresenta como uma contraproposta à ideia então corrente de senhorio humano e terreno, e que anuncia Jesus como Cristo e Senhor (cf. Lc 2,1-20), é uma provocação não somente para os seres humanos da antiguidade. O Reino de Deus se situa fora de todo reino humano e não segue sua lógica. Identifica-se precisamente com o Cristo

³¹⁶ EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 896-897.

³¹⁷ “Il parlante è impegnato, in gradi diversi, a sostenerle la verità di una proposizione, o nella realizzazione di qualche cosa; per esempio, quando *afferma, spiega, si lamenta, crede, conclude, nega, riferisce*. Egli tende ad adattare le proprie parole allo stato del mondo. Lo stato psicologico del parlante è quello della credenza, per cui tutti gli atti rappresentativi possono essere soggetti a un giudizio di tipo vero/falso. Per esempio: ‘Oggi è giovedì’; ‘I meteorologi considerano questa estate la più calda degli ultimi sessant’anni’.” Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell’esegesi biblica**. Milano: San Paolo, 2016, p. 101.

³¹⁸ Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. Tradução de Regina Aranha. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 898.

sofredor e crucificado, que é o mesmo crucificado. Esta realidade não permanece oculta aos leitores atentos à Escritura; no entanto, essa mesma realidade somente é assumida na fé.³¹⁹

Desse modo, Jesus desejava *transformar o desânimo e a tristeza deles em fé e esperança*.³²⁰

3.9 A CENA EM EMAÚS (vv. 28-32)

Na terceira seção do episódio denominada “A cena em Emaús”, observa-se que ao longo da caminhada dos discípulos com o caminhante anônimo, tendo-se aproximado do povoado de Emaús, Jesus faz de conta que seguiria a caminhada adiante – quando fora interpellado pelos dois caminhantes com o insistente convite, caracterizando um ato locutório: “*Permanece conosco*,³²¹ pois cai a tarde e o dia já declina”. E Jesus aceita o convite: “Entrou então para ficar com eles”. Aceitação esta, caracterizada com um *ato ilocutório*.

Logo, à mesa com eles³²² (v. 29), mediante um *ato ilocutório declarativo*,³²³ marcado pelo verbo abençoar, Jesus,³²⁴ “**tendo pegado** (λαβὼν) o pão, **abençoou-o** (εὐλόγησεν), depois **tendo partido** (κλάσας), **e o dava** (ἐπεδίδου) a eles”. Ação esta que leva os dois caminhantes a realizarem um ato *perlocutório*,³²⁵ ao reconhecerem Jesus: E então, “*seus olhos foram abertos* (διηνοιχθησαν) *e o reconheceram* (ἐπέγνωσαν)”: A cena do caminho termina

³¹⁹ Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 566.

³²⁰ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Tradução de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 579.

³²¹ “Este convite corresponde à prática judeu-cristã da hospitalidade (cf. Lc 5,29; 7,36; 10,38; 19,1-10).” Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 566.

³²² “O comportamento de Jesus na mesa se assemelha à atuação nas refeições comunitárias que fez durante sua vida terrena; algo semelhante à refeição dos cinco mil (cf. Lc 9,16) ou à última ceia com seus discípulos (cf. Lc 22,19).” Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 566.

³²³ “Il parlante altera lo *status* di un oggetto o di una situazione per il solo fatto di proferire un enunciato; per esempio, quando chi parla conferisce una nomina, pronuncia una sentenza, o battezza. (...)”. Cf. GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicazione e pragmatica nell’esegesi biblica**. Milano: San Paolo, 2016, p. 104.

³²⁴ “Aquele que era forasteiro, agora é anfitrião. Aquele que estava morto convida a partilhar da sua vida.” Cf. MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido**: para uma arte da procura interior. Prior Velho: Paulinas, 2011, 105.

³²⁵ Ato perlocutório (*perlocutionary act*): diz respeito aos efeitos que o falante produz ou tenta produzir, ao dizer algo, no ouvinte. Pois, ao dizer algo podemos ofender, encorajar, acalmar, alarmar, irritar, convencer, alegrar, intimar, enganar. “Che corrisponde all’atto *col dire* – ciò que otteniamo o riusciamo a fare con le parole – es. *Convincere, persuadere, trattenere, ingannare, sorprendere*”). Cf. BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un’introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005, p. 153.

com êxito. E então, nesse momento seus olhos se abrem; reconhecem Jesus ao partir o pão. E Jesus desaparece. Eles caem em si, de como ardia os seus corações quando pelo caminho Jesus lhes explicava o sentido das Escrituras.³²⁶ Nesse sentido, “esse reconhecimento de Jesus ressuscitado projeta luz para trás e permite que os discípulos façam uma verdadeira leitura dos seus ensinamentos, enquanto Jesus estava com eles.”³²⁷ Nesse sentido nos ilumina Tolentino:

A sequência dos gestos de Jesus à mesa atesta que Ele não só toma o pão como se dá naquele pão, num gesto que reenvia para a dádiva total, na hora máxima da cruz. A narrativa fica, assim, completamente alterada. Os discípulos compreendem, por fim, que estão continuamente na presença de Jesus, pelo dom da Fé pascal.³²⁸

3.10 O RETORNO A JERUSALÉM (vv. 33-35)

A quarta e última seção da narrativa é marcada pelo o retorno dos dois discípulos para Jerusalém, marcado por *um ato perlocutório*: “*naquela mesma hora, tendo-se levantado* (ἀναστάντες) *e voltaram*³²⁹ (ὑπέστρεψαν) *para Jerusalém*, lugar onde o evangelho lucano inicia e termina: “[...]. começa nessa cidade santa, quando o arcanjo Gabriel aparece a Zacarias no templo (Lc 1,5-25), e concluiu-se também no templo de Jerusalém, onde os discípulos fazem, pois, uma viagem de ida e volta, o centro do qual partirá também a missão.”³³⁰

*Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, que disseram: É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão.*³³¹ É clara aqui a ação realizada pelos discípulos, um

³²⁶ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Tradução de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 579.

³²⁷ MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas, a antropologia da salvação**. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: MAZZAROLO editor, 2013, p. 292.

³²⁸ MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido**: para uma arte da procura interior. Prior Velho: Paulinas, 2011, p. 105.

³²⁹ “[...]: indica o reencontro da fé, o reconhecimento do valor da comunidade reunida, a consciência de que o anúncio do evangelho ajuda a entender os dramas da vida.” Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 194.

³³⁰ SKA, Jean Louis. **O Deus oleiro, dançarino e jardineiro**: ensaios de antropologia bíblica. Tradução Alda da Anunciação Manchado. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 52.

³³¹ “Lucas prossegue agora em sua narração a profissão de fé pascal da comunidade primitiva; a formulação se apoia estreitamente em 1Cor 15,3-5. Destaca-se que Pedro não é designado com nome que lhe confiou a tradição cristã (Pedro), mas o nome que levou antes do seu chamado e com o que o mencionou Lucas pela primeira vez em 4,38 (Simão). Portanto, esta confissão pode ser muito antiga. A fórmula ‘apareceu’ está reservada no Antigo Testamento às revelações de Deus e inclui o momento da visão e do encontro pessoal. Por esse motivo, Lucas viu também conveniente descrever de forma plástica as aparições do Ressuscitado. Assim, com isto satisfaz também o desejo de seus leitores greco-helenísticos, que preferem as descrições visuais frente às afirmações abstratas.” Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 567.

ato perlocutório, mediante o evento do reconhecimento de Jesus ao partir o pão,³³² ao partir a própria vida; os discípulos chegam ao momento oportuno para narrar sua experiência, tornando-se testemunhas e comunicadores dos acontecimentos do caminho:³³³ E então, eles lhes contam o que lhes tinha passado no caminho, e como haviam reconhecido Jesus ao partir o pão.³³⁴ Assim, dão sustentação à profissão de fé de Pedro (cf. 1Cor 15,3-5).

3.11 EMAÚS, CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO E RECONHECIMENTO

A partir da análise realizada no texto em estudo, mediante aplicação da perspectiva da pragmatolinguística, observando a performatividade expressa na narrativa pelos personagens cuja estratégica se pautou no leitor implícito (Teófilo), destinatário de Lc-At, realiza-se a atualização da leitura e/ou releitura de Lc 24,13-35, evidenciando o envolvimento do leitor real do século XXI na história como se fosse protagonista dela, assim como atualiza Mazzarolo:

A grande contribuição que o estilo narrativo de Lucas apresenta é que nele o leitor se sente envolvido pela história como se fosse protagonista dela. Na verdade, os relatos lucanos podem ser apresentados como reais ao leitor, o qual, estando a vinte séculos da narrativa, não se sente só nem distante. O que é narrado é tão vivo que o leitor se sente envolvido, faz parte da sua história, da sua vida e não raro exclama: *‘Hoje é realmente assim!’* O texto produz e dá sentido à existência humana; ele dá evidência ao que nele está dito. Por outro lado, é o leitor que solicita o conteúdo; é para ele que vai a encomenda. Como afirma Walter Ong, o escritor sempre tem uma plateia imaginária, e para ele, o público é sempre uma certa ficção.”³³⁵

³³² “O sinal do reconhecimento foi o *romper o pão* (24,30). Naquela mesma hora eles se levantaram e foram para Jerusalém anunciar aos Onze e aos outros que tinham caminhado, conversado, jantado e reconhecido Jesus no gesto de *romper o pão* (24,35).” Cf. MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas, a antropologia da salvação**. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: MAZZAROLO editor, 2013, p. 292.

³³³ “A volta para Jerusalém e a confirmação de que ‘o Senhor verdadeiramente ressuscitou e apareceu a Simão’ (v. 34) subordinam à fé dos apóstolos a experiência dos dois discípulos decepcionados que reencontraram o Senhor. Essa confissão de fé, referente a Pedro, representa, pois, o ápice da narração. Trata-se do testemunho oficial da Igreja. Não são os discípulos de Emaús, portanto, que anunciam a boa-nova da ressurreição aos que estão em Jerusalém, mas a recebem por parte da comunidade reunida ao redor dos Onze. O evangelista frisa que a aparição aos dois discípulos não tem o mesmo valor que a aparição a Pedro. A correta hierarquia dos acontecimentos é restabelecida.” Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 196.

E “convencidos da ressurreição, não podem menos que converter-se em missionários desta Boa Notícia e regressar a Jerusalém a essas horas da noite.” Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 567.

³³⁴ Cf. FITZMYER, J. A. **El evangelio según Lucas**. Tradução de Dionisio Mínguez. Madrid: Ediciones Cristiandad, v. IV, 2005, p. 579.

³³⁵ MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas, a antropologia da salvação**. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: MAZZAROLO editor, 2013, p. 24.

Se o confronto semântico se organizou em torno dos dois discípulos,³³⁶ a análise pragmática introduz necessariamente um segundo referente, o leitor.³³⁷ Nesse sentido, aquele ou aquela que desejar narrar os episódios dos dois discípulos de Emaús, dirá: *Naquele mesmo dia, na tarde da Páscoa, primeiro dia da semana, três pessoas estavam a caminho de uma aldeia chamada Emaús: eram os dois caminantes,³³⁸ e outro era o leitor*, porque, como indaga Mesters, “[...] a pessoa que andava com Cléofas e que, até hoje, anda com ele nas estradas da vida, somos todos nós que temos o mesmo desejo de conhecer melhor a Escritura, o plano de Deus. Andando com Cléofas no caminho de Emaús, Jesus nos ensina como devemos ler e interpretar a Sagrada Escritura.”³³⁹

Nesse cenário, o leitor³⁴⁰ é convidado a identificar-se com os dois discípulos nesse caminho extraordinário de encontro³⁴¹ com o Ressuscitado. Identificar-se com um estado de ânimo em que também o leitor poderá se encontrar hoje:

Os discípulos têm aparentemente tudo o que é necessário para crer. Conhecem os escritos do Antigo Testamento, a mensagem de Jesus, sua atuação e sua morte na cruz. Ouviram também a mensagem da ressurreição. As mulheres lhes comunicaram sua experiência e lhes

³³⁶ “As figuras de identificação mais importantes são ambos os discípulos no caminho de Emaús. Enquanto os leitores se identificam com estas figuras, propiciam o processo de aprendizagem na fé.” Cf. DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: Un comentario para la actividad pastoral. Espanha, Editorial Verbo Divino, 2006, p. 568.

³³⁷ Leitor este que “diante de uma página bíblica, os leitores empíricos do século XXI entram em relação com a ‘verdade’ do texto, comungando com a figura do leitor-modelo que encarna aquela ‘verdade’. Defronte dele, que combina em si as qualidades ideais de um leitor, o leitor empírico é obrigado a um relacionamento constante e verídico, participando das emoções provocadas pelo texto e principalmente aprendendo a acolher o sistema de valores aí contido.” GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elzbieta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 55.

³³⁸ “O narrador indica o nome de um, ‘o chamado Cléofas’ (v.18), mas isso não é suficiente para arrancá-los do anonimato, fato que talvez denuncie a intenção universalizante do autor: aqueles dois são apenas ‘discípulos’, quer dizer, são representantes de qualquer discípulo em confronto com a Fé Pascal.” Cf. MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido**: para uma arte da procura interior. Prior Velho: Paulinas, 2011, p. 100.

³³⁹ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Crescer em amizade**: uma chave de leitura para o evangelho de Lucas. São Paulo: Paulus, 2019, p. 89.

³⁴⁰ “Os leitores já sabem quem é o desconhecido, e isto cria um clima de expectativa e participação emotiva na trajetória dos dois discípulos. O diálogo ocupa a parte central e preponderante do episódio. Através do diálogo, é articulado o movimento que leva os dois discípulos desiludidos, da incapacidade de reconhecer Jesus, ao reconhecimento alegre de sua presença (24,16.31). As duas partes do diálogo sustentado por Cléofas e por Jesus reproduzem os dois momentos contrapostos na caminhada de fé. De um lado, expectativa enganosa de um messianismo político nacionalista; do outro, a compreensão do verdadeiro projeto salvífico de Deus.” Cf. FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 242-243.

³⁴¹ “No início está a própria capacidade de encontro que pode ser provocada através de um acontecimento equivalente ao narrado ou por meio da Palavra de Deus na Escritura. Este encontro permanece sem orientação, se não nos é esclarecido. Por isso Jesus explica a ambos a Escritura e assinala que o Messias devia padecer e assim entrar em posse do seu senhorio.” *Idem*, p. 568.

anunciaram que Ele ‘está vivo’. Tudo é inútil. Eles continuam seu caminho, envoltos em tristeza e desânimo. Todas as esperanças postas em Jesus desvaneceram-se com o fracasso da cruz.³⁴²

Neste sentido, a narrativa do episódio de Emaús é caminho aberto para o reconhecimento³⁴³ e a transformação nesse itinerário fecundo para o encontro com o Ressuscitado, que gera alegria e nos leva a confessar com nossas vidas que Ele vive! A exemplo de Teófilo, destinatário da obra lucana,³⁴⁴ faça-se a tua leitura!

A narrativa de Emaús, na qual Lucas tempera sua sugestão na arte de narrar com o ensinamento do pregador, é um convite à transformação e ao reconhecimento do Ressuscitado. De sombrios, decepcionados, “triste, deprimido” – “desencorajado”, voltam comovidos e entusiastas. Para isso, o evangelista Lucas sugere dois caminhos para a recuperação da fé no Ressuscitado: o caminho da escuta da Palavra³⁴⁵ – aqueles discípulos, apesar do estado de desânimo, eles continuam pensando em Jesus, falando dele, pensando nele, se perguntando por Ele. “É precisamente nesse momento que o Ressuscitado se faz presente em sua caminhada. Onde alguns homens e mulheres se recordam de Jesus e se perguntam pelo significado de sua mensagem e de sua pessoa, ali está Ele, embora eles sejam incapazes de reconhecer sua presença.”³⁴⁶ O segundo caminho apresentado pelo narrador é o gesto do partir o pão...

Os discípulos retêm o caminhante desconhecido para cearem juntos na aldeia de Emaús. O gesto é simples, mas íntimo. Uns caminhantes cansados da viagem sentam-se para compartilhar a mesma mesa. Aceitam-se como amigos e descansam juntos das fadigas de uma longa caminhada. É nesse momento que se ‘abrem os olhos’ dos discípulos e eles descobrem

³⁴² PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 358.

³⁴³ “Lucas [...], lembra os leitores que o reconhecimento de Jesus e a confissão dele como Cristo e Senhor não dizem respeito à visão humana, mas à habilitação divina – à revelação.” Cf. EDWARDS, James R. **O comentário de Lucas**. São Paulo: Sheld Publicações, 2019, p. 892.

³⁴⁴ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Rio de Janeiro, Mazzarolo, 2017, p. 65.

³⁴⁵ Caminho este que vale a pena, “[...] percorrer até o fim o caminho que leva ao reconhecimento de Jesus: a escuta da palavra que muda o coração, e o partir o pão na comunidade. Nesta altura, os olhos se abrem para reconhecer a presença do Ressuscitado na comunidade de irmãos.” Cf. FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 243.

³⁴⁶ PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Tradução Gentil Avelino Titton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 359.

Jesus como alguém que alimenta sua vida, os sustenta no cansaço e os fortalece no caminho.³⁴⁷

E Jesus continua a alimentar a vida dos leitores hoje, fazendo-lhes arder o coração mediante a recordação atenta da sua Palavra performática.³⁴⁸ Pois, “[...] recordar Jesus, aprofundar-nos em sua mensagem e em sua atuação, meditar sua crucificação... Se em algum momento Jesus nos comove, se suas palavras chegam a penetrar em nós e se nosso coração começa a arder, é sinal de que nossa fé está despertando.”³⁴⁹

O “*modelo de ação*” é dado ao leitor mediante a oportunidade de realizar um encontro pessoal com o Ressuscitado, gerando a transformação e o reconhecimento, à luz do que nos instrui Lucas na narrativa, levando os leitores a testemunharem que o companheiro do caminho rumo a Emaús é o Ressuscitado, e diante disso voltar para Jerusalém e confessar aos que lá estavam que Jesus é o Ressuscitado, confissão esta que se fundamenta no testemunho do experimentado no caminho. E a partir disso tornam-se comunicadores da Boa-Nova aos homens e mulheres do nosso tempo. Pois, “O encontro com Ele os pressiona a tornarem partícipes a outros da sua experiência; este é também um desafio para os leitores, que chegam a ser testemunhas da ressurreição quando narram aos outros sua experiência com a mensagem libertadora de Jesus.”³⁵⁰

Todos os leitores podem deixar-se interpelar não somente pelo papel dos discípulos tristes, senão também por Jesus. Pois, no encontro com os tristes, o leitor toma verdadeiramente o papel de Jesus: deixar-se guiar por esta história significativa que há de admitir o encontro com os tristes e permitir-se conduzi-los e acompanhá-los responsavelmente e criativamente por eles. Pois, “a experiência da ressurreição nos põe a caminho para contar aos outros aquilo que vimos e ouvimos.”³⁵¹ Casalegno enfatiza:

É evidente que por meio do tema do ‘caminho’, muito frisado no relato (v. 15.17.32.35), o evangelista quer fazer referência ao caminho concreto de cada batizado, em

³⁴⁷ PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Tradução Gentil Avelino Titton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 359.

³⁴⁸ “A aprendizagem da fé se dá, certamente, num processo maior, que se realiza ao longo da vida do leitor, mas sempre tratando de encontrar ao Senhor na fração do pão.” Cf. *Idem*, p. 568.

³⁴⁹ *Idem*, p. 360.

³⁵⁰ DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **O comentário al evangelio de Lucas: un comentario para la actividad pastoral**. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 569.

³⁵¹ GRÜN, Anselm. **Jesus, modelo de ser humano: o evangelho de Lucas**. São Paulo, Loyola, 2004, p. 116.

todos os tempos e em todos os lugares, cheio de dificuldade e de provações, porém sustentado pela ação poderosa do Ressuscitado. Por isso, a narração é uma tácita exortação ao cristão para não ficar desnortado perante o problema do mal no mundo, mas, iluminado pela Escritura, se colocar a serviço do desígnio salvífico de Deus, que vence o mal e renova a história.³⁵²

Nesse sentido, “a Palavra, o pão e a profissão de fé são três sinais de reconhecimento do Senhor e, ao mesmo tempo, as três etapas de uma caminhada que toda comunidade cristã pode fazer, confrontando-se com a caminhada dos dois discípulos de Emaús”,³⁵³ num projeto de transformação contínua no caminho de configuração da vida em Cristo e que conduz à fé nos irmãos e para os irmãos, porque [...] Cristo ressurgido é um Cristo que confia uma missão. Poder-se-ia afirmar, de um modo um tanto paradoxal, que Cristo ressurge no projeto de vida, no evangelho vivido e proclamado pelos discípulos. Em termos menos paradoxais, Jesus Ressuscitado está agora vivo na comunidade que o proclama e vive a sua mensagem de reconciliação.³⁵⁴

Essa missão foi confiada aos dois discípulos de Emaús e aos Onze em Jerusalém (cf. At 1,1-11). E a partir daí os enviados dão continuidade ao caminho. Nasce, assim, o tempo da Igreja como constata-se em Atos dos Apóstolos. Essa missão a partir de um conceito de Igreja em saída, comunidade missionária, será tratada no tópico “o caminho como paradigma da missão”.

3.12 O CAMINHO COMO PARADIGMA DO DISCIPULADO MISSIONÁRIO

A partir do último ato perlocutório (Lc 24,33), que leva os dois discípulos a tomarem a atitude de discípulos missionários, retornando para Jerusalém e testemunhando aos Onze que Jesus havia Ressuscitado, a partir dessa ação dos dois discípulos, *homens de alegria*³⁵⁵ e paz,

³⁵² Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 196.

³⁵³ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 244.

³⁵⁴ SKA, Jean Louis. **O Deus oleiro, dançarino e jardineiro**: ensaios de antropologia bíblica. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 52.

³⁵⁵ [...] “A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa-nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo co-

abre-se o novo caminho, o caminho da palavra, para os confins do mundo (cf. At 1,8), a fim de dar continuidade à missão de Jesus, “*potente em obras e palavras*” (Lc 24,19); e realizando “*tudo quanto Jesus fez e ensinou*” (At 1,1), seguindo as pegadas de Jesus, não cessando de anunciar e ensinar a boa-nova que Jesus é o Cristo (Lc 5,42; 8,4).³⁵⁶

Pode-se perguntar em que consistiram as obras e ensinamentos de Jesus, e que se tornaram conteúdo da missão de todo aquele e aquela que, mediante o encontro com o Ressuscitado, torna-se discípulo missionário, participa e dá continuidade à mesma missão e ação evangelizadora de Jesus.³⁵⁷ Assim como Ele foi ungido e enviado pelo Espírito do Senhor para “evangelizar³⁵⁸ os pobres,³⁵⁹” e para “proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,8-19; cf. 7,18-23).³⁶⁰ Nesse sentido, ainda, “Lucas nos mostra Jesus como um terapeuta cujos métodos de terapia são hoje tão modernos quanto na época. E ele nos convoca a nós, cristãos, para que, na força do Espírito que compenetra Jesus, também curemos os enfermos e ergamos os encurvados.”³⁶¹

Assim, tomando o paradigma dos discípulos de Emaús, todos os batizados têm a possibilidade de fazer a experiência do reencantamento mediante a fé no Ressuscitado. Desse modo, com o coração ardente e pleno de vida, caminhar com dinamismo para a missão. Com ardor renovado pela presença e proximidade do Ressuscitado, seus olhos se abrem, seus

nhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.” Cf. CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007, p. 24.

³⁵⁶ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 293.

³⁵⁷ PANAZZOLO, João. **Missão para todos**: introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2019, p. 19.

³⁵⁸ [...], “para Lucas, evangelizar os pobres não se reduz a um discurso simplesmente religioso. Conforme a experiência comum da comunidade primitiva, uma verdadeira evangelização deve, de fato, ser acompanhada por gestos concretos da promoção humana”. Cf. *Ibidem*, p. 294.

³⁵⁹ [...], “o termo pobres equivaleria, pois, aos presos, aos cegos, aos oprimidos, aos coxos, aos leprosos, aos surdos, aos mortos, a todos aqueles que vivem uma existência que não corresponde ao projeto de Deus em relação à vida humana tal como se apresenta.” Cf. *Ibidem*, p. 293.

Macín diz: “Los pobres, en el evangelio, son una realidad inefable, a la que estamos llegando de un modo permanente. Los pobres, en la realidad, son aquellos que nos desafían desde una posición diferente, que nos deja inseguros, incapaces de generar una respuesta humana.” Cf. MACÍN, Ángel José. **Peregrinos de Emaús**, de caminantes desahuciados a testigos de la esperanza: un comentario contextualizado de Lc 24,13-35. In: VV.AA. **En el camino de Emaús: esperanza que fecunda la historia**. XXXVª Semana Argentina de Teología. Buenos Aires: Agape Libros, 2017, p. 131.

³⁶⁰ “Ambos os textos destacam que Jesus realiza as profecias de Isaías referentes aos prisioneiros de guerra que voltam da Babilônia, maltratados e explorados por muito tempo (cf. Is 5,13; 14,2; 23,1; 35,5-6; 61,1-2); ao mesmo tempo, realçam quem ele é a partir das concretas obras de libertação que ele cumpre.” Cf. CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 291.

³⁶¹ GRÜN, Anselm. **Jesus, modelo de ser humano**: o evangelho de Lucas. São Paulo, Loyola, 2004, p. 55.

corações se aquecem. Assim, o novo ardor se espalha, sai do coração e chega à mente, à consciência, e move os pés que saem a evangelizar. Missão esta decorrente do batismo, afirma Júnior:

O chamado à missão decorrente do nosso Batismo implica em uma resposta livre, em um ato de confiança em Deus. Neste sentido, a ação evangelizadora, catequética e pastoral da Igreja ajuda os batizados a descobrirem a beleza do seguimento de Jesus Cristo como uma proposta de vida coerente com o Evangelho. Mostrar o caminho para quem se dispõe a ser discípulo de Jesus é fazer a leitura e a releitura do Caminho de Emaús. Discípulo não é aquele que sabe, mas o que segue o Mestre, que quer e tem uma relação dialógica pessoal, e demonstra, na vida concreta, o interesse pelo projeto do Mestre e pelo seu projeto de vida e de cristão.³⁶²

Reitera Suess,

A missão dos ‘discípulos missionários’ é universal: todos são enviados e todos são convidados. ‘Jesus não diz aos Apóstolos para formarem um grupo exclusivo, um grupo de elite (113).’ ‘A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos [Mt 28,19]’ (19). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: Proclamai que o Reino do céu está perto [Mt 10,7]’ (180).³⁶³

Dillmann e Paz afirmam também que,

[...] Tarea de la comunidad cristiana es que el Reino no quede en manos de una sola persona. El Evangelio invita a rendir cuentas de aquello a lo que la comunidad cristiana de los diferentes tiempos está contribuyendo para la realización del Reino de Dios.³⁶⁴

Sendo enviados, “*com o tesouro do Evangelho*”,³⁶⁵ à missão num contexto de “Igreja em saída,³⁶⁶ à luz” do programa evangelizador do papa Francisco, descrito na Exortação

³⁶² JÚNIOR, Delmiro Vieira do Nascimento. Leitura catequética da experiência do caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). **Revista Eletrônica Espaço Teológico** maio/2010/, p. 24-36.

³⁶³ SUESS, Paulo. **Dicionário da Exortação Evangelii Gaudium**: 50 palavras para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015, p. 58-59.

³⁶⁴ DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006, p. 22.

³⁶⁵ CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007, p. 24.

³⁶⁶ “‘Igreja em saída’ diz respeito a um projeto eclesial de proximidade do Povo de Deus, nos mais variados campos de ação missionária, desde a relação direta com os mais pobres e pequeninos da sociedade, até a apresentação de um caminho de santidade no mundo atual, visando ajudar os cristãos, as famílias, os pais, os jovens e a humanidade inteira a trilhar o caminho de integração social, religiosa, e, de modo especial, levando em conta o

Apostólica *Evangelii Gaudium*, um projeto direcionado para o Povo de Deus, “que abre uma nova etapa evangelizadora”,³⁶⁷ que nos aponta caminhos direcionados aos pequenos e oprimidos, os pobres, protagonistas da nova evangelização inaugurada no DAp e na EG. Nessa conjuntura, o programa de evangelização de uma Igreja em saída “se expressa e ganha real sentido, mediante a encíclica *Laudato Si'*, da exortação apostólica pós sinodal *Amoris Laetitia* e da Carta Encíclica *Gaudete et Exsultate*, e de outras expressões importantes, como o Sínodo sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional, o Sínodo Pan-Amazônico e a instituição, pelo papa Francisco, do Dia Mundial dos Pobres.”³⁶⁸

Diante disso, faz-se necessário manter-se lúcido a fim de ter um olhar aberto e atento aos sinais dos tempos, com olhos de ressuscitados, porque [...] “a Páscoa é um colírio que cura a nossa visão das coisas, a identificar a vontade de Deus. Nós somos chamados a construir uma nova visão sobre a realidade, a visão alargada pelo acontecimento do Ressuscitado.”³⁶⁹ Assim, seremos capazes de ver as necessidades da Igreja que muda constantemente e os métodos que ainda estão aquém da necessidade atual. Faz-se necessário ser discípulos *amigos de Deus*, “sujeitos transversais da missão”,³⁷⁰ “existir para os outros”,³⁷¹ que tenham e fazem todos os dias o seu encontro com o Pai a partir da escuta da Palavra, capazes de relacionar evangelho e promoção humana. Assim,

Francisco julga necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais para uma vida saudável em sociedade (cf. EG 74). Por isso, um dos desafios colocados por ele para a Igreja é a necessidade de responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas vãs ou com um Jesus Cristo sem carne e sem

meio ambiente, a casa comum, lugar onde todos somos, ou deveríamos ser, irmãos.” Cf. Dantas, José Erivaldo. **O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 86.

³⁶⁷ SUESS, Paulo. **Dicionário da exortação Evangelii gaudium: 50 palavras para uma leitura pastoral**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 24.

³⁶⁸ Dantas, José Erivaldo. **O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 86.

³⁶⁹ MENDONÇA, José Tolentino. **O pequeno Evangelho de Emaús**.

In: <https://www.capeladorato.org/2018/04/25/o-pequeno-evangelho-de-emaus/>, Acesso em 20/04/2020.

³⁷⁰ SUESS, Paulo. **Dicionário da exortação Evangelii gaudium: 50 palavras para uma leitura pastoral**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 57.

³⁷¹ Idem, p. 58.

compromisso com o outro (cf. EG 89). Trata-se, portanto, de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações (cf. EG 91), vislumbrando a conexão íntima que existe entre a mensagem do Evangelho e a promoção humana (cf. EG 178).³⁷²

Jesus Cristo é, portanto, aquele que se encontra com os dois caminantes de Emaús desiludidos e cegos, incapazes de compreenderem o que havia acontecido com o seu Senhor, que fora morto na cruz e que desaparecera do sepulcro. Trata-se de um Jesus capaz de fazer-se companheiro no caminho, rumo à luz da compreensão e do reconhecimento do mestre, que se senta à mesa com eles e abre-lhes os olhos ao partir o pão, reconduzindo-os no caminho da fé no Ressuscitado, impulsionados a retornarem “a Jerusalém” e comunicarem que Jesus Vive e está entre nós, esse mesmo Jesus que nos interpela no rosto do irmão necessitado. E nesse caminho não se está sozinho, porque [...] “Jesus continua com eles o caminho, e essa experiência de um caminho acompanhado é também a experiência pascal. Nós não estamos sós na descoberta deste novo olhar. É porque Ele está conosco, é porque Ele vem caminhar ao nosso lado que esta transformação é capaz de acontecer.”³⁷³ Pois, Deus sai ao encontro de quem necessita de vida e ressurreição.

Nessa perspectiva, um novo olhar rumo à missão, urge trilhar as estradas abertas a partir da proposta de Francisco, modernos métodos criativos, novas formas de expressão, sinais eloquentes, e palavras plenas de renovação e significado para o mundo e as culturas urbanas atuais, o que caracteriza a proposta de uma Igreja em saída, missionária, que envolve todos os protagonistas da evangelização, batizados, e aqueles que não conhecem Jesus Cristo, ou que o recusaram.

Enfim, como leitores e intérpretes das Escrituras, *a partir do amor do Criador para todas as suas criaturas – o único critério para a verdadeira compreensão das Escrituras*,³⁷⁴ como ensina o Ressuscitado ao se revelar, no caminho de Emaús, aos dois caminantes. Ele continua constantemente a revelar-se e a conduzir seus discípulos às “Jerusaléns” do mundo, a

³⁷² Dantas, José Erivaldo. **O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 87.

³⁷³ MENDONÇA, José Tolentino. **O pequeno Evangelho de Emaús**. In:

<<https://www.capeladorato.org/2018/04/25/o-pequeno-evangelho-de-emaus/>>, Acesso em 20/04/2020.

³⁷⁴ Cf. Maggi, Alberto. **III DOMINGO de PÁSCOA – 26 de abril de 2020**: Como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão. In: <<https://www.studibiblici.it/PORTOGHESE/omelie/26%20aprile%202020.pdf>>, Acesso em 1º Mai. de 2020.

dar continuidade à tarefa de fazer acontecer o Reino no mundo, “que já se faz presente no mundo como a pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore””,³⁷⁵ de modo especial aos pobres – nos quais somos convidados a descobrir Cristo: “não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser amigos, a escutá-los, a compreender-lhes e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles (198).”³⁷⁶

Isto é, fazer caminho com os destinatários da Igreja em saída, explicando-lhes a Palavra, aquecendo-lhes os corações, partilhando com eles o pão, gesto de uma vida entregue, com novo olhar, compreendendo e assumindo com novo vigor a missão de levar outros caminhantes à compreensão e à vivência da fé no Ressuscitado, assim como acontecera com Cleófas e seu companheiro, representantes de cada pessoa nesta jornada que chamamos vida. E nessa missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar e libertar os pobres.³⁷⁷ Colocando-nos no caminho do sofrimento, solidarizando-nos com ele,³⁷⁸ tornando Jesus visível na comunidade mediante os gestos de solidariedade, misericórdia e partilha.

E no cenário atual em que vivemos, *ir ao povo*, à luz das orientações do atual bispo de Roma, é trilhar o caminho da sinodalidade.³⁷⁹ Para o qual se requer a prática da escuta³⁸⁰ atenta que nos capacita ao verdadeiro discernimento para a missão. Essa capacitação acontece mediante a presença atualizadora do Espírito Santo no caminho das comunidades desde Jeru-

³⁷⁵ SUESS, Paulo. **Dicionário da Exortação Evangelii Gaudium**: 50 palavras para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015, p. 165.

³⁷⁶ *Idem*, pp. 82-83.

³⁷⁷ *Idem*, p. 125.

³⁷⁸ Cf. MATOS, Henrique Cristiano José. **No movimento da misericórdia**. Belo Horizonte, Editora o Lutador, 1996, p. 67.

³⁷⁹ “Sinodalidade é o substantivo abstrato e se compreende a partir do concreto sínodo e do adjetivo sinodal. “Sínodo”, composto pela proposição *syn*, junto, e pelo substantivo *hodos*, caminho, indica, literalmente, um caminho feito em conjunto pelo povo de Deus peregrino. A palavra “caminho”, por sua vez, remete a Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), e à condição dos cristãos – os de Cristo, os do caminho (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).” Cf. FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. **A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, mai./ago.2018. In: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34480/34480.PDF>> Acesso em 21 de Mai de 2020, p. 392.

³⁸⁰ “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta e ciente de que escutar é muito mais do que simplesmente ouvir. A autêntica escuta comporta a reciprocidade num diálogo que se estabelece, onde cada um tem algo a ensinar e aprender. Por várias evidências, somos testemunhas de uma mentalidade sinodal que caracteriza a Igreja de nosso tempo. Prova disso é a preocupação de uma escuta consultiva, a começar pelo povo de Deus, os batizados. Todas as instâncias eclesiais desejam se colocar numa postura humilde, com o mesmo objetivo: escutar aquilo que o Espírito Santo diz hoje à Igreja (Ap 2,7).” Cf. QUIRINO, Ademilson Tadeu. SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Sinodalidade: escuta e comunhão na vida e missão da Igreja. Grande Sinal: **Revista de Espiritualidade e Pastoral**, vol. 74, n. 01, Jan./Jun. 2020. In: < <https://grandesinal.emnuvens.com.br/GS/article/view/66/45>>. Acesso em 21 de Mai de 2020, p. 98.

salém até os confins do mundo, em todos os tempos, gerando unidade e comunhão. Assim nos atualiza Nef Ulloa e Lopes:

[...] a sinodalidade caracteriza-se, segundo Atos dos Apóstolos, na convicção de que a presença do Ressuscitado é atualizada pelo Espírito Santo no caminho das comunidades desde Jerusalém até os confins do mundo (cf. At 1,8). É o Espírito que qualifica a vida de todos os batizados para, no exercício da corresponsabilidade e da participação, responderem juntos, fiéis e pastores, com coerência ao chamado do Senhor. Por isso, a experiência da sinodalidade será sempre um caminho aberto que exigirá da Igreja, em todos os tempos, a coragem de viver, na história, um testemunho maduro e dinâmico capaz de ser sinal de comunhão e unidade.³⁸¹

Nesse sentido, a experiência de Emaús é um convite a realizar juntos a tarefa de promover no mundo uma cultura de escuta e compreensão,³⁸² para a missão. Trata-se de um discernimento espiritual e pastoral: distinguir novas *estradas*, atentos ao que o Espírito Santo diz às Igrejas.³⁸³ E nesse peregrinar missionário na sinodalidade,

A escuta da Palavra de Deus e o mistério da eucaristia serão sempre o alimento dos que se colocam a caminho numa Igreja sinodal. O imperativo “levanta-te” será sempre a motivação de uma Igreja do encontro, da escuta, do diálogo e da comunhão. Ela mesma se percebe a caminho e necessitada de conversão em suas estruturas pastorais e evangelizadoras.³⁸⁴

Dessa maneira trilha-se o caminho missionário até os confins do mundo, como nos ensina Emaús. Boa jornada aos leitores de nosso tempo nessa viagem com o intuito de dar continuidade de comunicar a todos os homens e mulheres que verdadeiramente *Ele vive!*

³⁸¹ NEF ULLOA, Boris Agustín. LOPES, Jean Richard. Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos. **Revista Cultura Teológica**, Ano XXVII, nº 94, Jul/Dez 2019. In: < <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/44719> >. Acesso em 21 de Mai de 2020, p. 218.

³⁸² Cf. DOMINGUES, Felipe Alves. **Caminhar juntos: reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens**. São Paulo: Paulus, 2020, p. 123.

³⁸³ FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. **A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, mai./ago.2018. In: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34480/34480.PDF> > Acesso em 21 de Mai de 2020, p. 397.

³⁸⁴ QUIRINO, Ademilson Tadeu. SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. **Sinodalidade: escuta e comunhão na vida e missão da Igreja**. Grande Sinal: **Revista de Espiritualidade e Pastoral**, vol. 74, n. 01, Jan./Jun. 2020. In: < <https://grandesinal.emnuvens.com.br/GS/article/view/66/45> >. Acesso em 21 de Mai de 2020, p. 104.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada até aqui desde a elaboração do projeto de pesquisa que previu estudar a temática: “*Emaús, o caminho da fé pascal: Estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35*” foi realizadora. Um caminho de escuta, de transformação e retomada de jornada. No papel de pesquisador, tomei o lugar do outro discípulo a fim de viver a experiência do itinerário: Jerusalém<>Emaús; Emaús<>Jerusalém. A intriga que conduziu a pesquisa foi a de compreender a importância do termo *caminho* (ὁδὸς) no evangelho lucano a partir da perícopa dos discípulos de Emaús. A riqueza desta pesquisa está contida nos três capítulos que a compõem. Estas poucas linhas apresentarão as considerações e evidências sobre o trabalho realizado.

Um fator importante foi evidenciar que Jesus, na narrativa dos discípulos de Emaús, oferece aos dois caminhantes uma catequese, mediante sua interpretação do Antigo Testamento, a partir da história do povo de Israel, que leva os corações dos discípulos, a arder. Nota-se ainda que do episódio emerge uma interpretação cristã do AT, que terá continuidade no livro dos Atos dos Apóstolos.

Reportando-nos à intriga que perpassou a dissertação em referência, o sentido do termo caminho no evangelho de Lucas a partir de Lc 24,13-35, na primeira parte da pesquisa trabalhou-se o tema do caminho no Antigo Testamento, onde apurou-se que a concepção teológica do termo caminho foi sendo desenvolvida ao longo do Antigo Testamento, com a convicção profunda de que o caminhar na fé se faz com a constante presença de YHWH. Portanto, o caminho não é um lugar geográfico, mas uma experiência de deixar-se conduzir por Deus, como um modo de vida que tem por princípio as diretivas propostas por Ele.

Segundo a tradição do êxodo, o caminho não é um lugar, ou uma experiência ideal, mas um processo de transformação de vida no sentido pessoal e comunitário, pois é no caminho em direção à terra que Deus mostra que Israel precisa abandonar o modo de ser e agir da casa da servidão. Ao se deixar conduzir por YHWH, Israel chega à compreensão que depende de Deus para encontrar diretivas e se organizar como povo justo que rompe com a escravidão. A Torá é o grande dom recebido no caminho e que norteou toda a vida deste povo que estabeleceu uma Aliança com Deus. A experiência de caminhar com YHWH pelo deserto foi fundante na fé de Israel para estabelecer uma profunda relação com este Deus que liberta, que está presente, que orienta para uma vida nova com Ele.

Enquanto grande dom do caminho, a Torá se torna para as comunidades judaicas como o próprio caminho de vida e identidade de povo escolhido. Os elementos centrais da temática do caminho, são atualizados em Lucas, que retoma e atualiza na narrativa de Emaús os elementos essenciais deste caminhar com o Senhor. Assim como Israel sentiu a necessidade de, em tempos difíceis, refazer a experiência de se deixar conduzir e moldar por Deus no caminho do deserto, assim também as primeiras comunidades cristãs sentiram a necessidade de caminhar com Jesus ressuscitado para permanecer na comunidade dos discípulos do Senhor e, ao mesmo tempo, anunciá-lo até os confins do mundo.

Constatação esta que deu bases para se compreender, a partir do trabalho exegético, a importância do paradigma de caminho no terceiro evangelho, como lugar onde se realiza a missão de Jesus mediante a grande viagem de Nazaré a Jerusalém. Observando a estrutura do texto, a partir da obra lucana, vê-se que o autor encontra no caminho o *locus* da realização do ministério de Jesus, onde se dá a narrativa (διήγησις, Lc 1,1). Assim, a partir do evento da Ressurreição, o caminho destaca-se como lugar de ensino e instância de revelação. E, no livro dos Atos dos Apóstolos o caminho assume o paradigma da vida e da atividade missionária da Igreja.

Evidenciou-se que o caminho diz respeito a um esquema literário-teológico presente na estruturação da obra lucana, chave de leitura da referida obra. No caso do relato de Emaús, o termo ocorre pelo menos quatro vezes (vv. 15.17.32.35). O uso do verbo “caminhar” (πορεύομαι) é particular de Lucas, pelo menos 88 vezes, sendo 51 no evangelho e 37 vezes no livro de Atos. Para Casalegno, ao referir-se ao termo caminho, “[...], o evangelista quer fazer referência ao caminho concreto de cada batizado, em todos os tempos e em todos os lugares, cheio de dificuldades e de provações, porém sustentado pela ação poderosa do Ressuscitado.”³⁸⁵

À luz da perspectiva da pragmalinguística na dinâmica comunicativa, destaca-se a força performativa daqueles que se deixam transformar pela mensagem do episódio de Emaús, colocando-se no caminho do discipulado, deixando-se transformar pela Palavra e na fração do pão, no contexto da *Igreja em saída*. A trama é um convite ao *leitor-discípulo-missionário* a

³⁸⁵ CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 196.

permitir-se arder o coração e testemunhar com a vida e missão, como o fizeram Cléofas e o outro caminhante, dizendo que o Senhor realmente *ressuscitou e apareceu a Simão*.

Ainda, a pesquisa se alinha ao projeto de *Igreja em Saída* do Papa Francisco, mediante uma catequese suportada na Palavra geradora de ação transformadora na vida dos homens e mulheres *discípulos-missionários*.³⁸⁶ Que ela fomente novos leitores da obra lucana e os leve ao reencantamento pela Palavra. Isto é, gere novos catequistas – homens e mulheres que se fazem próximos, acolhedores; que caminhe junto com os catequizandos, aptos a explicar-lhes as Escrituras.³⁸⁷ Processo esse, que gera a transformação dos discípulos à fé cristã.³⁸⁸

Dessa maneira, os jovens catequizados, a partir da experiência transformadora, viverão sua fé; na catequese e na experiência da palavra, terão em Jesus um companheiro de caminhada, que senta-se à mesa para partilhar o pão, sentindo-se, assim, motivados a dar testemunho em seu contexto juvenil, do amor de Deus no cotidiano da sua vida.³⁸⁹ Enfim, o caminho da Palavra, hoje:

[...] continua em cada cristão que abraça e testemunha a presença do Ressuscitado nos irmãos e irmãs reunidos para professar a fé no Ressuscitado. Vivemos o terceiro momento do Êxodo cujo personagem podemos dizer que é a palavra lida e proclamada, para anunciar a Boa Nova do reino no caminho. Um caminho na comunidade de fé que todo cristão está chamado a percorrer no concreto da vida cotidiana.³⁹⁰

³⁸⁶ Cf. CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007, p. 21-25.

³⁸⁷ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. São Paulo, Paulus, 2020, p. 102.

³⁸⁸ BOVON, François. **El Evangelio según San Lucas** (Lc 19,28-24,53), V. IV. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 652.

³⁸⁹ LÓPEZ, Yermith Yensy Flórez. **Los discípulos de Emaús: elementos pedagógicos en perspectiva de la teología de la acción: una pedagogía de la Fe hacia el encuentro con el Resucitado para testimoniarlo vivo entre nosotros como sus discípulos**. Pontificia Universidad Javeriana, 2017. In: <<https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/21180/FlorezLopezYermithYensy2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Consulta em: 09 Jul 2020.

³⁹⁰ BRITO, Antonio Iraildo de, Alves; ALMEIDA, Benedito Antônio Bueno de. **O caminho dos discípulos em Lucas: caminho de fé e discernimento**. Revista Encontros Teológicos, p. 361-380 - n. 2 (2019), In: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1573/1241>>, consulta em 09 de jul 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Rafael; BERNABÉ, Carmen; GIL, Carlos. **Guías de lectura de los Evangelios de Mateo, Marcos y Lucas**. Navarra / España: Editorial Verbo Divino, 2014.

BARCLAY, William. **The Gospel of Luke**. Edinburgh: The Saint Andrew Press, 1975.

BAZZANELLA, Carla. **Linguistica e pragmatica del linguaggio**: Un'introduzione. Roma: Editori Laterza, 2005.

BECK, John A. **Geography and narrative Shape of Numbers**. 13. Dallas Theological Seminary: Bibliotheca Sacra. v. 157, n. 627, pp. 271-280, 2000.

_____. **Land Without Borders**: How God Guides You Through the Wilderness. Grand Rapids, Michigan: Discovery House, 2018.

BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. Sobre a palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BERGES, Ulrich. La linguistica pragmatica come metodo de la esegesi biblica. **Revista Teológica Limense**, v. 28, n. 3, p. 64-90, 1993. p. 64-90.

BLASS, Friedrich. DEBRUNNER, Albert. **Grammatica del Greco del nuovo Testamento**, Paideia, Brescia 1982.

BOSCH, David J. **A missão transformadora**: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2009.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; ROLLAND, E. Murphy. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. 1. ed. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2012.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014.

BURTON, Keith A. The Decalogue as essential Torá in Second Temple Judaism. Andrews University, Michigan: **Journal of the Adventist Theological Society**. v. 9, n. 2, pp. 310-317, 1998.

CAMPOS, Rafael de *et al.* **O homem rico e Lázaro**: as relações invertidas no Hades. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

CASALEGNO, A. **Lucas, a caminho com Jesus missionário**: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003.

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática **Dei Verbum**. São Paulo: Paulus, 2001.

CORREIA, João Alberto de Sousa. **A hospitalidade na construção da identidade cristã: uma leitura de Lc 24,13-35 em chave narrativa**. Didaskalia. Lisboa. 24:1 (2013) 1-400, Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/15085>>. Acesso em: 28 de dez. 2019.

DANTAS, José Erivaldo. **O conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. Tradução de Marcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

DILLMANN, Rainer. PAZ, César A. Mora. **Comentario al evangelio de Lucas**: Un comentario para la actividad pastoral. España, Editorial Verbo Divino, 2006.

_____. PAZ, César A. Mora. **O comentário al evangelio de Lucas**: un comentario para la actividad pastoral. España: Editorial Verbo Divino, 2006.

_____.; MORA Paz; CEZAR A. **Comentario al Evangelio de Lucas**: um Comentario para la actividad pastoral. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006.

DOMINGUES, Felipe Alves. **Caminhar juntos**: reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens. São Paulo: Paulus, 2020.

DOZEMAN, Thomas. **Commentary on Exodus**. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento**: um Projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos**, vol. II, 4ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1992.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Mathias. **Comentário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. **A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago. 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34480/34480.PDF>>. Acesso em: 21 de mai. 2020.

FITZMYER, Joseph A.; ROLLAND, E. Murphy: **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento.1. ed. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2012.

FRANCISCO, papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LIV Dia Mundial Das Comunicações Sociais**: « “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10,2). A vida faz-se história». Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 23 de mai. de 2020.

GAITÁN B, Tarcísio. **Métodos de Interpretación de la Biblia**. Cuestiones Teológicas. Medellín – Colômbia, v. 3, n. 79, p. 141-167, Enero-Junio de 2006.

GARRETT, Susan. **Exodus from Bondage**: Luke 9:31 and Acts 12,1-24. New York: Journal JSTOR, v. 52, n. 4, pp. 656-680, Oct. 1990.

GARY, W. Lighth. **Isaiah**. Louisville, London: Westminster John Knox Press, 2001.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à bíblia**. v. 5, 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

GEORGE, A. **Leitura do Evangelho segundo Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1982.

GERLAND, David E. **Luke**. Michigan: Zondervan, 2012.

GERMIQUET, Eddie. **Luke's Journey Narrative**: A literary gateway of the missionary Church in Acts. Journal Scriptura, South Africa, n. 103, pp. 16-29, 2010.

GRABBE, Lester L. **An Introduction to Second Temple Judaism**: History and Religion of the Jews in the time of Nehemiah, the Maccabees, Hillel and Jesus. New York, London: T&T Clark International, 2010.

GREEN, Joel B; MACDONALD, Lee Martin. **The World of the New Testament**: cultural, social and historical context. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2013.

GRENZER, Mathias. **O projeto do Êxodo**. 2. ed. Ampliada, São Paulo: Paulinas, 2007.

GRILLI, Massimo. **Pragmática y análisis del texto**. evangelium und kultur: texto bíblico, pragmática e interculturalidad. disponível em: <<http://www.evangeliumetcultura.org/espana/pragmatica-e-analisi-del-testo>>. acesso em: 25 de mai. 2020.

GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elizabeta M. **Comunicazione e pragmatica nell' exegesi biblica**. Milano: San Paolo, 2016.

_____.; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elizabeta M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020.

GRÜN, Anselm. **Jesus modelo de ser humano**: o evangelho de Lucas. São Paulo, Loyola, 2004.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Teológica; Edições Loyola, 2005.

HELYER, Larry R. The Necessity, problems, and promise of the second Temple Judaism for Discussions of New Testament Eschatology. Chicago: **Journal of the Evangelical Society**, n.47, v.4, p.597-615, December 2004.

HOGAN, Karina Martin; GOFF, Matthew; WASSERMAN, Emma. **Pedagogy in Ancient Judaism and Early Christianity**. Atlanta: SBL Press, 2017.

LIM, Bo H. **The Way of The Lord' in the Book of Isaiah**. New York: Published by T&T Clark International, 2010.

LOPES, Jean Richard; NEF ULLOA, Boris Agustín. **O Discipulado segundo Mateus**: Uma abordagem Pragmática-Comunicativa. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 26, n. 92, Jul/Dez, 2018, p. 103-125.

MACÍN, Ángel José. **Peregrinos de Emaús**, de caminantes desahuciados a testigos de la esperanza: un comentario contextualizado de Lc 24,13-35. Disponível em: VV.AA. En el camino de Emaús: esperanza que fecunda la historia. XXXVª Semana Argentina de Teología. Buenos Aires: Agape Libros, 2017.

MAGGI, Alberto. **III DOMINGO de PÁSCOA – 26 de abril de 2020**: Como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão. Disponível em: <<https://www.studibiblici.it/PORTOGHESE/omelie/26%20aprile%202020.pdf>>. Acesso em: 1º mai. 2020.

MANDEL, Paul D. **The Origins of Midrash from Teaching Text**. Leiden, Boston: Brill Publishing, 2017.

MARTÍNEZ, F. Garcia; PÉREZ, G. Aranda; FERNÁNDEZ, M. Pérez. **Literatura Judaica Intertestamentária**. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

MATOS, Henrique Cristiano José. **No movimento da misericórdia**. Belo Horizonte, Editora o Lutador, 1996.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João**: uma nova leitura dos evangelhos. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2017.

_____. **Lucas, a antropologia da salvação**. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino de. **O outro que me torna justo**: uma leitura pragmático-linguística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14). Didaskalia. Lisboa. 24:1 (1994) p. 49-86, Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/16969>>. Acesso em: 12 de dez. de 2019.

_____. **Método pragmático de interpretação da Bíblia**. Didaskalia. Lisboa. 27:2 (1997), p. 137-145. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/17923>>. Acesso em: 28 de dez. 2019.

_____. **O tesouro escondido**: para uma arte da procura interior. Prior Velho: Paulinas, 2011.

MERRIL, Eugene H. **The Meaning and Significance of Exodus event**. In Reverberations of the Exodus in Scripture, edited by R. Michael Fox. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2014.

MEYERS, Carol. **Exodus**: the New Cambridge Bible Commentary. Cambridge University Press, Cambridge, 2005.

MORA, Paz C. Grilli, M Dillmann. **Lectura Pragmalingüística de la Biblia: Teoría y aplicación.** Navarra: Editorial Verbo Divino. 1999.

NEF ULLOA, Boris Agustín. O método deráshico no judaísmo. **Revista de Cultura Teológica**, v. 18, n.70, abr/jun, 2010, p. 31-49

NEF ULLOA, Boris Agustín; LOPES, Jean Richard. Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos. **Revista Cultura Teológica**, Ano XXVII, nº 94, Jul/Dez 2019, p. 206-2020. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/44719> >. Acesso em: 21 de mai 2020.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas.** Tradução Gentil Avelino Tilton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos:** introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2019.
PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja.** Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em: 30 de out. 2019.

PAO, David W. **Acts and Isaianic New Exodus.** Eugene, Oregon: WIPF & Stock, 2000.

POLAK, F. H. **Theophany and Mediator:** The Unfolding of the Theme in the Book of Exodus”, *Disponível em:* M. Vervenne, The Book of Exodus. Leuven: Leuven University Press, 1996.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. Sinodalidade: escuta e comunhão na vida e missão da igreja. Grande Sinal: **Revista de Espiritualidade e Pastoral**, vol. 74, n. 01, Jan./Jun, 2020, p. 87-106. Disponível em: < <https://grandesinal.emnuvens.com.br/GS/article/view/66/45> >. Acesso em: 21 de mai 2020.

REIF, Stefan C. **Judaism and Hebrew Prayer:** new perspectives on Jewish liturgical history. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ROETZEZ, Calvin J. **The World that Shaped the New Testament.** Louisvillle, London: Westminster John Knox Press, 2002.

ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. **Antigo Testamento:** história, escritura e teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SANCHES, Sidney de Moraes. **A contribuição da análise retórica para a exegese do Novo Testamento: um exemplo a epístola aos Hebreus.** Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 49, n. 1, pp. 129-143, jan/jun, 2009, p. 139. Disponível em: <pediodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article>. Acesso em 29 de ago. 2019.

SCHWANTES, Milton. **O êxodo como evento exemplar.** estudos bíblicos, Petrópolis-RJ, v. 2, n. 6, p. 9-18, 1988.

_____. **Sufrimento e esperança no exílio**: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. Sinodal, São Leopoldo-RS: Sinodal; São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

SCHMIDT, Siegfried J. **Teoría del texto**: problemas de la comunicacón verbal. Madrid: Ediciones Catedra, 1977.

SHALOM, M. Paul. **Isaiah 40 – 66**: translation and Commentary. Grand Rapids, Michigan: William B Eerdmans Publishing Company, 2012.

SKA, Jean Louis. **O Deus oleiro, dançarino e jardineiro**: ensaios de antropologia bíblica. Tradução Alda da Anunciação Manchado. São Paulo, Edições Loyola, 2001.

SIMIAN-YOFRE, H. (Org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

STELLE, Bryan D. **Echoes of Exodus**: Tracing of Biblical Motif. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2018.

SUESS, Paulo. **Dicionário da exortação Evangelii gaudium**: 50 palavras para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

TREBOLLE BARRERA, Júlio. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã**: introdução à história da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1996.

VENANCIO, Maria Aparecida; VIEIRA, Geraldo Dondici. **O novo êxodo**: Opressão e Libertação no séc. VI a.C. Juiz de fora: CES Revista, v. 29, n. 1, jan/jul., 2015, p. 77-85.

VIDE, Vicente. **Los lenguajes de Dios: pragmática, lingüística y teología**. Universidad de Deusto, Bilbao, 1999.

VERVENNE, Marc. **Studies in the Book of Exodus**: Redaction, Reception, Interpretation. Leuven: Leuven University Press, 1996.

WIÉNER, Claude. **O Dêutero-Isaías**: o profeta do novo êxodo. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

ZIMMERMANN, Ruben. How to Understand the Parables of Jesus. University of Pretoria: **Journal Acta Theologica**, v. 29, n. 1, 2009, p. 157-182.

ANEXOS

ANEXO I - MAPA: APARIÇÕES DO RESSUSCITADO³⁹¹

Cada um dos evangelhos e alguns outros livros do NT mencionam várias aparições de Jesus após sua ressurreição, mas apenas Lucas observa que Jesus subiu ao céu do Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém. Lucas também relata a discussão de Jesus com os dois discípulos no caminho de Emaús (provavelmente Qaluniyah moderna, não o Emaús do período intertestamentário, que ficava muito a oeste). Mateus e João notam que Jesus também apareceu a seus discípulos na região da Galileia.

³⁹¹ BIBLEWORKS, LCC. BibleWorks. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, 2007. 7 CDROM

ANEXO II – RELAÇÃO DE MANUSCRITOS³⁹²

Mss. ¹	Nome	Data
Papiros - As cópias manuscritas do NT foram a princípio preparadas em escrita uncial e, até o século IV, predominantemente em papiros. Papiros: “P” gótico, seguido de número arábico sobrescrito.		
P⁷⁵	Papiro Bodmer XVI	III
Unciais - Os mss. classificados como unciais são os que passaram a ser confeccionados em pergaminho quando o papiro caiu em desuso, no início do século IV. Unciais “N” uma letra maiúscula do alfabeto português ou grego ou um número arábico, precedido de zero.		
*N	Códice Sinaiticus	IV
*A	Códice Alexandrinus	V
*B	Códice Vaticanus	IV
*D	Códice de Beza	VI
*K	Códice Moskensis	IX
*L	Códice Regius Parisien	VIII
*P	Códice Guelferbytanus A	VI
*T	Códice Borgianus	V
*W	Códice Wasingtonian	V
*I	Códice Seideliano	X
*Δ	Códice Claramontano	IX
*Θ	Códice koridethi	IX
*Ψ	Códice Athous Lovrensis	IX/X
Minúsculos - O termo designa os mss. em escrita minúsculas preparados desde o século IX, quando teve início a reforma da escrita, até o século XVI, quando começaram a surgir os textos gregos impressos – número arábico não precedido de zero.		
33		XIX
565		IX
579		XIII
700		XI

³⁹² Manuscrito

892		IX
1241		XII
1424		IX/X
2542		XIII

Lecionários - Os mss. gregos com porções do NT destinadas à leitura nos serviços de culto são denominados lecionários		
/ 844		861/862
/ 2211		995/996

Outros		
Ⲛⲗ	Texto Majoritário	
lat	lat represents the support of the Vulgate and a part of the Old Latin tradition for a reading.	
e		V
sy ^h	(=Harklensis). The version made by Thomas of Harkel in A.D. 616 is the only Syriac version containing the entire New Testament.	
sy ^{s.c.p}		
sy ^{(s.c).p.h}		
sy ^{hmg}	Marginal reading in the Harklensis supporting the variant cited. The marginal reading does not originate from the Harklensis Vorlage itself, but from Greek manuscripts consulted for this purpose. In the Catholic Letters this is true for all the Harklensis manuscripts included (in so far as they contain marginal readings), in Revelation for the manuscript used, in the rest of the NT for the Harklensis edition(s) used.	
vg ^{mss}	indicates individual Vulgate manuscripts with independent readings.	
bo	Bohairic	
bo ^{pt}	(= bopartim): Five or more Bohairic witnesses support the particular reading.	
bo ^{ms}	One Sahidic or Bohairic witness supports the particular reading.	
a	Individual Old Latin manuscripts are designated by their conventional abbreviations and letters; The Latin texts d, f and g of the bilinguals D (05/06), F (09/010) and G (011/012) are cited only when their witness differs from that of their accompanying Greek texts. their numbers in the Beuron registry are found in the Manuscript List (Appendix I).	
aur	VII	
b	V	

c	XII/XIII	
f¹	Família minúsculo 1, ou seja, os minúsculos 1, 118, 131, e 209.	
f¹³	Família do minúsculo 13, ou seja, os minúsculos 13, 69, 124, 174, 230, 346, 543, 788, 826, 983, 1689.	
sy	The entire Syriac tradition supports the variant cited. In Jc, 1P and 1J this statement refers to all the Peshitta and Harklensis manuscripts included, in 2P, 2/3J and Jd to all the Philoxeniana and Harklensis manuscripts included, in all other NT writings to all the Syriac editions included.	
sa	The Sahidic tradition generally comprises relatively few witnesses.	
co	All the Coptic versions extant for the passage witness to a particular Greek reading. For the Sahidic and Bohairic versions, the number of manuscripts supporting a particular reading is indicated in superscript. Because of the paucity of Sahidic evidence in comparison to the wealth of evidence for the Bohairic version, the following distinctions are observed:	
it	it (= Itala) represents all or the majority of Old Latin witnesses as a group.	
l	Rehdigeranus 169	VIII
McionT,^{A,E}	Marcion according to Tertullian, Epiphanius, Adamantius	

ANEXO III – RELAÇÃO DE VOCÁBULOS

Ocorrências ¹				Classificação								
Vocabulo	Lc ²	24 ³	PR ⁴	Categoria	Características	Tempo	Modo	Voz	Pessoa	Gênero	Caso	Nº
και	1469	77	40	Conjunção	Coordenativa							
εν	366	20	11	preposição							Dativa	
αυτων	211	11	9	pronome	pessoal					Masculino	acusativa	Singular
οι	201	10	8	artigo	Definido					Masculino	Nominativo	Plural
αυτοις	91	12	7	pronome	pessoal					Masculino	Dativa	Plural
δε	537	20	7	Conjunção	Coordenativa							
προς	166	13	7	preposição							Acusativa	
του	380	13	7	artigo	Definido					Neutro	Genitivo	Singular
εις	235	12	6	preposição							Acusativa	
τη	136	12	6	artigo	Definido					Feminino	Dativo	Singular
αυτος	46	7	5	Pronome	Intensivo					Masculino	Nominativo	Singular
αυτων	98	13	5	pronome	pessoal					Masculino	Genitivo	Plural
εγενετο	69	7	5	Verbo	Indicativo	Aoristo	Médio		3ª			Singular
ειπεν	231	8	4	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo		3ª			Singular

¹ Mapeamento, Cf. BIBLEWORKS, LCC. BibleWorks. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, 2007.

² Número de ocorrências do vocábulo no Evangelho de Lucas.

³ Número de ocorrências do vocábulo em Lc 24.

⁴ Número de ocorrências na Pericope, Lc 24,13-35.

τους	118	5	2	artigo	definido					Masculino	Acusativo	Plural
τω	177	7	2	artigo	Definido					Neutro	Dativo	Singular
αγγέλων	7	1	1	Substantivo						Masculino	Genitivo	Plural
αγει	1	1	1	Verbo	Indicativo	Presente			Ativo	3ª		Plural
αι	28	2	1	artigo	Definido					Feminino	Nominativo	Plural
ανασταντες	3	1	1	Verbo	participio	Aoristo			Ativo	Masculino	Nominativo	Plural
ανηρ	10	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Singular
ανοητοι	1	1	1	adjetivo	vocativo					Masculino		Plural
αντιβαλλετε	1	1	1	Verbo	Indicativo	Presente			Ativo	3ª		Singular
αι	33	2	1	preposição							Genitivo	
απεχουσαν	1	1	1	Verbo	participio	Presente			Ativo	Feminino	Acusativo	Plural
απηλθον	3	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo			Ativo	3ª		Singular
αποκριθεις	33	1	1	Verbo	participio	Aoristo			Passivo	Masculino	Nominativo	Singular
αρξαιενος	2	1	1	Verbo	participio	Aoristo			Médio	Masculino	Nominativo	Singular
αρον	7	1	1	Substantivo						Masculino	Acusativo	Singular
αρου	1	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Singular
αρχιερεις	10	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Plural
αρχοντες	2	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Plural
αντω	153	2	1	pronomne	peçoal					Masculino	Dativo	Singular
αφ	9	1	1	preposição							Genitivo	
αφαντος	1	1	1	adjetivo						Masculino	Nominativo	Singular

βραδείς	1	1	1	1	Adjetivo	vocativo						Masculino		Plural
γε	8	1	1	1	Particula									
γενομενα	3	1	1	1	Verbo	participio	Aoristo		Medio			Neutro	Acusativo	Plural
γενομεναι	2	1	1	1	Verbo	participio	aoristo					Feminino	Nominativo	Plural
γραφας	1	1	1	1	Substantivo							Feminino	Dativo	Plural
γραφας	2	2	1	1	Substantivo							Feminino	Acusativo	Plural
διεξημηνουσεν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Ativo	3 ^a				Singular
διηνοιγεν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito		Ativo	3 ^a				Singular
διηνοιγθησαν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Passivo	3 ^a				Plural
δοξαν	5	1	1	1	Substantivo							Feminino	Acusativo	Singular
δυνατος	3	1	1	1	Adjetivo							Masculino	Nominativo	Singular
δου	27	2	1	1	adjetivo	cardinal						Masculino	Nominativo	plural
εαυτου	12	1	1	1	pronome	reflexivo						Masculino	Genitivo	Singular
εγγισας	1	1	1	1	Verbo	Participio	Aoristo		Ativo			Masculino	Nominativo	Singular
εγνως	3	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Ativo	2 ^a				Singular
εγνωσθη	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Passivo	3 ^a				Plural
εδει	5	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito		Ativo	3 ^a				Singular
ειδον	5	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Ativo	3 ^a				Plural
ειπον	4	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Ativo	3 ^a				Plural
εισελθειν	13	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Aoristo		Ativo					
εισηλθεν	12	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		Ativo	3 ^a				Singular

εκφρατουντο	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Passivo	3ª			Plural
ελαλει	4	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Ativo	3ª			Singular
ελαλησαν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo	3ª			Plural
εμιαουσ	1	1	1	1	Substantivo					Feminino	Nominativo	Singular
εναντιον	3	1	1	1	preposição						Genitivo	
ενδεκα	2	2	1	1	Adjetivo	Cardinal						
εξεστησαν	2	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo	3ª			Singular
εξηγουντο	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Médio	3ª			Plural
εξηκοντα	1	1	1	1	adjetivo	Cardinal						
επεγνωσαν	2	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo		3ª			Plural
επεδιδου	1	1	1	1	Verbo	indicativo	Imperfeito	Ativo	3ª			Singular
επγνωαι	1	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Aoristo	Ativo				
επορευοντο	3	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Médio	3ª			Plural
εργω	1	1	1	1	Substantivo					Neutro	Dativo	Singular
εοπεραν	1	1	1	1	Substantivo					Feminino	Acusativo	Singular
εσταθησαν	1	1	1	1	preposição						Acusativo	
εσταυρωσαν	2	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo	3ª			Plural
ευλογησεν	5	2	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo	3ª			Singular
ευρουσαι	1	1	1	1	Verbo	participio	Aoristo	Ativo		Feminino	Nominativo	Plural
εωρακεναι	1	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Perfeito	Ativo				
ζην	1	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Presente	Ativo				

ηγγισαν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo		3ª			Plural
ηγερθη	4	2	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Passivo		3ª			Singular
ηδη	10	1	1	1	Adverbio								
ηθροισμενους	1	1	1	1	Verbo	participio	Perfeito	Passivo			Masculino	Acusativo	Plural
ηλθον	11	2	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	Ativo		3ª			Plural
ηλπιζοιμεν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Ativo		1º			Plural
ημιας	19	1	1	1	pronome	peçoal						Acusativo	Plural
ημεις	5	1	1	1	pronome	peçoal						Nominativo	
ημερας	19	1	1	1	Substantivo						Feminino	Dativo	Plural
ημεραν	7	1	1	1	Substantivo						Feminino	Acusativo	Singular
ην	86	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Ativo		3ª			Singular
ησαν	23	3	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Ativo		3ª			plural
θανατου	5	1	1	1	Substantivo						Masculino	Genitivo	Singular
θεου	72	1	1	1	Substantivo						Masculino	Genitivo	Singular
ιδου	57	3	1	1	Interjeição								
ηρσου	18	2	1	1	Substantivo						Masculino	Genitivo	Singular
ηρσους	55	1	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Singular
ισραηλ	12	1	1	1	Substantivo						Masculino	Acusativo	Singular
καθως	17	2	1	1	Conjunção	Subordinativa							
καιομενη	1	1	1	1	Verbo	Participio	Presente	Passivo			Feminino	Nominativo	Singular
καταλειθηναι	1	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Aoristo	Passivo					

κεκύλεν	1	1	1	1	Verbo	Indicativo	Perfeito	Ativo		3 ^a			Singular
κλάσας	1	1	1	1	Verbo	participio	Aoristo	Ativo			Masculino	Nominativo	Singular
κλάσει	1	1	1	1	Substantivo						Feminino	Dativo	Singular
κλέοπας	1	1	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Singular
κρίμα	2	1	1	1	Substantivo						Neutro	Acusativo	Singular
κύριος	31	1	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Singular
λαβών	7	2	1	1	Verbo	participio	Aoristo	Aoristo			Masculino	Nominativo	Singular
λαου	12	1	1	1	Substantivo						Masculino	Genitivo	Singular
λεγοντάς	1	1	1	1	Verbo	participio	Presente	Ativo			Masculino	Acusativo	Plural
λεγοντές	36	1	1	1	Verbo	participio	Presente	Ativo			Masculino	Nominativo	Plural
λεγουσαι	1	1	1	1	Verbo	participio	Presente	ativo			Feminino	Nominativo	Plural
λεγουσιν	4	1	1	1	Verbo	Indicativo	Presente	Ativo		3 ^a			Plural
λογoi	3	2	1	1	Substantivo						Masculino	Nominativo	Plural
λογω	3	1	1	1	Substantivo						Masculino	Dativo	Singular
λυτρούσθαι	1	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Presente	Médio					
μηθ	4	1	1	1	preposição							Genitivo	
μειναι	2	1	1	1	Verbo	Infinitivo	Aoristo	Ativo					
μεινον	1	1	1	1	Verbo	Imperativo	Aoristo	Ativo		2 ^a			Singular
μελλών	2	1	1	1	Verbo	participio	Presente	Ativo			Masculino	Nominativo	Singular
μετ	22	1	1	1	preposição						Genitivo		
μονος	3	1	1	1	adjetivo	Normal					Masculino	Nominativo	Singular

τουτοις	2	1	1	Pronome	demonstrativo					Neutro	Dativo	Plural
τουτων	11	2	1	pronome	demonstrativo					Neutro	Genitivo	Plural
τριτην	1	1	1	adjetivo	ordinal					Feminino	Acusativo	Singular
υπεστρεψαν	5	2	1	Verbo	Indicativo	aoristo	Ativo	3 ^a				plural
χριστων	7	2	1	Substantivo						masculino	Acusativo	Singular
ω	15	1	1	Interjeição								
ωμυλων	1	1	1	Verbo	Indicativo	Imperfeito	Ativo	3 ^a				plural
ωρα	15	1	1	Substantivo						Feminino	Dativo	Singular
ωφθη	3	1	1	Verbo	Indicativo	Aoristo	passivo	3 ^a				Singular